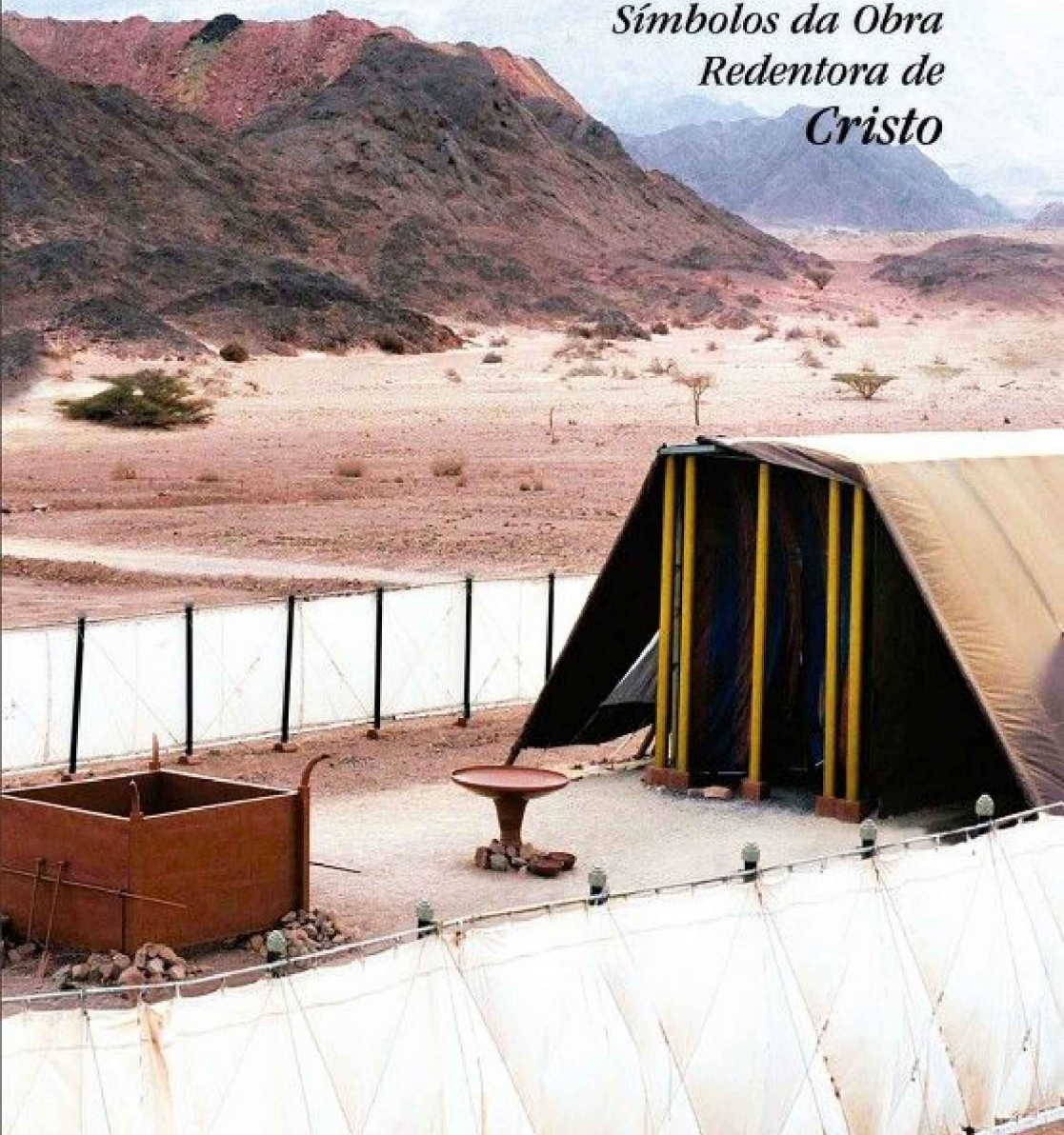
CPAD

Elienai Cabral

O TABERNÁCULO

Símbolos da Obra Redentora de Cristo



O TABERNÁCULO

O TABERNÁCULO

Símbolos da Obra Redentora de Cristo

Elienai Cabral

1ª Edição

CPAD

Rio de Janeiro

2019

Todos os direitos reservados. Copyright © 2019 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento
Revisão: César Moisés Carvalho
Capa e projeto gráfico: Elisangela Santos
Editoração: Elisangela Santos
Produção de ePub: Cumbuca Studio

CDD: 240 – Moral cristã e teologia devocional
ISBN: 978-85-263-1798-7
ISBN digital: 978-85-263-1867-0

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: 2019

Sumário

Introdução

Capítulo 1 Tabernáculo – Um Lugar da Habitação de Deus

Capítulo 2 Os Artesãos do Tabernáculo

Capítulo 3 Entrando no Tabernáculo – o Pátio

Capítulo 4 O Altar de Sacrifícios

Capítulo 5 A Pia de Bronze – Lugar de Purificação

Capítulo 6 As Cortinas do Tabernáculo

Capítulo 7 O Lugar Santo

Capítulo 8 O Lugar Santíssimo

Capítulo 9 A Arca da Aliança

Capítulo 10 O Sistema de Sacrifícios

Capítulo 11 Estrutura e Materiais do Tabernáculo

Capítulo 12 O Tabernáculo: um Projeto de Deus

Capítulo 13 O Tabernáculo do Antigo Testamento: um Tipo Perfeito de Cristo

Introdução

A tipologia bíblica constitui-se uma das maiores riquezas de proveito espiritual para o crente que deseja conhecer a Bíblia mais profundamente. A linguagem figurada na Bíblia expressa a relação de Deus, o Criador e Senhor, o Todo-Poderoso, com a sua criação e com as suas criaturas. Neste livro, trataremos da tipologia messiânica, especialmente encontrada no Pentateuco, bem como em outros livros do Antigo Testamento.

Deus estabeleceu um plano para a formação de um povo que o servisse e que o representasse perante todas as nações. Ele escolheu a Abraão, e, de sua semente, sairia o povo que o serviria (Gn 12.1-4).

Na linguagem figurada dos símbolos representativos na convivência humana, na organização social e econômica, nas relações familiares e, também, nas relações religiosas, a semente de Abraão seria abençoada. A partir da saída de Israel do Egito e sua peregrinação no deserto por 40 anos, esse povo aprenderia a depender de Deus numa relação vital. Depois de algum tempo de peregrinação, quando o povo de Israel chega ao monte Sinai, liderado por Moisés, Deus dá a ele um projeto

para a construção de um lugar para o qual todo o povo convergiria para conhecê-lo e senti-lo perto.

O Tabernáculo foi um projeto que Deus deu a Moisés e responsabilizou-o para construí-lo segundo um modelo especial. O modelo era divino, mas era feito com elementos materiais e teria um caráter temporal, que podia armar e ser desarmado para ser conduzido a outros lugares.

Neste livro, a tipologia do Tabernáculo será tratada de acordo com os parâmetros da hermenêutica bíblica. Cada detalhe da estrutura física, seus objetos, metais e madeiras, tecidos e bordados, peles e cores, estavam na mente de Deus como significados simbólicos e tipológicos voltados para revelar o seu caráter e a sua glória. A mesma tipologia aponta para um povo futuro, a Igreja, e a pessoa de Cristo Jesus. O estudo do Tabernáculo constitui-se a descoberta da maior riqueza da tipologia bíblica.

O Antigo Testamento não pode ser tratado como se fosse uma coletânea de contos históricos sem relação com o Novo Testamento. Na verdade, o Antigo Testamento oferece-nos o modo como Deus age por meio da experiência humana, tendo como ponto de partida o povo de Israel, mas com ensinos através dos tipos que essas histórias podem oferecer-nos. Portanto, como declarou Agostinho: "O Novo está contido no Antigo; o Antigo é explicado pelo Novo". Ora, se cremos que toda a Escritura é inspirada por Deus (ver 2 Tm 3.16), também entendemos que as histórias do Antigo Testamento ensinam lições morais e espirituais que são imprescindíveis na experiência cristã.

Os tipos têm a finalidade de ilustrar doutrinas fundamentais na Bíblia. Não podem ser um produto de fantasias, mas

precisam ter um claro apoio das Escrituras. Os pontos de correspondência entre os tipos e antítipos devem ser delimitados com cuidado e temor de Deus. Não se deve buscar tipos e antítipos que não tenham respaldo bíblico. Existem os abusos dos que tentam dar significado a fatos que não têm correspondência alguma com o ensino geral das Escrituras e que extraem conclusões absurdas, empobrecendo, assim, a verdade essencial da Palavra de Deus.

A tipologia pode ser definida como o estabelecimento de conexões históricas entre fatos, pessoas e coisas do Antigo Testamento com o que existe no Novo. Por isso, ao estudarmos sobre a tipologia do Tabernáculo, entendemos que ela é manifestada na pessoa de Cristo e em sua obra expiatória (1 Co 10.11).

O pastor Abraão de Almeida escreveu que "o tipo é uma representação pré-ordenada, pela qual pessoas, eventos e instituições do Antigo Testamento prefiguram pessoas, eventos e instituições do Novo Testamento". A Bíblia, de modo geral, utiliza em sua linguagem vários termos relativos aos typos que ilustram perfeitamente as verdades espirituais e são identificados como sinal (Jo 20.25); figura (At 7.43; Rm 5.14; 1 Co 10.11); forma (Rm 6.17); parábola, alegoria (Hb 9.9); modelo (At 7.44; Hb 8.4,5); sombra (Cl 2.14-17; Hb 8.5); exemplo (Fp 3.17; 1 Tm 4.12; 1 Pe 5.3; 2 Pe 2.6) e tantas outras formas de comunicação, através das quais são reveladas as coisas espirituais. Temos algumas figuras de linguagem, tais como hipérbole, metonímia, prosopopeia, sinédoque, antropomorfismo, enigma, metáfora, as quais são utilizadas no mundo secular, mas que também são encontradas na linguagem bíblica. Por isso, é necessário que o texto bíblico seja

respeitado pela linguagem do seu contexto para evitar desvios de interpretação.

Entretanto, sabemos que os tipos na Bíblia são, em sua maioria, cristocêntricos, porque revelam a natureza da pessoa de Cristo, o caráter de sua obra expiatória e a glória dos seus sofrimentos. No texto de 1 Coríntios 10.11, o apóstolo Paulo ensina que tudo isso foi escrito para assinalar que todas as coisas encontram sua consumação em Cristo e em sua obra expiatória. A consumação de todas as coisas — "chegados os fins dos séculos" — torna-se efetiva na Igreja de Cristo.

Portanto, a tipologia já é muito rica em si mesma, podendo, assim, ser explorada sem temor, desde que as regras da hermenêutica sejam sempre respeitadas. É bom lembrar que um tipo é sempre inferior ao tipificado. Nada na terra pode representar a divindade, a glória, o poder e a obra salvífica de Cristo Jesus com total precisão.

Uma das lições que aprendemos em Hermenêutica Bíblica é que todos os fatos e princípios do Antigo Testamento constituem-se em sombras ou tipos das realidades das coisas celestiais, uma vez que não há dúvida de que todo o conteúdo da Bíblia é a Palavra de Deus e que ela é proveitosa e útil em sua totalidade para instruir os que desejam conhecer o Senhor (Is 55.11; 2 Tm 3.16,17).

Qual a importância em estudar sobre o Tabernáculo? Que lições podemos tirar dessa história e tipo? Se o sistema sacrifical e o próprio Tabernáculo foram abolidos do sistema de culto dos judeus, que valor terá o estudo sobre esse assunto hoje? A resposta é dada pelo apóstolo Paulo quando ele diz que Israel havia bebido de águas no deserto e que Cristo era a rocha espiritual, da qual beberam os judeus (1 Co 10.4,5). Ora,

subentende-se, portanto, que a rocha da qual beberam os israelitas continua sendo a rocha da qual verte água para saciar a sede da Igreja hoje. Quando estudamos sobre o Tabernáculo, que é a figura do próprio Cristo, tornamos evidente que Ele é a realidade do Tabernáculo. Cristo, portanto, é nosso Tabernáculo neotestamentário. Por isso, tudo na história de Israel, desde sua saída do Egito até chegar à terra de Canaã, constitui-se em exemplo e tipo de uma realidade ainda a aparecer. Essa realidade fez-se conhecida em Jesus Cristo.

Na tradução da Bíblia King James, Paulo diz em sua epístola aos coríntios que "todas estas coisas lhes aconteceram como exemplos, e elas estão escritas para nossa admoestação"; já na ARC, a tradução do texto está assim: "Tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso [...]" (1 Co 10.11). Ambas as traduções estão corretas quando usam as palavras "exemplos" e "figuras", que aparecem no grego como typos, referindo-se ao modelo de alguma realidade que está por aparecer. Portanto, typos é, na verdade, um protótipo daquilo que pode ser reconhecido na realidade. No Novo Testamento, um typos pode caracterizar algum fato histórico que serve como modelo e que tenha um propósito didático e interpretativo. Assim sendo, vários textos do Novo Testamento são antytipos que servem como figuras de alguma realidade espiritual (Hb 9.24 e 1 Pe 3.21). Em Hebreus 9.24, o santuário verdadeiro é o tipo e o antítipo. Subentende-se, portanto, que esse santuário é a cópia do Tabernáculo que Moisés construiu.

Devemos ter em mente que nenhum tipo pode existir sem seu correspondente antítipo, assim como nenhuma sombra pode existir sem sua pertinente realidade; por isso, o estudo do Tabernáculo ensina-nos e mostra-nos a realidade das coisas

celestiais (Hb 9). Há muita revelação embutida nas Escrituras que requer de quem estuda o cuidado para entender sua linguagem.

No estudo do Tabernáculo, não devemos apenas considerar a sua bonita história. Devemos entender que o emprego tipológico do Tabernáculo não apenas objetiva a apreciação da sua historia, como também oferece lições preciosas que estão implícitas nos elementos tipológicos que revelam verdades espirituais para a nossa vida hoje.

A tipologia deve ter sua base de autoridade na Bíblia, não na imaginação do intérprete. É lamentável a banalização feita por pretensos intérpretes que, à revelia do que está revelado na Palavra de Deus, engenham interpretações que tornam a Bíblia um livro de historinhas fantasiosas e antibíblicas.



Capítulo 1

TABERNÁCULO – UM LUGAR DA HABITAÇÃO DE DEUS

Uma das primeiras lições que se aprende em Teologia acerca de Deus é que "Deus é espírito" e, por isso, Ele é autoexistente, não criado por outro ser, atemporal, autossuficiente, não restrito a nenhum determinado ponto geográfico (ver Jo 4.24). O fato de Deus manifestar seu desejo de habitar com o seu povo não o limita a nada. Ele tem origem em si mesmo, ou seja, Ele existe por si mesmo quando diz: "Eu Sou o Que Sou" (Êx 3.14).

I. Uma Morada Terrena para a Divindade

A ordem dada a Moisés para construir uma morada para Ele tinha por objetivo mostrar o seu Espírito, fazendo-se sentir pelas manifestações especiais da natureza, como fogo, nuvem, água, relâmpagos e trovões sobre o lugar da sua presença, ou seja, a sua Shekinah.

Para entendermos essa dimensão da Divindade, devemos considerar o projeto de construção do Tabernáculo. Estudar e conhecer a estrutura do Tabernáculo com seu mobiliário, suas medidas e materiais revela um Deus que se identifica com o seu povo utilizando as coisas materiais para facilitar a compreensão do povo de Israel. Desde que o Senhor mostrou o modelo a Moisés no Monte Sinai, deu a ele ordens para serem obedecidas cuidadosamente. As coisas de Deus são perfeitas porque Ele é perfeito em todas as suas obras (2 Sm 22.31; Mt 5.48). Portanto, o Tabernáculo (ohel e mishkan, heb.) era o

lugar onde o Senhor habitaria com o seu povo depois da sua saída do Egito.

II. Cinco Razões por que Deus Concedeu o Tabernáculo a Israel

Há pelo menos cinco razões da parte divina para a construção do Tabernáculo:

A Primeira Razão do Coração de Deus Era o Desejo de Habitar com os Homens

Em primeiro lugar, Deus deu a ordem: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles" (Êx 25.8). O Tabernáculo seria a morada de Deus entre o seu povo. Esse desejo divino é percebido nas Escrituras quando Deus revela-se a si mesmo ao homem. Ele aparece caminhando no jardim do Éden para comunicar-se com suas criaturas humanas, que foram criadas por Ele para sua glória.

Em segundo lugar, vemos Deus revelando-se a si mesmo a Moisés no monte Horebe, envolvido na sarça ardente (Êx 3.4), e, logo depois, Ele manifesta-se de modo incisivo a Moisés, dando-lhe instruções para libertar os hebreus da escravidão egípcia (Êx 3.5-12).

Em terceiro lugar, depois que os hebreus são libertados do Egito, Deus manifesta-se de modo espetacular no Monte Sinai envolvido numa coluna de nuvem durante o dia; às noites, Ele demonstrava sua presença numa coluna de fogo sobre o Tabernáculo (Êx 13.21).

Em quarto lugar, quando Moisés acabou de construir o Tabernáculo, a glória de Deus apareceu brilhante na mesma nuvem (Êx 40.34). A presença divina esteve constante na

marcha de Israel no deserto, e Deus falava com Moisés fazendo-se ouvir do centro daquela nuvem de glória.

Em quinto lugar, quando Salomão acabou de orar a Deus depois da inauguração do Grande Templo, a glória de Deus manifestou-se em fogo sobre o altar dos sacrifícios e encheu toda a casa (2 Cr 7.11).

Em sexto lugar, quanto à habitação de Deus com os homens, algo maravilhoso e ímpar aconteceu, porque Deus revelou-se e habitou entre nós na Pessoa de Jesus Cristo, seu Filho Amado, cumprindo-se a palavra de João: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...]" (Jo 1.14). O vocábulo "habitou" no grego do Novo Testamento é "skenoo", que significa "tenda", "morada", "tabernáculo". Ele (Jesus Cristo) montou seu tabernáculo entre nós, e nós "vimos a sua glória" (Jo 1.14).

A Segunda Razão do Coração de Deus Era Fazer do Tabernáculo uma Antecipação das Glórias que Viriam depois

Não é difícil entender que o Tabernáculo era um tipo perfeito de Cristo. Quando Ele terminou sua obra na terra, a Bíblia diz que Ele ascendeu ao céu, ou seja, ao seio do Pai Celestial, e, então, enviou o Espírito Santo para habitar na sua Igreja, ou seja, na vida pessoal de cada crente (Jo 14.16,17). O final do versículo 17 diz: "[...] porque habita convosco e estará em vós". Quando um pecador arrepende-se de seus pecados e declara que Jesus é o Salvador e Senhor, o Espírito Santo é-lhe dado como "penhor da nossa herança", ou seja, garantia de todas as promessas de Deus (Ef 1.14). Outrossim, quando o Espírito entra na vida de um pecador remido, passa a habitar dentro dele, e seu corpo passa a ser templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Se, antes no Antigo Testamento, ninguém podia chegar a Deus a

não ser pelo sumo sacerdote, agora temos acesso a Deus Pai por meio de Jesus Cristo (Hb 4.16).

A Terceira Razão do Coração de Deus É Ensinar o Conflito entre a Santidade de Deus e a Pecaminosidade do Homem

O propósito de Deus ao ordenar a construção do Tabernáculo com todas as suas restrições de acesso ao Lugar Santíssimo era mostrar o caminho para desfazer o conflito entre a santidade de Deus e a pecaminosidade do homem. Ora, no Tabernáculo, encontram-se Deus e o homem, e o conflito precisa ser dirimido. O caminho para desfazer esse conflito não é o das religiões, nem o das boas obras, nem o das justiças humanas. O caminho indicado por Deus é um só, que é Cristo e sua obra expiatória no calvário. Tudo isso é prefigurado no Tabernáculo, predito nas profecias bíblicas e confirmado pelo próprio Senhor e seus apóstolos. Há um só caminho (Jo 14.6) e um só mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2.5); há um só sacrifício, através do qual se efetuou uma eterna redenção (Hb 9.12).

A Quarta Razão do Coração de Deus para a Construção do Tabernáculo Era Tornar aquele Lugar um Lugar de Adoração e Louvor a Deus

O Tabernáculo chamava a atenção de todo o povo, porque a glória de Deus manifestava-se de modo especial naquele lugar. O Senhor manifestava-se a si mesmo naquele lugar através da palavra dos líderes do povo, especialmente Moisés e Arão. No NT, a glória de Deus é manifestada

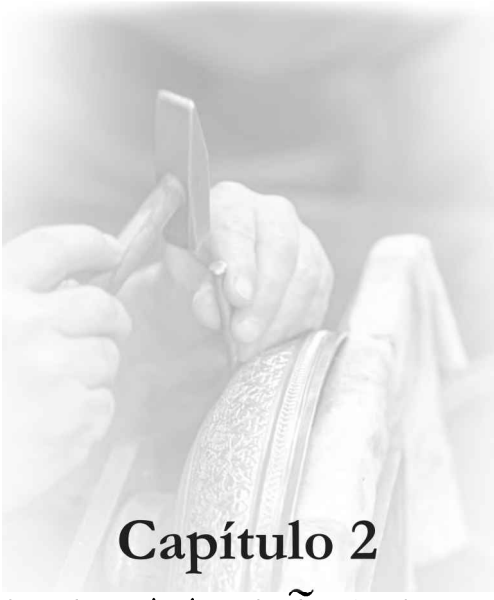
"Não é a igreja que salva, e sim uma Pessoa que salva (Jo 14.6). Não há um templo, nem um nome, nem mesmo outro fundamento. Para adorar a Deus, fazemo-lo pelo nome de Jesus Cristo (Mt

através do Espírito Santo, porque Jesus disse que rogaria ao Pai e enviaria "outro Consolador, para que [estivesse com seus discípulos] para sempre" (Jo 14.16). No AT, Deus tinha a Arca, o Castiçal de Ouro, o altar do incenso e a mesa dos pães da proposição. No NT, o modo de adorar tornou-se diferente e especial, porque o lugar da adoração é uma Pessoa, o próprio Senhor Jesus Cristo. Nessa gloriosa Pessoa, Deus encontra-se com o homem, e este com Deus. Por isso, não é a igreja que salva, e sim uma Pessoa que salva (Jo 14.6). Não há um templo, nem um nome, nem mesmo outro fundamento. Para adorar a Deus, fazemo-lo pelo nome de Jesus Cristo (Mt 18.20). 18.20)."

A Quinta Razão do Coração de Deus para a Construção do Tabernáculo Era a Necessidade de um Lugar para os Sacrifícios

A Bíblia faz entender que se podia apaziguar o poder da justiça contra o pecado mediante os sacrifícios oferecidos a Deus. Era, também, um modo de aproximar-se do Criador. Na história de Abraão, o velho patriarca entendeu que não podia chegar-se a Deus, senão mediante um sacrifício. Na sua descendência posterior, o povo de Israel entendeu a importância da Páscoa e das ofertas oferecidas ao Senhor por seus pecados. Por isso, a instituição do Tabernáculo foi a mais expressiva mensagem divina de amor e perdão para com o povo escolhido. Todo o sistema levítico foi elaborado em torno dos sacrifícios, porque esse era o modo de poder chegar a Deus. O sistema dos sacrifícios satisfazia a santidade divina, que requeria justiça e a sua devida punição, e a única maneira de satisfazer a plena e perfeita justiça divina era a oferta pelo pecado através de um só sacrifício mediante o sangue inocente

que substituiria o pecador. A porta exterior sempre estaria aberta para o pecador, e o fogo consumidor estaria ardendo sobre o altar dos sacrifícios. Tudo isso indicava que Deus estava sempre disposto a receber as ofertas voluntárias de seu povo pelos seus pecados. Assim como o derramamento de sangue do animal representava um alto custo da salvação, nada menos que o sangue de Cristo seria suficiente para satisfazer a pena do pecado por quem Jesus morreu. Deus tem avaliado nossa salvação a um custo nada menor que este: o derramamento do sangue de Jesus (ver Is 53.10). Numa tipologia especial, entendemos que o sacrifício da cruz revela a glória do caráter de Deus. Ora, como ver a glória divina na obra expiatória da cruz? Paulo disse aos romanos: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus" (Rm 3.24). Mais a frente, Paulo diz: "Mas Deus prova o seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).



Capítulo 2

OS ARTESÃOS DO TABERNÁCULO

"Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer" (1 Co 12.11)

O Tabernáculo de Moisés precisava ser construído com precisão, porque era uma cópia do Tabernáculo celestial. Tudo objetivava o futuro porque apontava para o tipo perfeito do Tabernáculo que era Jesus. Todos os elementos para construção tipificavam o Tabernáculo futuro. Tudo tinha de ser feito conforme as instruções divinas, indicando que a obra de Deus não deve ser feita relaxadamente.

Nos capítulos anteriores, o Senhor havia dado a Moisés as instruções sobre como construir o Tabernáculo e todo o seu mobiliário. Entretanto, para a execução de obras especiais que envolviam habilidades para trabalhar com metais, madeira e produtos vegetais, requeriam-se pessoas altamente preparadas. Deus escolheu um homem de nome Bezalel, que, além de toda a habilidade que possuía para trabalhar todos os materiais disponíveis com arte, foi concedida a ele inteligência artificiosa e inventiva para fazer tudo conforme o desejo de Deus. O Senhor escolheu ainda mais um homem, tão habilidoso quanto, para auxiliar a Bezalel na construção de todas as peças do Tabernáculo.

I. Homens Especiais para Serviços Especiais

Bezalel e Aoliabe, Homens Chamados por Deus (Êx 31.2,6)

Sob o comando principal de Moisés, o Senhor orientou a escolha de dois homens habilidosos que fariam todas as peças do Tabernáculo conforme o modelo (ou desenho) que o próprio

Deus concedeu a Moisés. O principal deles era Bezalel, da tribo de Judá, e o outro para auxiliá-lo era Aoliabe, da tribo de Dã (Êx 31.2,6). Ambos tinham qualificações profissionais para trabalharem em ouro, prata, cobre ou bronze, em madeira e peles.

O Método Divino ainda É o mesmo

Deus ainda chama e convoca pessoas especiais para realizar a sua obra na terra. Para a vida da Igreja, muitos trabalhos requerem habilidades especiais, e o Espírito Santo habilita e concede dons para as muitas atividades eclesiásticas não só no campo espiritual, como também em áreas administrativas, áreas artísticas, áreas sociais e outras atividades (1 Co 12.4-6). Ainda que os dons não dependam de habilidades naturais, o Senhor pode chamar pessoas que tenham habilidades especiais para realizarem as muitas atividades e serviços da vida eclesiástica. Ele, entretanto, não depende das habilidades humanas para a realização de obras especiais em sua Igreja. O apóstolo Paulo relaciona uma diversidade de dons relacionados ao serviço cristão, e o Espírito Santo seleciona pessoas para os vários serviços na igreja, do mesmo modo como houve escolha para a construção do Tabernáculo.

"Deus ainda chama e convoca pessoas especiais para realizar a sua obra na terra."

No Novo Testamento, Temos os Dons Relacionados com o Serviço Cristão (Rm 12.4-8; 1 Co 12.8-10,28)

Os serviços na Igreja envolvem todas aquelas atividades espirituais e materiais que são efetivados para a manutenção da comunhão cristã entre os irmãos, bem como para a

manutenção da ordem dos ingredientes materiais da organização da Igreja. Há uma diversidade de dons espirituais que envolvem artes no campo musical, no campo gráfico, no campo social, etc.

II. Cheios do Espírito, Sabedoria, Entendimento e Ciência (Êx 31.3-5)

Cheios do Espírito de Deus para Realizar a Obra

> "Ele, entretanto, não depende das habilidades humanas para a realização de obras especiais em sua Igreja."

Ao escolher Bezalel e Aoliabe, Deus investiu em suas vidas para que os mesmos fossem inspirados e inventivos para fazerem cada peça do Tabernáculo. Toda a criatividade de Bezalel e Aoliabe obedeceria ao plano original de Deus entregue a Moisés. Nada poderia ser feito ao bel-prazer, mas, sim, de acordo com o plano original. Moisés teve a garantia de que aqueles dois homens e todos os demais que os ajudariam nas várias atividades seriam cheios do Espírito de Deus (Êx 31.3). Essa concessão seria manifestada em sabedoria, entendimento e ciência para a realização de todas as atividades que envolviam habilidades com metais, madeiras e peles. Todas as peças fabricadas para o Tabernáculo tinham significados especiais. Esse era o modo de Deus fazer conhecida a sua vontade e o seu desejo de habitar com o povo de Israel. Toda a simbologia constitui-se figura de representação da realidade espiritual. Para o ministério cristão, o requisito para a obra de Deus ser feita é ser cheio do Espírito Santo (ver Ef 5.18).

A Prerrogativa de Deus (Êx 31.1,2)

É prerrogativa de Deus o direito de chamar quem Ele quiser. Quando Ele chama, assim o faz por nome, como fez com Moisés, Bezalel e Aoliabe. Deus é Soberano e conhece particularmente cada pessoa no mundo. Na Igreja, o método divino é o mesmo. Para o serviço do Tabernáculo, o Senhor escolheu aqueles que tinham habilidade para fazer determinada obra e encheu-os de conhecimento e ciência. Quando Jesus escolheu seus discípulos, Pedro foi especialmente escolhido para trabalhar com os judeus; mais tarde, Paulo foi escolhido para evangelizar os gentios.

Para tornar suas habilidades ainda mais precisas, Bezalel e Aoliabe tiveram a provisão de Deus, que lhes concedeu sabedoria e ciência. Na Igreja, Deus tem concedido dons a pessoas que são investidas de sabedoria para edificarem espiritual, moral e doutrinariamente o corpo de Cristo. Os ministros de Deus tornam-se sábios arquitetos e construtores da Igreja de Deus (ver 1 Co 3.9).

III. Usando os Talentos para a Glória de Deus

Os Talentos (Habilidades) de Bezalel e Aoliabe (Êx 31.1-6)

Bezalel fora especialmente escolhido por Deus por ser um artesão altamente profissional e por saber trabalhar com ouro, prata e cobre, além de outros materiais como madeira e pele. Bezalel sabia lavrar esses metais com esmero, bem como madeira para a confecção das peças sob

"Na Igreja, Deus tem concedido dons a pessoas que são investidas de sabedoria para edificarem espiritual, moral e doutrinariamente o corpo de Cristo. Os ministros de Deus tornam-se sábios arquitetos e construtores da

medida que seriam utilizadas no Tabernáculo. Ele e Aoliabe estariam submetidos às revelações de Deus para a confecção das peças que envolviam os altares, as colunas e as cortinas com suas cores. Como escultores, artesãos, carpinteiros e marceneiros, Bezalel e Aoliabe eram especialistas, e tudo quanto fizeram no Tabernáculo, independentemente da estrutura, da estética e da beleza de seus trabalhos, eram feitos para a glória de Deus. Seus talentos pessoais seriam efetivados com a supervisão de uma equipe de obreiros qualificados para moldarem os muitos objetos sagrados com ouro, prata e cobre, e até mesmo os vestidos dos sacerdotes, que eram usados nas ministrações sacerdotais no culto do Tabernáculo, seriam lavrados com pedras preciosas.

Igreja de Deus."

Os Talentos Revelados na Igreja (Mt 25.14-30)

A parábola de Jesus sobre os talentos envolvia a história de um homem rico que, precisando viajar e ausentar-se da sua terra, resolveu distribuir responsabilidades de negociação com os seus servos. Mateus utilizou o termo grego talanton, que significa "talento", e referia-se a uma moeda de alto valor. O homem da parábola distribuiu os talentos aos seus servos de acordo com a capacidade de cada um deles para negociar com aqueles talentos, que podem representar qualidades naturais e graças espirituais que qualificam pessoas a realizarem determinados serviços para o Reino de Deus. Cada crente é dotado de algum talento com o

"Cada crente é dotado de algum talento com o qual poderá trabalhar para o Senhor Jesus e receber a devida recompensa pelo seu trabalho."

qual poderá trabalhar para o Senhor Jesus e receber a devida recompensa pelo seu trabalho. Esses talentos podem representar "dons" concedidos pelo Espírito Santo, tanto em relação a talentos naturais quanto a talentos espirituais, os quais são identificados pelas habilidades úteis para os serviços da Igreja de Cristo.

IV. A Diferença entre Talentos Naturais e Dons Sobrenaturais

Nascemos com Capacidades e Talentos Naturais

À semelhança de Bezalel e Aoliabe, que possuíam talentos naturais para trabalhar com ouro, prata, bronze, madeira e outros elementos da natureza, Yahweh escolheu-os por essas habilidades e concedeu a eles capacidades sobrenaturais para realizarem as obras de arte do Tabernáculo. Entretanto, considerando apenas as habilidades naturais que uma pessoa pode ter, entendemos que esses elementos são responsáveis pela facilidade para realizar alguns trabalhos. Geralmente, essas pessoas revelam uma inclinação ou predileção para esses afazeres. Esses talentos manifestam-se com habilidades manuais, com habilidades de raciocínio lógico, com habilidades musicais e tantas outras habilidades que se manifestam no campo dos esportes, das ciências e da comunicação. Essas habilidades de berço não deixam de vir da parte de Deus, mas, na verdade, são infundidas na pessoa, às vezes por transmissão genética. É interessante perceber na história de cada família o fator genético que se revela com as inclinações para as ciências exatas, para as artes, para as ciências da medicina e outras mais. Esses talentos naturais, quando utilizados para o bem, glorificam a Deus.

Existem os Dons Sobrenaturais Concedidos pelo Criador

Não temos dúvidas de que tanto os dons naturais quanto os sobrenaturais são dádivas de Deus. Ambos crescem em efetividade com o seu uso e são prazerosos tanto individual quanto coletivamente. Os dons sobrenaturais não podem ser confundidos com os naturais. Deus, através do Espírito Santo, concedeu os dons sobrenaturais para fortalecer a Igreja de Cristo (1 Co 12.8-10; Ef 4.11).

Há, pelo menos, três listas de dons espirituais. A primeira lista em destaque aparece em Romanos 12.3-8, e Paulo dá destaque à profecia, aos serviços especiais, ao ensino, à exortação, à liderança, ao socorro ou usar de misericórdia. Uma segunda lista de dons espirituais aparece em 1 Coríntios 12.8-11, e são identificados como palavra da sabedoria, palavra de conhecimento, fé, operação de milagres, profecia, discernimento de espíritos, línguas espirituais e interpretação de línguas espirituais. A terceira lista que temos no NT está em Efésios 4.10-12, com dons espirituais identificados para os ofícios ministeriais da igreja, como apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores.

"Os dons sobrenaturais não podem ser confundidos com os naturais. Deus, através do Espírito Santo, concedeu os dons sobrenaturais para fortalecer a Igreja de Cristo."

A Diferença entre um Dom Natural e um Dom Sobrenatural

As igrejas cessacionistas entendem que os dons espirituais foram necessários para a igreja do primeiro século; para a igreja atual, esses dons manifestam-se através dos dons naturais. Entretanto, nós, pentecostais, cremos na atualidade

da manifestação dos dons espirituais. Entendemos que um talento (dom) natural é fruto de genética ou treinamento, enquanto que um dom espiritual é uma concessão do Espírito Santo. Qualquer pessoa, seja ela cristã ou não, pode possuir algum talento natural, enquanto que um cristão pode possuir um dom espiritual por concessão do Espírito Santo.

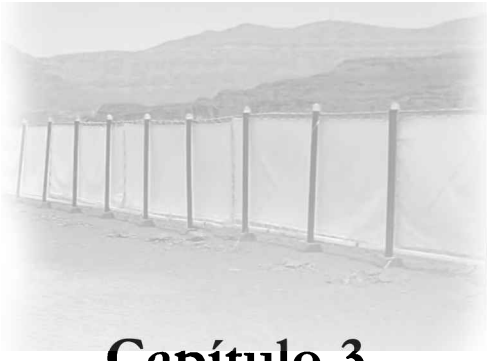
Temos o exemplo de Davi, o pastor de ovelhas e, posteriormente, rei de Israel, que tinha o dom natural para a poesia, música e até mesmo para a guerra (1 Sm 16.18). Os salmos da Bíblia são, na maioria, da autoria de Davi. Mais tarde, o seu filho Salomão destacou-se em sabedoria, a qual pediu a Deus. Ele, independentemente de capacidade natural, recebeu de Deus sabedoria do Alto e foi um dos mais sábios da terra (1 Rs 3.5-15).

Portanto, os dons naturais e os dons sobrenaturais podem ser usados para a glória de Deus. Sabemos, entretanto, que as finalidades são distintas. Os dons naturais servem para objetivos humanos, enquanto que os sobrenaturais são completamente para os serviços espirituais.

"Qualquer pessoa, seja ela cristã ou não, pode possuir algum talento natural, enquanto que um cristão pode possuir um dom espiritual por concessão do Espírito Santo."

No Reino de Deus, muitas habilidades poderão ser utilizadas não só em atividades de caráter espiritual, como também em atividades sociais, educacionais e materiais. Quantos templos têm sido construídos por pessoas dotadas de talentos especiais para esse trabalho. A recompensa dos que dão o melhor de suas forças será dada aos que forem fiéis e fizerem toda a obra com

esmero e amor.



Capítulo 3

ENTRANDO NO TABERNÁCULO – O PÁTIO

O Pátio é como se fosse um "redil de ovelhas". O pastor das ovelhas fica durante as noites neste redil como guardião do seu rebanho; assim também é o Deus de Israel (Yahweh), que desejava ficar no meio do seu povo. O Tabernáculo seria o seu redil no meio de Israel. Então, Ele mesmo propõe a Moisés construir uma morada especial no meio das tribos de Israel, na qual Ele, o Senhor, habitasse com o seu povo. Ele ordenou a Moisés que fizesse um santuário para sua presença imanente no meio de Israel. Disse o Senhor a Moisés: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles" (Êx 25.8). Em síntese, Deus desejou morar com os homens?

Depois de ter concedido o desenho a Moisés, todo o procedimento de ação para a construção do Tabernáculo iniciou-se com a doação dos materiais que seriam utilizados em sua construção. A alegria de ter um santuário no meio das tribos foi um incentivo inigualável para todo o povo. A primeira ação para a construção foi a feitura de uma cerca de linho retorcido, forte o suficiente para manter a exclusividade do Tabernáculo. Portanto, o Tabernáculo, ou seja, a "Tenda da Congregação", ficaria dentro de uma cerca que o rodeava. A cerca era feita com cortinas altas, e o material dessas cortinas era de linho fino torcido, com o qual faria a tela que circundaria todo aquele espaço chamado "Átrio" ou "Pátio".

As medidas do Pátio (Átrio) eram de 100 côvados por 50 côvados, o que equivalia, aproximadamente, a 45 metros por

22,5 metros. No desenho do projeto, não havia portinholas laterais nem traseiras. Nada nem ninguém podiam entrar no pátio, senão pela Porta Principal.

A Porta foi especialmente desenhada e construída para servir de entrada e saída ao acesso do povo naquele local. Portanto, o acesso restringia-se à parte exterior do pátio (Átrio).

Dentro dessa Cerca de linho fino retorcido, havia dois ingredientes importantes, que eram: o Altar de Bronze (ou cobre), que era usado para os sacrifícios, e a Bacia de Bronze (cobre) polido, que era usada para as purificações dos sacerdotes antes de eles entrarem no Santuário. Porém, o acesso do povo ao Santuário seria somente possível através do sacerdote, o qual apresentava os sacrifícios pelos pecados e sacrifícios de gratidão do povo. Hoje, o caminho de acesso a Deus é por Jesus Cristo, que é nossa Porta de acesso ao Pai, e pela sua carne, representada pelo véu rasgado de alto a baixo na sua obra expiatória. O autor da Carta aos Hebreus escreveu: "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne" (Hb 10.19,20; cf. Jo 10.9; 1 Pe 2.9 e Ef 2.18).

I. O Pátio entre as Tribos de Israel

O livro de Números, nos capítulos 1 a 10, relata alguns fatos acontecidos no Sinai antes da partida do povo até Cades. Nesses capítulos, Israel ainda era um povo desorganizado e, por isso, Deus ordena a Moisés fazer um censo relativo às tribos para que o legislador tivesse uma noção exata das famílias existentes e assim descobrisse homens para o serviço militar. Moisés sabia que o povo precisava de ordem para que fossem criados o contingente de guerra e os grupos para as várias

atividades sociais no meio do povo. Moisés tinha um senso de organização invejável. Assim sendo, ele fez a distribuição das tribos em torno do Tabernáculo, que ficava no centro de todas as tribos de Israel.

A melhor tipologia para o Tabernáculo é o Senhor Jesus Cristo. Ele, segundo o NT, fez-se carne e habitou entre os homens (Jo 1.14). Ele tornou-se o nosso Tabernáculo, isto é, como profetizou Isaías: "Ele vos será santuário" (Is 8.14).

A Temporariedade do Tabernáculo

Quando Israel chegou às planícies do Sinai, o povo ficou maravilhado pela beleza exuberante do lugar, do sol brilhante e das suas montanhas. O povo só não entendeu que ali era o lugar onde Deus estaria presente. A partir de então, o povo deveria reconhecer e obedecer a autoridade de Moisés e aceitar o projeto do Tabernáculo. Depois de conhecido o desenho do projeto, Moisés partiu para a execução. Naturalmente, com o material pronto, a primeira montagem do Tabernáculo foi feita de frente ao Monte Sinai, no primeiro dia do primeiro mês do segundo ano após a saída do Egito (ver Êx 40.2,17), isto é, catorze dias antes da celebração da Páscoa. Reunidos os materiais confeccionados para o Tabernáculo, os construtores sabiam que tais peças eram desmontáveis, porque aquele lugar junto ao Sinai não seria para sempre. A Terra Prometida, a Canaã desejada, estava mais à frente.

"A melhor tipologia para o Tabernáculo é o Senhor Jesus Cristo. Ele, segundo o NT, fez-se carne e habitou entre os homens (Jo 1.14)."

Posteriormente, toda a peregrinação de Israel desde o Sinai até Canaã foi registrada nos livros de Êxodo, Levítico, Números

e Deuteronômio. Nesse tempo, passaram-se mais de 39 anos, sendo que Israel passou 38 anos em Cades-Barneia. Depois que Israel, de fato, entrou em Canaã — depois da morte de Moisés, na terra de Moabe, sendo sepultado num vale naquela terra —, Josué assumiu a liderança de Israel (Dt 34.5-9). Já na terra de Canaã, Josué concitou o povo para a montagem do Tabernáculo, que teria de ser estabelecido num lugar fixo, além de estar num lugar não habitado e limpo. Em sua peregrinação pelo deserto, o povo de Israel montou o Tabernáculo em Gilgal (Js 4.19; ver 5.10; 9.6; 10.6,43), mas não ficou lá por muito tempo; então, mudaram-no para Siló (Js 18.1), terra que ficava no território de Efraim.

A história registrou vários episódios da vida de Israel, quando o Tabernáculo havia sido desmontado e a Arca da Aliança não tinha um lugar fixo para ficar. Depois das guerras nos tempos de Saul e Davi, a Arca da Aliança não tinha lugar certo para ficar. Finalmente, quando Jerusalém foi conquistada por Davi, foi preparado um local e foi armada uma tenda para guardar a Arca da Aliança. Inicialmente, ela ficou em Geba (2 Sm 6.1-3); depois foi levada para a casa de Obede-Edom e permaneceu ali por três meses (6.10,11). Davi não demorou a instalar um Tabernáculo em Jerusalém, e, posteriormente, a "Arca da Aliança" foi levada para o Templo de Salomão (1 Rs 8.1-4). Deus agradou-se desse feito e teve a sua confirmação e aprovação com a manifestação da sua Shekinah divina no Templo (1 Rs 8.10,11).

A Posição das Tribos em Torno do Tabernáculo

Era propósito de Deus morar no meio do seu povo; para tanto, Ele ordenou que fosse organizado um modo de ter cada tribo próxima ao Tabernáculo. Para entendermos essa organização

das tribos, precisamos entender o propósito divino que está resumido no texto de Êxodo 25.8, que diz: "E me farão um santuário, e habitarei no meio deles". Portanto, era o desejo de Deus habitar no meio do seu povo, e esse desejo seria efetivado com a construção do Tabernáculo, que foi montado no centro do acampamento de frente para o Oriente, isto é, para o nascer do Sol. De frente para a Porta Principal de entrada para o Tabernáculo, três tribos de Israel foram organizadas para guardarem a Porta: Judá, Issacar e Zebulom, e essas três tribos tinham "cento e oitenta e seis mil e quatrocentos" homens (Nm 2.1-9). Ao sul, na outra lateral do Tabernáculo, estabeleceram-se as tribos de Ruben, Simeão e Gade, com "cento e cinquenta e um mil e quatrocentos e cinquenta" homens (vv. 10-16). Aos fundos, a oeste para o Ocidente, na retaguarda do Tabernáculo, outras três tribos foram estabelecidas: Efraim, Manassés e Benjamim, com "cento e oito mil e cem" homens (vv. 18-23). Ao norte, na lateral do Tabernáculo, as tribos de Dã, Aser e Naftali, com "cento e cinquenta e sete mil e seiscentos" homens (vv. 25-31). O total de homens acima de 20 anos de idade era de "seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta" homens (v. 32).

O Significado Tipológico do Pátio (Átrio)

É interessante notar que o Pátio era exclusivamente israelita. Os povos gentios ao redor do acampamento de Israel não tinham acesso ao Tabernáculo, nem mesmo no Pátio, porque só Israel era o povo de Deus. Por isso, aquele lugar específico, ou seja, o Pátio, era o redil do rebanho do Senhor, que era Israel. No AT, era forte esse exclusivismo na mente de Israel (ver Jo 10.16). Era privilégio peculiar de Israel o direito a entrar no Pátio até a Porta do Tabernáculo. A partir da Porta do

Tabernáculo, somente o sumo sacerdote podia entrar e ministrar na presença de Deus. Em Cristo, porém, o acesso foi aberto a todo crente que se torna sacerdote e exerce o seu sacerdócio mediante o sangue da expiação que Cristo efetuou. Hoje, pelo Espírito Santo, temos acesso ao Pai (Ef 2.18 e 1 Pe 2.9).

O Tabernáculo era composto por várias peças diferentes, e a sua montagem tinha um caráter especial de unidade e singularidade. Deus queria que o povo de Israel visse o Tabernáculo como um todo, e não como um amontoado de peças, para gerar no coração do povo a noção da unidade. Entretanto, cada peça do Tabernáculo tem significado espiritual, pois ele representa as realidades espirituais do Tabernáculo celestial.

II. A Construção da Cerca do Pátio

O Cortinado da Cerca do Pátio Foi Feito de Linho Branco Torcido (Êx 27.9; 38.9)

O Tabernáculo ficava separado do povo, das suas tribos ao redor, por uma cerca que media todo o pátio de 45 metros de comprimento por 22,5 metros de largura aproximadamente, porque as medidas eram em côvados (um côvado é igual a aproximadamente 44,4 cm ou dois palmos). Na verdade, essas medidas não são iguais nas várias versões e traduções da Bíblia, porque a medida em côvados difere de uma para a outra. Essa é a razão por que os estudiosos preferem arredondar esse número, uns para 45 metros, e outros para 50 metros. Isso não trará nenhum problema de ordem teológica por serem números de medidas. Esta cerca era sustentada por 60 colunas de bronze, sobre as quais estava um cortinado de linho branco

torcido de aproximadamente 2,25 m ou 2,45 m de altura, de tal modo que uma pessoa em pé do lado de fora não podia ver o que estava na parte interior do pátio, senão a cobertura do Tabernáculo.

As Colunas do Pátio (Êx 27.10-12)

As colunas foram feitas com madeira de acácia e eram presas na parte inferior da cortina por bases ou placas de bronze colocadas sobre o solo. As cortinas eram costuradas uma a outra, formando uma tela bem esticada e firme, de tal modo que não se podia ver nada do lado interno do pátio. Todos os encaixes do cortinado eram metricamente perfeitos. Esses encaixes tinham cordas e pinos, e os ganchos eram revestidos de prata. A prata representa a expiação (ver Êx 38.25-28; 30.12-16; 1 Pe 2.24). O seu significado fala de elementos que representam segurança, porque a justiça de Deus foi satisfeita na obra expiatória de Cristo. Essas colunas também representam estabilidade quando fazem referência a estacas e cordas que serviam para sustentar e dar firmeza às cortinas. Essas estacas nada mais são que as promessas de Deus, as quais dão estabilidade à fé cristã (ver Jo 10.28-30; Cl 3.3). Por último, os varais de prata faziam conexão com as colunas e davam segurança a todo o cortinado da cerca, indicando que todo aquele que está justificado por Jesus Cristo está não apenas salvo, como também unido aos demais, assim como aquelas colunas estão unidas. Assim sendo, a obra redentora une os crentes (1 Co 12.12,13; Ef 2.12-16).

A Cerca de Linho Revela a Santidade e a Justiça de Deus (Is 6.3; Sl 71.19)

O caráter reservado da parte interna do Pátio revelava a santidade de Deus; por isso, somente os ministros do Santuário podiam andar no pátio, porque somente eles tinham a missão de ministrar os cerimoniais de sacrifícios pelos pecados do povo. O pecador não tinha acesso ao Santuário, senão através do sacerdote, o qual ministrava com o sangue da expiação. O "linho branco torcido" é símbolo de justiça, de pureza e retidão de Deus; por isso, o homem carece da justiça para poder entrar na presença de Deus.

A justiça de Deus está em torno da presença dEle assim como a cerca cortinada está em torno do Santuário, porque Ele é absolutamente Santo (Is 6.3).

A Santidade divina é como uma barreira que não permite ao homem entrar por si mesmo à presença de Deus. Porém, a justiça perfeita de Deus foi revelada no ato expiatório de Cristo, e nós temos acesso ao Senhor pelo seu sangue (Rm 3.22-26). Em Cristo, a justiça de Deus foi manifestada, e foi por sua graça que fomos justificados gratuitamente (Rm 3.24). Entendemos, então, que é necessária a justiça perfeita de Deus para poder ter acesso a Deus Pai.

As cortinas do Pátio do Tabernáculo de Moisés tinham uma dupla função: preservar a morada de Deus no Santuário e impedir a entrada do pecador.

III. A Porta do Pátio (Êx 27.16,17)

No cortinado da cerca da frente do Tabernáculo, o acesso era pelo lado leste da cerca protetora. Essa entrada ficava no meio da extremidade oriental e tinha o tamanho de cinco côvados (2,25 m) de altura por vinte côvados de largura (9 m). Como já foi dito, essas medidas em metros são apenas aproximadas dos côvados. A cortina da entrada, ou seja, da porta, era feita de

linho torcido e quatro cores distintas: branco, azul, púrpura e carmesim. Essa cortina era pendurada em quatro colunas de madeira de acácia, e os pendurados eram de prata, tendo suas bases de cobre (ou bronze).

A Porta do Pátio: uma Tipificação do Único Caminho (Êx 27.16)

A Porta é Cristo que veio a ser o acesso para todos os pecadores, porque Ele mesmo declarou: "Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á" (Jo 10.9). Para entrar no Pátio, havia apenas uma porta. Na tipologia bíblica, Jesus é o único caminho (porta) de acesso ao Pai: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). A Porta, portanto, era o único meio de acesso a Deus (ver Jo 14.6; At 4.12; Ef 2.18).

As quatro Colunas e suas Bases: uma Tipificação do Evangelho (Êx 27.16)

As quatro colunas são apontadas pelos estudiosos como sendo os quatro Evangelhos do NT: Mateus, Marcos, Lucas e João. Uma tipologia mais adequada é o fato de que as colunas são quatro, e o número quatro tem um significado especial, pois representa os quatro cantos da terra, ou seja, a sua plenitude. As Boas Novas de Cristo dão acesso a todas as pessoas nos quatro cantos da terra (ver Jo 3.16). A madeira de acácia das colunas tipifica a humanidade de Jesus, que se fez carne e habitou entre os homens (Jo 1.14).

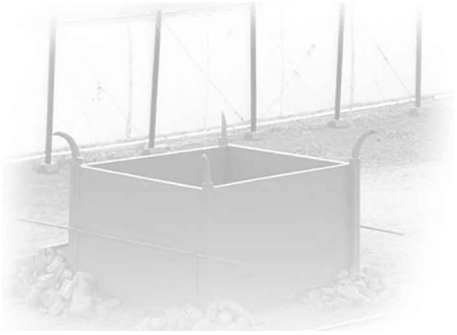
As Cores da Cortina de Entrada: Diversos Tipos (Êx 27.16)

As cores da Porta eram azul, púrpura, carmesim e branca. O "azul" lembra o céu, e Jesus veio do céu; a "púrpura" declara que

"As Boas Novas de Cristo dão acesso a todas as pessoas

Ele é o Rei Eterno, porque era uma cor que se relaciona com a Realeza e aponta para o Evangelho de Mateus, que mais enfatizou Jesus como Rei. Por catorze vezes, Mateus chama-o de "Filho de Davi", cuja descendência Deus prometeu perpetuar no trono de Israel. Na genealogia apresentada por Mateus, é destacada a ascendência real de Jesus. Mateus escreveu o seu Evangelho para os judeus que esperavam o Messias prometido. O "carmesim" era vermelho e lembra o servo sofredor que derramou seu sangue pelos pecadores no Calvário (ver Is 42.1; 53.3-5). O carmesim lembra sua humilhação (ver Fp 2.5-8). O Evangelho de Marcos é o que melhor identifica Jesus como o servo sofredor, pois ele escreveu especialmente para os romanos. A cor "branca" do linho torcido aponta para o homem perfeito, do mesmo modo como o apresentou Lucas. Linho torcido lembra justiça, e Jesus fez-se justiça por toda a humanidade (ver Rm 5.18). Jesus revelou-se como o único caminho para alcançar a graça de Deus. Ele, somente Ele, é o acesso para Deus.

nos quatro cantos da terra."



Capítulo 4

O ALTAR DE SACRIFÍCIOS

"Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa" (Hb 10.22)

O Altar de Bronze (cobre) era o primeiro objeto que se via ao entrar pela Porta do Pátio. Ele fazia parte da liturgia de adoração do povo de Israel e ficava situado fora do santuário, ao ar livre dentro do Pátio. Esse altar foi erigido para oferecer sacrifícios a Deus para que fosse conquistado o perdão dos pecados. A posição do Altar, que ocupava o primeiro lugar naquele recinto, indicava que, para chegar-se a Deus no seu Santuário, os direitos e demandas da perfeita justiça divina precisam ser satisfeitas. Antes de gozar da comunhão com Deus, devemos passar por esse Altar, que é o lugar da manifestação da justiça e do amor de Deus.

Nesse altar, eram oferecidos holocaustos, que eram ofertas voluntárias que tinham por objetivo alcançar o favor de Deus. O animal era imolado fora do Pátio. Depois de tiradas as suas vísceras e a sua pele, o animal limpo era trazido e colocado sobre o altar.

A estrutura desse altar era quadrada, com dois metros e vinte e cinco centímetros (2,25 m) de largura e dois metros e vinte e cinco centímetros (2,25 m) de altura. A construção desse altar era feita com madeira de acácia (madeira muito resistente) e revestida de cobre por dentro e por fora. Nele eram oferecidos todos os sacrifícios a Deus, tanto os sacrifícios pelos pecados que eram queimados até virarem cinza, quanto os sacrifícios que eram holocaustos de gratidão e louvor a Deus pelas suas benesses. Dos holocaustos denominados “oferta pacífica” (ou

de Paz), os ofertantes podiam comer da sua carne, sem sangue, mas não podiam consumir as suas vísceras. Do mesmo modo como se tomava o sacrifício e colocava-o sobre o altar, Jesus também foi levantado, tipologicamente, no altar do Calvário para redimir a nossa alma (ver Lv 1.8,9; Jo 3.14,15; 12.32,33; Ef 5.2).

I. Para que Servia o Altar de Bronze?

O Altar de Bronze servia para duas finalidades básicas no contexto dos rituais dos sacrifícios de animais: (1) para os holocaustos por pecados cotidianos e (2) para a expiação do pecado uma vez por ano (Êx 38.30; 30.28). As ofertas queimadas eram feitas sobre o Altar de Bronze duas vezes por dia, um pela manhã, e outro à tardinha.

Servia para Serem Feitos os Holocaustos

Antes de querer entender o sentido teológico do Altar do Holocausto, precisamos conhecer o significado da palavra "holocausto". O prefixo "olã", no hebraico, literalmente significa "ascendente" ou "aquilo que sobe". Como esse tipo de oferta era consumido no fogo, a fumaça do holocausto exalava um cheiro especial que subia para os ares. Ao entrar no Pátio, a primeira visão do ofertante era "o Altar do Holocausto", construído para oferecer sacrifícios perante o Senhor. A palavra "altar", portanto, sugere a ideia de "mesa" levantada, visto que a imolação das vítimas (animais) era

"Do mesmo modo como se tomava o sacrifício e colocava-o sobre o altar, Jesus também foi levantado tipologicamente no altar do Calvário para redimir a nossa alma."

colocada em cima do altar. Naquele lugar, era derramado o sangue dos sacrifícios pelos pecados do povo. O altar foi o único lugar onde Deus encontrava-se com o povo de Israel para reconciliação. Um animal limpo e sem defeito era oferecido ali em substituição ao pecador. Por causa da regularidade e frequência com que aconteciam os sacrifícios de holocaustos, eles eram chamados de "holocausto contínuo" (Êx 29.42). O animal sacrificado era totalmente queimado no holocausto, e o cheiro da gordura queimada sobre o altar exalava um cheiro que agradava a Deus; era um "cheiro suave, uma oferta queimada ao Senhor" (Êx 29.18). Foi o que Cristo fez por todos nós, entregando-se por nós em sacrifício suave a Deus (ver Ef 5.2).

Servia para Ser Feita a Expiação pelos Pecados

Na oferta do sacrifício para expiação pelo pecado, a vítima, depois de imolada, era queimada, e o sangue do animal era separado e colocado num vasilhame e, em seguida, era aspergido sobre o Altar de Bronze. O Altar tinha quatro pontas, que também eram identificadas como chifres. Nessas pontas, o sacerdote tingia-as com o sangue do sacrifício. É interessante saber que o vocábulo hebraico saraph significa "consumir"; por isso, o sacrifício era consumido pelo fogo do altar. Quando o animal imolado e limpo era colocado sobre o altar de fogo, tornava-se maldito por Deus em lugar dos seres humanos pecadores. Ora, entende-se que expiação é quando Deus perdoa o pecado de um pecador arrependido e abre o caminho para a reconciliação com o pecador mediante um sacrifício de um substituto. Deus aceitava o animal que era sacrificado no lugar do pecador, que deveria morrer por conta de seu pecado, mas que acabou sendo salvo por esse substituto que morreu em seu

lugar. No NT, Jesus Cristo é o Cordeiro substituto que deu a sua vida pelos pecadores de todo o mundo (ver Jo 3.16). Jesus fez de si mesmo a oferta pelo pecado, e o seu sangue é o que "nos purifica de todo o pecado" (1 Jo 1.7).

Servia para Queimar o Incenso

Havia uma distinção entre o Altar do Incenso, que era feito de madeira de acácia coberto de ouro (Êx 30.1-8), e o Altar de Bronze. Este Altar também usava o fogo para queimar o incenso que era composto de resinas, gomas e gravetos de plantas aromáticas. O composto do incenso tinha estoraque, ônica (ou onicha), gálbano perfumado e outras árvores odoríficas. Geralmente, o sacerdote tomava brasas do Altar de Bronze lá fora no Pátio com uma pá no fundo do altar e espargia o pó do incenso sobre as brasas do altar, fazendo exalar um agradável odor no ambiente do Lugar Santo. Era o símbolo das orações e intercessões em favor do povo de Israel. A fumaça do incenso subia e enchia o ambiente com agradável cheiro, que representava as orações que subiam até o trono da Graça (ver Lc 1.8-13; Ap 5.8; 8.3,4).

"No NT, Jesus Cristo é o Cordeiro substituto que deu a sua vida pelos pecadores de todo o mundo (ver Jo 3.16). Jesus fez de si mesmo a oferta pelo pecado, e o seu sangue é o que 'nos purifica de todo o pecado' (1 Jo 1.7)."

II. O Modelo do Altar e seus Materiais (Êx 27.1,2,8)

As Medidas do Altar de Bronze (Êx 38.1-8)

O Altar de Bronze tinha forma quadrada e, internamente, era feito de madeira de acácia e revestido com uma camada grossa

de bronze (ou cobre). Suas medidas exatas eram de cinco côvados de comprimento (2,25 m), cinco côvados de largura (2,25 m) e três côvados de altura (1,35 m). A base desse altar era mais alta; por isso, os sacerdotes subiam para ministrar no Altar de Bronze.

O altar tinha quatro pontas para cima em forma de chifres. Quando o sacerdote entrava com o animal para o sacrifício, amarrava-o num desses chifres até o momento de ser imolado. Na Bíblia e nas culturas antigas, os chifres eram o símbolo de autoridade, de poder, de domínio; por isso, Moisés ordenou que essa simbologia fosse colocada nas quatro pontas do altar. O poder de salvar e proteger os pecadores estaria ao alcance de todo o mundo por aquEle que se tornaria o Cordeiro Salvador no madeiro do calvário (Jo 5.17,19,21,23; Mt 28.19; Mc 16.15; Lc 24.47; At 1.8 e 1 Jo 2.2). Tão logo o pecador adentrava na Porta do Pátio do Tabernáculo, ele teria que passar a alguns metros de distância pelo Altar de Sacrifícios e apresentar sua oferta ao Senhor, pelos seus pecados, através do sacerdote que o representava. Por isso, o Altar dos Holocaustos indica o caminho para a expiação do pecador e aponta para a cruz de Cristo (o Altar), o qual, como Cordeiro de Deus, fez-se oferta para expiar o pecador de suas culpas. Cristo foi "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). O cobre (ou bronze) exterior do Altar dava consistência à estrutura dele. Sua tipologia é o juízo perfeito de Deus. A consistência desse metal na estrutura do Altar fala-nos da fortaleza divina e a resistência para suportar o juízo de Deus sobre o pecado. Ele, Jesus, fez-se pecado por nós (Sl 16.8; Is 53.4,10; Zc 13.7; Mt 26.39; 1 Tm 2.5,6).

A Madeira de Cetim (Acácia) com o Revestimento de Bronze (ou Cobre) (Êx 27.1)

Era ordem de Deus que o fogo deveria arder continuamente sobre o altar (Lv 6.13). A parte interna do altar foi feita com madeira de acácia, muito resistente, típica das regiões desérticas, qualidade que indica a humanidade de Jesus, o qual se fez carne mesmo sendo Deus (Jo 1.14). O revestimento com bronze (ou cobre) era uma lâmina de metal que protegia a madeira interior do altar. Bronze e madeira, elementos da manifestação da justiça de Deus ante o pecado e a santidade divina para com o pecador. Esse metal (cobre ou bronze) tinha a capacidade de resistir as ardentes chamas dos juízos de Deus. Portanto, o metal fala-nos de juízo e santidade, e a madeira fala de sacrifício. Por isso, quando entramos pela Porta do Átrio, deparamo-nos com o Altar de Bronze, que recebe no fogo o nosso sacrifício representado por Jesus (Hb 9.14). A maravilha de tudo isso é que Deus, o Justo Juiz, aceitou o sacrifício de Jesus, sendo glorificado na reconciliação do mundo consigo mesmo (Cl 1.20-22).

III. As quatro Pontas (Chifres) do Altar e o Sentido de Redenção (Êx 27.6,7)

A Linguagem Figurada das quatro Pontas

A linguagem figurada de coisas e objetos no AT prefiguram coisas e experiências no NT. As quatro pontas que se pareciam com "chifres" denotavam autoridade espiritual. No mundo animal, os chifres significam a força, o poder e a autoridade de um animal. No

"A maravilha de tudo isso é que Deus, o Justo Juiz, aceitou o sacrifício de Jesus, sendo glorificado na reconciliação do mundo consigo mesmo (Cl 1.20-22)."

campo espiritual, “os chifres”
falam de autoridade. No Altar de Sacrifícios, havia quatro pontas; quando o sacerdote tomava o sangue do animal, ele aspergia-o nessas quatro pontas.

Dois fatos históricos citam o Altar de Sacrifícios. O primeiro aconteceu quando Adonias, filho de Davi, não aceitando que se assentasse Salomão no trono de seu pai e percebendo que podia ser morto por traição, “pegou das pontas do altar” para não ser morto (1 Rs 1.50). Outro fato aconteceu com o general do exército de Israel, Joabe, que seguiu a rebelião de Adonias, mas também percebeu que podia morrer e, por isso, “pegou das pontas do altar” (1 Rs 2.28).

Podemos interpretar a tipologia “das pontas do altar” significando quatro elementos da nossa redenção quando passamos pelo Altar de Sacrifícios.

a) O primeiro significado do alcance da redenção chama-se **Propiciação**. O que significa a palavra propiciação? O ato de propiciar implica “tentar obter de (alguém) sua boa vontade, torná-lo favorável, aplacar a sua ira [com sacrifícios]” (Dicionário Houaiss, sem colchetes no original). O sangue do sacrifício era a vida inocente daquele animal; por isso, quando o sacerdote imolava o animal e retirava o seu sangue em uma bacia, era feita a oferta pelos pecados. Era uma propiciação, ou seja, um modo de readquirir o favor de Deus. Constituía-se numa ação para apaziguar a ira

> “Por meio da morte de Cristo, é feita a propiciação para cobrir o pecado do homem e manifestar a justiça divina, havendo Cristo levado sobre si toda a culpa. Trata-se de um ato gracioso da graça de Deus.”

de Deus, a fim de que sua justiça e santidade fossem satisfeitas e, com essa ação, receber o perdão dos pecados. Por meio da morte de Cristo, é feita a propiciação para cobrir o pecado do homem e manifestar a justiça divina, havendo Cristo levado sobre si toda a culpa. Trata-se de um ato gracioso da parte de Deus (ver Rm 3.24-26; 1 Jo 2.2).

b) O segundo significado redentivo chama-se **Substituição**. Entendemos esse aspecto quando lemos Levítico 16. Arão, o sacerdote, colocava as mãos sobre a cabeça do animal para o sacrifício, que deveria ser um macho sem defeito, e então confessava os pecados do pecador com a sua oferta. Jesus Cristo levou sobre si a culpa do homem e ofereceu-se para o sacrifício na cruz do Calvário (ver Is 53.4-6; Jo 1.29; 1 Pe 2.24). A pena não foi adiada, mas foi cumprida totalmente na pessoa de Jesus Cristo, que se fez pecado por nós (ver 1 Co 5.7).

c) O terceiro significado redentivo chama-se **Reconciliação**. O Altar foi o único lugar onde Deus encontrava-se com o povo de Israel para reconciliação. Uma vítima inocente era consumida e queimada com todas as suas vísceras, e somente o sangue era retirado e colocado numa pequena bacia para ser levado ao Lugar Santíssimo, o qual era aspergido sobre o Propiciatório (Êx 29.11-14; Lv 4.12,16-21; 16.14-19,27). Esse rito ensina-nos que a cruz é o único lugar onde Deus tem um encontro com o pecador, perdoado e reconciliado mediante o sangue da expiação (ver Hb 9.12; Rm 5.10,11; 2 Co 5.18,19). Foi na cruz que o Inocente pagou pelo

"A cruz é o único lugar onde Deus tem um encontro com o pecador, perdoado e reconciliado mediante o sangue da expiação."

culpado e a dívida foi paga. Em Cristo, sabemos que "nenhuma condenação há" (Rm 8.1).

d) O quarto significado redentivo é a própria **Redenção**. A ideia que nos dá a palavra Redenção é a da libertação da escravidão do pecado. Redenção implica o pagamento de um preço pelo resgate, e a morte de Cristo foi o preço de nossa Redenção (ver Mt 20.28; At 20.28; Gl 3.13; Ef 1.1; 1 Tm 2.6; 1 Pe 3 1.18,19; Rm 6.14,18,22; 8.2). É interessante notar que o termo "redimir" aparece na língua grega como "resgatar" e significa "comprar e tirar fora do mercado" de uma vez por todas para que jamais, por nenhuma circunstância, venha a voltar ao estado de escravidão. Trata-se de uma palavra proveniente do comércio de escravos.

É impossível alcançar a graça de Deus sem passar pelo Altar de Sacrifícios com a sua oferta pelos seus pecados. Em nossos tempos do NT, Cristo é a nossa oferta pelos nossos pecados. Ele ofereceu a si mesmo em sacrifício para expiar a nossa culpa.



Capítulo 5

A PIA DE BRONZE – LUGAR DE PURIFICAÇÃO

"Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3)

Desde a Porta do Pátio, em linha reta até o Santuário, estavam o Altar de Bronze para os sacrifícios e, logo a seguir, de frente à entrada do Lugar Santo, estava outra peça importante do serviço sacerdotal, que era a Pia de Bronze, para lavagem cerimonial dos sacerdotes (ver Êx 30.18). Para essa peça de metal, não havia um formato específico, redondo ou quadrado, nem medidas especificadas. A finalidade da Pia era para os sacerdotes lavarem suas mãos e pés quando iam ministrar dentro do Santuário.

Cada um dos móveis do Tabernáculo tinha uma finalidade e um significado particular na tipologia bíblica, e a Pia de Bronze (cobre) não era um simples receptáculo de água de lavar as mãos. Era um objeto consagrado que fazia parte dos rituais de purificação dos sacerdotes. O termo hebraico kyyor para a "pia" é "fonte", que significa "lugar de lavar-se". Era, de fato, uma bacia que podia ser redonda ou mesmo quadrada. As imagens que mais se apresentam nas ilustrações dessa bacia são redondas, mas não há como provar isso.

I. A Pia de Bronze – a Importância da Santidade (Êx 30.17-21)

Independentemente do "Dia da Expiação", quando era imolado apenas um cordeiro pelo pecado do povo, e o sumo sacerdote ministrava com o sangue da expiação na presença de Deus no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo, as pessoas podiam, uma por

uma, entrar no grande pátio do Tabernáculo pela manhã e à tarde acompanhando o sacerdote, primeiramente no altar de sacrifícios. Depois, o sacerdote lavava-se na Pia de Bronze, que tinha uma água limpíssima, e lavava as mãos e os pés antes de adentrar no Santuário.

A Pia de Bronze Ficava no Pátio entre o Altar de Sacrifícios e o Tabernáculo

Para que os sacerdotes pudessem ministrar tanto no Pátio quanto no Lugar Santo, independentemente do serviço do sumo sacerdote que ministrava no Lugar Santíssimo, eles precisavam fazer as abluções necessárias. O recipiente para conter água, identificado como uma bacia ou pia lavatório, servia como lavabo e recebia água limpíssima, e alguns comentadores bíblicos dizem que eram águas trazidas da rocha de Horebe, ainda que não há nada no texto bíblico que possa comprovar isso. O importante é que as águas eram limpíssimas, e os sacerdotes, depois de ministrarem no Altar de Sacrifícios e sujarem as mãos e os pés com as vísceras e outros órgãos rejeitados para os sacrifícios, deviam lavar-se com aquelas águas (ver Êx 30.17-21). Os sacerdotes não podiam banhar-se dentro da bacia, mas deviam tirar as águas do interior da bacia para lavarem-se. Depois de lavados, os sacerdotes mudavam suas roupas e, devidamente limpos, podiam entrar no Tabernáculo para ministrarem perante o Senhor no Lugar Santo. A parte interna da pia (ou bacia) tinha que brilhar e refletir como "o espelho das mulheres" para revelar, na exposição ao sol, toda a sujeira da lavagem. A Bíblia diz que a "palavra de Deus" é como "espelho". Paulo escreveu: "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a

glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (ver 2 Co 3.18).

Nosso pecado foi expiado por Cristo no altar de sacrifícios, a Cruz do Calvário. Porém, a limpeza das sujeiras do pós-sacrifício implica, tipologicamente, na limpeza da imolação, do sangue e das vísceras, a qual tinha de ser feita pelos sacerdotes antes de entrarem no Lugar Santo e o Lugar Santíssimo (ver Sl 24.3,4; Is 52.11; Jo 13.8; 1 Co 6.11). Ora, todos sabemos que, no dia a dia, às vezes ficamos manchados e sujos com as sujeiras de ações carnais (ver 1 Jo 1.8,10), mas temos o recurso purificador e santificador da Palavra de Deus, prefigurada pela água da Pia de Bronze. O sangue de Jesus, mediante nossa aceitação dEle como Expiador, quita a culpa (ver Rm 3.24,25; Ef 1.7), mas todos sabemos que a nossa natureza pecaminosa ("o velho homem", Ef 4.22) ainda produz o pecado e expõe-nos constantemente às tentações que nos rodeiam e assediam (ver Hb 12.1). A Palavra de Deus, porém, é o espelho que mostra quem somos e as obras que praticamos para que nos purifiquemos com a ajuda do Espírito Santo. A Palavra de Deus, portanto, revela nossas impurezas e, por isso, precisamos ver com cara descoberta quem somos.

"Nosso pecado foi expiado por Cristo no altar de sacrifícios, a cruz do Calvário."

A Bacia Era de Bronze Polido (Cobre), e o seu Interior Era como o Espelho das Mulheres (Êx 38.8)

Com a água limpíssima e exposta à luz do sol, toda e qualquer sujeira era revelada no interior daquela bacia. A obra regeneradora do Espírito Santo torna-nos limpos e lavados. Ninguém entrará na presença de Deus no seu santuário com as

marcas das sujeiras do pecado (ver 2 Co 5.16,17). Paulo falou aos efésios da obra santificadora e purificadora por meio da "lavagem da água, pela palavra" (Ef 5.26). O interior da bacia como "o espelho das mulheres" sugere uma tipologia especial. Ora, quando os sacerdotes lavavam-se com aquela água, as sujeiras revelavam o estado daquelas pessoas. Assim, também, é o poder extraordinário da Palavra de Deus em revelar a verdade de cada um de nós. Todas as sujeiras morais e espirituais são reveladas nesta "bacia". Por isso, ninguém deve tentar chegar com as sujeiras da sua vida, mas deve lavar-se pela "lavagem com água" da Palavra de Deus. Aquele receptáculo construído com metal polido podia refletir o rosto das pessoas e, por isso, no exercício do ministério sacerdotal, cada sacerdote precisava conhecer e perceber o estado de sua limpeza para poder ministrar na presença de Deus.

A Pia de Bronze Tinha um Caráter de Juízo sobre a Vida do Crente

No Altar de sacrifícios, o juízo era aplicado sobre o pecador com a oferta do sacrifício, dessa forma ele obtinha remissão dos pecados. A redenção do pecador aponta para Cristo, que ocuparia nosso lugar como substituto. Ele assumiu sobre si o juízo que merecíamos e assim o fez pela sua morte vicária (ver 2 Co 5.21; Gl 1.4). Porém, as águas da pia tinham como finalidade lavar aquele que já passou pelo Altar de Sacrifícios, e agora, "as águas" que simbolizam a Palavra de Deus têm o poder de limpar e disciplinar nossas obras para uma vida cristã santa e purificada (ver 1 Co 3.13-15; 5.3-5; 11.31,32; 2 Co 5.10). Mesmo que nossos pecados tenham sido expiados (ver Hb 10.17), tudo quanto fazemos em nosso dia a dia precisa passar

pela limpeza para que, quando chegar o juízo para recompensa, sejamos julgados pelas nossas obras.

II. O Significado que Distingue o Altar de Sacrifícios e a Pia de Bronze

O Altar de Sacrifícios Simboliza a Obra de Cristo como Obra Completa e Concluída (Jo 19.30)

O Altar de Sacrifícios ensinou-nos o que Cristo faria por nós, pecadores. O texto de Hebreus 9.14 diz: "Quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus Vivo?". No altar de sacrifícios, aprendemos que Cristo ofereceu-se a Deus em oferta pelos nossos pecados. A distinção está no fato de que as águas da Pia de Bronze simbolizam a provisão ilimitada para todas as nossas necessidades, para que possamos desfrutar da completa plenitude de vida que Deus concede ao crente em Cristo (ver Jo 10.10; 1 Jo 5.11,12). Porém, a fonte das águas da Pia de Bronze ensina-nos o que o Espírito Santo faz em nós juntamente com a Palavra de Deus (ver Sl 1.2,3; 1 Co 6.11; Ef 5.26).

A Pia de Bronze Tipifica a Operação de Lavagem de Limpeza e Purificação

Paulo escreveu aos coríntios: "E é o que alguns têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus" (1 Co 6.11). Uma vez lavados e santificados, podemos andar na luz, porque o espelho do interior da bacia revela todas as coisas. Ora, então, sejamos "filhos da luz" para mostrarmos que nossas obras são "fruto da luz" (ver 1 Jo 1.7; Pv 4.18; Ef 5.8,9).

Reflexões da Tipologia da Fonte da Pia Lavatório

Para os serviços diários, depois da imolação dos cordeiros, pela manhã e à tarde, os sacerdotes lavavam apenas as mãos e os pés. Porém, na consagração dos sacerdotes, Arão e seus filhos eram banhados completamente. Aquele banho implica uma purificação de todo o corpo, tornando-os aptos para fazer os serviços sacerdotais. Esse banho completo simboliza a obra regeneradora do Espírito Santo. Mesmo lavados completamente, nossas atividades cotidianas acabam por contaminar nossas mãos e nossos pés; por isso, o cristão precisa de uma limpeza constante e diária, e é nosso contato com a Palavra de Deus que produz essa limpeza de vida.

III. Dois Aspectos do Rito de Lavagem dos Sacerdotes

Depois de haver cumprido a tarefa no Altar de sacrifícios, nenhum sacerdote podia entrar afoitamente no Lugar Santo do Tabernáculo sem antes haver lavado mãos e pés, a fim de estar limpo para servir no Santuário. Quando se lavava com as águas da Pia de Bronze, todo sacerdote conservava a ideia da santidade de Deus e da purificação que Ele demanda de seus oficiantes. O Altar tinha a ver com os pecadores; já a Pia de Cobre tinha a ver com sua separação para entrar no Santuário e ministrar naquele lugar.

O Primeiro Aspecto Refere-se à Lavagem Completa

Essa lavagem completa era mais do que o simples lavar de mãos e pés. Significava "a obra regeneradora", que implicava o primeiro passo para a consagração sacerdotal. Naturalmente, é inaceitável que um ministro queira ministrar na casa de Deus sem que antes tenha sido regenerado (ver Jo 13.10). Esse ato de

lavagem completa implica numa obra de limpeza completa que só a Palavra de Deus e o Espírito Santo podem operar (ver Jo 3.5,7; Jo 15.3; Tt 3.5; 1 Pe 1.23).

O Segundo Aspecto Refere-se a uma Lavagem Progressiva e Constante

No dia a dia sacerdotal, a limpeza exigida era apenas das mãos e dos pés (ver Êx 30.19) para ministrar no Lugar Santo. Portanto, o segundo passo para a consagração dos sacerdotes era a santificação, que significava a separação total da vida natural. De fato, a palavra usada no original hebraico para "lavar-se" como um ato do Espírito que opera em nós a santificação (ver Ef 5.26; 2 Co 7.1), tem justamente esse sentido. À luz de tudo quanto temos estudado nesta lição, devemos assimilar as lições que aprendemos:

(a) O sangue de Cristo livra-nos da pena do pecado (ver Mt 20.28; 26.28; 1 Pe 1.18,19; 1 Jo 1.7).

(b) A Palavra de Deus revela quem somos (ver Tg 1.22-24; 1 Co 13.10) .

(c) Nossa limpeza espiritual é prioritária e de absoluta necessidade (ver Jo 15.3).

Tanto o Altar de Sacrifícios quanto a Pia lavatório eram de bronze, indicando a sua finalidade tipológica, que é o juízo. No Altar, o pecado é julgado mediante o sangue expiador do sacrifício substituto; na Pia lavatório, o juízo tem caráter disciplinário. Esse fato aponta para Cristo, que tomou nosso pecado e cravou-o na cruz, fazendo, assim, uma obra completa (Jo 19.30). A Pia constitui-se a provisão de Deus para nossa disciplina diária, a fim de obtermos e desfrutarmos da

comunhão plena e uma vida vitoriosa sobre o pecado (Jo 10.10; 1 Jo 5.11,12; 1 Co 3.13-15).

Ora, uma vez que passamos pelo Altar de Sacrifícios, podemos exercer nosso sacerdócio real, passar pela Pia de Bronze e sermos lavados pelas águas da purificação por meio de Jesus Cristo, nosso representante. Nossa limpeza espiritual é prioridade e de absoluta necessidade. As águas límpidas que lavam e o seu espelho que revela nossas obras tornam-se imprescindíveis para que nossa vida seja abençoada e útil para o Reino de Deus.



Capítulo 6

AS CORTINAS DO TABERNÁCULO

"Deus tomou coisas simples do tabernáculo para compará-las com coisas celestiais a fim de que aprendamos verdades espirituais em linguagem figurada" (ver Êx 26.1-14)

Num capítulo anterior, tratamos do cortinado do pátio do Tabernáculo, que cercava aquele lugar sagrado do povo de Israel. Alguns estudiosos fazem distinção entre o Santuário, vendo-o como sendo o Lugar Santo, e o Tabernáculo como o hamiskhan de Yahweh, o Deus de Israel. Entretanto, toda a estrutura do Tabernáculo é, sem dúvida, o Santuário do Altíssimo.

As cortinas internas e as externas do Tabernáculo foram feitas com especial primor e beleza para, em primeiro lugar, enaltecer a presença divina no Tabernáculo e, em segundo lugar, para dar um sentido de santidade aos serviços sacerdotais no seu interior. As cortinas externas eram para cobrir o Tabernáculo. Portanto, toda a sua estrutura teve o trabalho inspirado dos artesãos, os quais receberam de Deus todo o desenho do projeto do Tabernáculo para ser o lugar da habitação de Deus com o seu povo. Era o hamiskhan de Deus, que, em hebraico, significa "habitação, morada" de Deus no meio do seu povo.

Para que as cortinas pudessem ser armadas, toda a construção requereu uma base especial que incluía madeira e metais. A madeira era de cetim, serrada em tábuas lisas, as quais eram ligadas uma a outra e, em seguida, revestidas com ouro, sendo toda a base de sustentação de prata.

Todo aquele lugar tornou-se santo, um lugar de habitação, uma morada especial para o Deus de Israel, que veio habitar

numa "morada santa" com o seu povo. Como era uma habitação especial, todos os materiais utilizados no Tabernáculo tinham um significado especial e celestial, começando com a cobertura de cortinas internas e externas.

Essas cortinas e cobertas feitas para o Tabernáculo eram figuras e tipos de Jesus Cristo, visto que cada elemento material tinha um tipo celestial e mostrava, numa linguagem figurada, algumas características da obra redentora de Jesus. Num sentido especial, Cristo tornou-se a nossa cobertura perfeita porque Ele cobriu o nosso pecado (ver Sl 32.1,2; Rm 4.6-8).

I. As Cobertas e as Cortinas do Tabernáculo (Êx 26.1-14)

A despeito dos detalhes especificados dos materiais e cores utilizadas para compor a estética do Tabernáculo, a construção tinha de ser de fácil montagem e desmontagem por causa das mudanças de locais na vida desértica de Israel.

A Coberta Exterior

Qual a diferença das cortinas internas para as externas? A coberta exterior era rústica, contrastando com a beleza interior. Por isso, tanto as cortinas internas quanto as externas revelam tipologicamente a figura de Jesus, que, sendo Deus, "aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo" (Fp 2.6-8). Os olhos humanos não podiam vê-lo como Deus, e sim como "o filho do carpinteiro" (Mt 13.55). Ele, no entanto, era o Verbo (a Palavra viva) feito carne (Jo 1.14).

"Simbolicamente, a cobertura exterior do Tabernáculo representava a humanidade de Jesus; por isso, sendo Deus, fez-se carne."

Esta coberta era feita de peles, ou pelos, de animais e não tinha beleza exterior que chamasse a atenção (ver Is 53.2). Simbolicamente, a cobertura exterior do Tabernáculo representava a humanidade de Jesus; por isso, sendo Deus, fez-se carne (ver Jo 1.14). Uma das finalidades da coberta exterior era resistir às intempéries climáticas do deserto e, por isso, era rústica. Essa coberta tinha uma estrutura de madeira de cetim cortada em tábuas que servia para as partes internas e externas (Êx 26.15-30), a qual recebia uma lâmina de ouro que sustentava as peles estendidas sobre o Tabernáculo. Quem olhasse para a Tenda do lado de fora nada veria de especial, porque essa coberta era parecida com a cor do deserto, ou seja, não tinha beleza alguma. Essa tenda é um tipo de Jesus quando se fez homem, cumprindo, assim, a profecia de Isaías 53.2: "Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza havia, para que o desejássemos".

As Cortinas Internas

Indiscutivelmente, as cortinas internas do Tabernáculo feitas com linho retorcido branco, estofo azul, púrpura e carmesim revelavam, tipologicamente, o caráter de Jesus. O linho retorcido é um símbolo de justiça (ver Ap 19.8). Por baixo da primeira cobertura de peles, eram colocadas peles de carneiro tingidas de vermelho (ver Êx 26.14), que representam a Cristo em seu sacrifício na cruz do Calvário. A cor vermelha representa o seu sangue, que remiu nossos pecados. Ainda por baixo das peles de carneiro de cor vermelha, havia outras peles que eram de cabra, e eram brancas, sem ser tingidas (26.7-13), e elas falam da pureza do Senhor Jesus e da sua justiça perfeita para com os que confiam nEle e no seu sangue (ver 2 Co 5.21; Fp

3.9). Por último, havia uma quarta cortina que podia ser vista apenas do lado de dentro do Tabernáculo. Ela era feita de linho branco e fino com bordados das figuras de querubins (ver Êx 26.1-6) e tinha as cores de púrpura, escarlate e azul. A visão que se tinha dessa cortina interna lembrava o céu de glória. As figuras de querubins, impressas e bordadas naquela cortina, representavam tipos de seres angelicais que servem junto ao Trono de Deus. As cores eram branco, azul, carmesim e púrpura. As cortinas e cobertas do Tabernáculo significavam a morada de Deus e tipificavam o próprio Senhor Jesus, por cujas características a obra redentora de Cristo está expressa e que, em seu conjunto, nos fala claramente daquEle que é nossa cobertura perfeita, pois foi Ele quem cobriu o nosso pecado com seu sangue (ver Sl 32.1,2; Rm 4.6-8). O azul é a cor celestial, símbolo do céu; todavia, os fios entrelaçados de púrpura falam da realeza de Cristo, pois Ele é o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

II. As Cortinas do Pátio do Tabernáculo (Êx 27.9-15)

A Simbologia Descritiva das Cortinas no Tabernáculo

Descrever a importância das cortinas do Tabernáculo e não considerar seu valor espiritual e tipológico significa ignorar o propósito integral do texto narrativo acerca do Tabernáculo. Ora, a precisão dos detalhes de cada peça e material usados para construir o Tabernáculo servia de ensino das verdades acerca das coisas espirituais. Por isso, a madeira, metais, tecidos e tintas especiais usadas no Pátio do Santuário remontam a uma tipologia singular com relação a pessoa e obra de Jesus, o Senhor e Redentor nosso.

O Significado da Separação

Visto que o lugar era santo e representado pelo cortinado branco de linho fino torcido, toda a área do Tabernáculo constituía-se num lugar de separação. As dimensões dessas cortinas, representadas pelo comprimento, largura e altura, tinham por objetivo tornar todo aquele ambiente (entre a cerca e o Tabernáculo) um lugar de separação dos pecadores. Para que um pecador pudesse adentrar ao Pátio, era preciso trazer sua oferta pelo pecado. A Igreja de Cristo não se fecha dentro de uma cerca como se fosse um casulo que esconde o seu bichinho interior, mas está sempre pronta para receber todo pecador arrependido que confessa Jesus Cristo como o seu Cordeiro expiatório. Na verdade, as cortinas faziam separação entre o santo e o profano (Êx 38.9-13). As cortinas feitas de linho torcido indicam a pureza em meio a um mundo de impurezas e pecado. O linho branco é símbolo de santidade e pureza de Cristo, e Jesus, como homem, não teve uma mácula sequer sobre si. Na sua história humana, Ele disse certa feita: "Quem dentre vós me convence de pecado?" (Jo 8.46). Pilatos, governador da Judeia, não encontrou qualquer tipo de falta que o incriminasse. Então, ele declarou aos acusadores de Jesus: "[...] Não acho nele crime algum" (18.38). Diferentemente de Judas, o discípulo que traiu a Cristo: "Pequei, traindo sangue inocente" (Mt 27.4).

"A Igreja de Cristo não se fecha dentro de uma cerca como se fosse um casulo que esconde o seu bichinho interior, mas está sempre pronta para receber todo pecador arrependido que confessa Jesus Cristo como o seu Cordeiro expiatório."

O Significado da Santidade

A Santidade de Deus é como uma barreira que não permite ao homem entrar na sua presença sem passar primeiramente pelo Altar de Expiação. Essa restrição ensina-nos que é necessária a justiça perfeita de Deus para ter acesso a Ele (ver Rm 3.22-26; 10.3). Indiscutivelmente, as cortinas da cerca do Pátio do Tabernáculo falam de santidade. Tudo dentro daquele Pátio era santo e periodicamente santificado.

Aquelas cortinas eram sustentadas por colunas de madeira de cetim recobertas com bronze (cobre). Elas eram presas com colchetes ou ganchos de prata e tinham na sua base a resistência do cobre. O linho fino torcido prefigurava o caráter imaculado de Cristo. Por isso, em sua humanidade, Ele foi um homem que se comportou sem pecado. Ele era o Filho de Deus feito carne, que morou conosco, em quem a glória do Pai habitou (ver Jo 1.14; 14.9,10; 2 Co 4.6; Cl 1.15; 2.9; Hb 1.3; 7.26; 9.14). O bronze utilizado nas bases do cortinado tipifica juízo, e as molduras de prata falam de redenção (ver Rm 3.25; 1 Pe 2.24).

Para falarmos das cortinas externas do Pátio, temos de falar das suas colunas, as quais tratam especialmente de Cristo e de sua Igreja, que é o seu povo. Essas colunas identificam, pelo menos, quatro elementos relacionados aos crentes em Cristo: segurança, estabilidade, unidade e responsabilidade.

Segurança

Subentende-se que segurança refere-se à justiça de Deus, a qual foi plenamente satisfeita, e as colunas sobre as bases de bronze simbolizam o crente edificado sobre a obra perfeita de Cristo no calvário (ver Ef 2.20; Cl 2.7). Ora, o fundamento foi colocado, e é sobre ele que estamos seguros (ver 1 Co 3.11). O

que nos separava de Deus era o pecado; Cristo, porém, desfez a condenação do pecado mediante sua morte expiatória.

Estabilidade

Diz respeito às estacas e cordas de sustentação das cortinas do Pátio para dar-lhes firmeza. Como crentes em Cristo, temos nossas "estacas" em suas promessas fiéis. Algumas dessas "estacas" são encontradas em João 10.28-30; Romanos 14.4; Efésios 6.10-14 e Colossenses 3.3.

Unidade

Esse elemento refere-se à unidade promovida pela obra redentora de Cristo. Essa obra une os crentes ao Senhor Jesus, que é o Salvador de todos (ver Rm 12.5; 1 Co 12.12,13,27; Ef 2.12-16).

Responsabilidade

As cortinas eram feitas com linho fino e, portanto, falam de Cristo como o homem perfeito. As colunas não apareciam porque ficavam por dentro das cortinas que as cobriam. Como crentes em Cristo, temos que demonstrar as obras de Cristo sem querer aparecer, mas, sim, fazê-las com responsabilidade para sermos reais colunas da sua Igreja (ver 2 Co 4.10,11; 1 Tm 3.15).

III. As Cores das Cortinas do Tabernáculo

O Significado Especial das Cores

É interessante notar que a Bíblia faz muitas referências aos tipos de materiais usados para roupas, às cores e aos corantes, bem como à fiação, tecelagem e costura. Eram utilizados muitos tecidos feitos de pelos de animais, da lã de animais domésticos e, principalmente, o linho. Na Bíblia, encontramos tecidos

tingidos com corantes de cores como azul, roxo, branco, vermelho, etc. Sem dúvida, na construção do Tabernáculo, os materiais utilizados envolviam as mais variadas cores.

Em toda a estrutura que envolvia a cerca do Pátio e a Tenda da Congregação, as cores utilizadas na feitura dos móveis e das cortinas tinham um significado especial na mente de Deus para que o povo percebesse a manifestação da sua glória na simbologia dessas cores. Cada móvel e cada peça do Tabernáculo obedecia a uma ordem em que as cores faziam parte dos desenhos especiais para as peças do Pátio, do Lugar Santo e do Lugar Santíssimo. Essas cores imprimiam aos desenhos das cortinas beleza e estética às obras feitas.

Cada desenho e cada cor apontavam para a obra de Cristo envolvendo o passado, o presente e o futuro. Entre as várias cores utilizadas, quatro delas apontavam para Jesus e estavam demonstradas na cortina de Entrada (Êx 27.16; 38.18,19). As cores azul, púrpura, carmesim e branco estavam na Porta de entrada que dava acesso ao Lugar Sagrado, onde o pecador encontrava-se com Deus por intermédio do sacerdote. Toda vez que alguém entrava por esta Porta, deparava-se com desenhos e figuras coloridas, e cada cor tinha o seu significado espiritual.

A Cor Azul Celeste (Êx 27.16)

Segundo pesquisas dos estudiosos sobre cores usadas nas peças do Tabernáculo, o azul era uma mescla de anil e roxo escuro. Predominava a cor azul e, depois, o roxo. Essas duas cores são os únicos casos de uma cor composta. Entretanto, o que se deve levar em consideração é que o azul, especialmente o cálido anil, é característico do céu. O azul era usado para indicar a serenidade sem mistura do mundo celestial, que é a meta culminante da aspiração humana. Essa cor lembra o céu e

indica a origem celestial de Cristo em sua divindade. Ele era constituído de duas naturezas, a divina e a humana. Ele veio do céu, mas fez-se homem (Jo 1.14) para identificar-se com a criatura humana e resgatá-la do pecado. Depois de sua ressurreição da morte e sua vitória contra a sepultura, Jesus foi recebido no céu para reaver seu estado de divindade (ver Fp 2.5-11; Ef 1.20-23). Hoje, o Senhor Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo, está edificando sua Igreja (seu povo) exercendo seu ministério sacerdotal à destra de Deus (ver Jo 17.9,20; Rm 8.34; 1 Tm 2.5; Hb 7.25; 9.24; 10.12; 12.24).

A Cor Púrpura (Êx 27.16)

Na antiguidade, existia a famosa púrpura de Tiro; por isso, a púrpura sempre foi uma cor preferida nos palácios reais por causa do seu brilho (ver 2 Cr 2.14). Trata-se de uma cor que fala de realeza. Em relação a Cristo, a púrpura é figura do que Ele é agora no céu, lugar onde assumiu sua realeza e divindade depois de sua ascensão (ver Ef 1.20,21). A palavra hebraica para "púrpura" é argaman e, no aramaico, é arg'wan (ver 2 Cr 2.7; Dn 5.7). A púrpura tem uma coloração com tom entre violeta e vermelho, sendo obtida de uma espécie de molusco encontrado especialmente no fundo do mar Mediterrâneo. Para ser feita a extração da tintura púrpura, era preciso quebrar a concha do molusco e tirar uma pequena glândula do seu interior, que, quando esmagada e colocada ao contato com o ar, adquiria a coloração vermelho-púrpura. Era uma cor utilizada nas roupas do sumo sacerdote (ver Êx 28.4-6; 39.1,2). A púrpura também foi utilizada na confecção do véu do Templo de Salomão (2 Cr 3.14). No NT, destaca-se a vendedora de púrpura chamada Lídia, que era da cidade de Tiatira (At 16.14). A cortina com a tintura da púrpura também apontava para o futuro, porque a

realeza de Cristo será um dia revelada na sua manifestação e vinda no período milenial, onde Ele assumirá o comando da terra como Rei e Senhor de todas as coisas (ver Sl 110; Is 9.6; Lc 1.32). Na ordem das cores, a púrpura não aparecia tanto porque fala da majestade do Messias divino, hoje oculta aos olhos do mundo (ver Mt 2.2; Jo 18.33-37).

A Cor Escarlate (Carmesim) (Êx 27.16)

Segundo os estudiosos, a cor carmesim é derivada do corpo de alguns insetos fêmeas, cujo tom é um vermelho utilizado para tecidos e fios (ver Gn 38.28,30; Js 2.18,21; 2 Sm 1.24). O carmesim é uma cor de sangue, vermelho vivo, que projeta o vitupério do Calvário e o triunfo de sua obra salvífica. Por outro lado, aponta para a glória vindoura de seu reinado como "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (ver Zc 14.9; 1 Tm 6.14,15; Ap 19.11-16). A palavra "escarlate" é a combinação de duas palavras hebraicas, a saber, laath e shahl. Encontramos a primeira laath em Salmos 22.6, que é traduzida como "verme". O salmista diz: "Mas eu sou verme, e não homem, opróbrio dos homens [...]". A segunda palavra, shath, é traduzida como "escarlata". Em relação a Jesus, Ele é aquele que sofre, que é ferido e ensanguentado, conforme é revelado em Apocalipse 19.13, que diz: "E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus".

"O carmesim é uma cor de sangue, vermelho vivo, que projeta o vitupério do Calvário e o triunfo de sua obra salvífica. Por outro lado, aponta para a glória vindoura de seu reinado como 'Rei dos reis e Senhor dos senhores'."

A Cor Branca do Linho Torcido

A cor branca tem um tom absoluto que aparece constantemente no Tabernáculo, nas vestes sacerdotais e nas cortinas de linho, representando pureza, limpidez e graciosidade. A cor branca também fala da santidade de Cristo. Num sentido especial, o linho torcido é um tecido rústico e batido que lembra a humanidade de Jesus e o seu sofrimento em nosso lugar. Também lembra o fato de que a sua morte tornou-se o fundamento da justiça a nosso favor (ver 2 Co 5.21; 1 Pe 1.18,19; Ap 1.5;).

IV. O Véu do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo (Êx 26.31-36)

Depois de passar pelo Altar de sacrifícios e pelo Lavatório no Pátio, havia o Tabernáculo, em cuja entrada havia um véu de acesso para o Lugar Santo.

O Primeiro Véu (Êx 26.36)

Esse véu, também identificado como "reposteiro", ficava na entrada para o "Lugar Santo" e era feito com linho torcido bordado. Só depois de passar pelo Altar de Sacrifícios e pela Pia, ou lavatório, o sacerdote entrava no Lugar Santo. Lá havia três mobiliários principais: (1) o Altar de Incenso, que ficava de frente para o segundo véu; (2) a mesa dos pães da proposição e (3) o Castiçal (ou Candeeiro), na outra extremidade daquele lugar. A Igreja de Cristo exerce o seu sacerdócio para ministrar na presença de Deus (ver 1 Jo 1.3,7).

O Segundo Véu (Êx 26.32,33)

Esse é o véu que fica entre o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo (ou Santo dos santos). Nesse lugar, nenhum pecador podia entrar, senão pelo sangue do cordeiro expiado. No Lugar

Santíssimo, encontramos apenas a Arca do Concerto. Nesse lugar, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, entra com seu próprio sangue e deixa aberto um lugar de acesso à presença santa de Deus (Hb 9.6,7).

O autor da carta aos Hebreus, na passagem registrada em 4.16, escreveu: "Cheguemos, pois, com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno". Tendo Jesus como nosso Sumo Sacerdote, podemos, pela fé, adentrar ao Trono da graça e gozar da santa presença de Deus.



Capítulo 7

O LUGAR SANTO

"Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o santuário. Mas, depois do segundo véu, estava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos" (Hb 9.2,3)

Neste capítulo, o homem pecador sai da parte exterior por meio do sumo sacerdote para descobrir que, para chegar ao Lugar Santíssimo, a caminhada é progressiva. O homem também descobre que o Tabernáculo foi projetado para passar ao povo uma noção de relacionamento progressivo com Deus. Dentro dessa conscientização, o homem descobre ainda que, quanto mais próximo de Deus, maior é a responsabilidade, porque Deus é Santo, e nenhuma possibilidade de sujeira entra na sua presença. Também veremos que o Senhor deseja uma relação íntima com o seu povo, de tal modo que a ordem para construir o Tabernáculo era para que Ele pudesse habitar com o seu povo e no meio dele.

O texto neotestamentário em Hebreus 9.2,3 mostra a distinção dos dois compartimentos do Tabernáculo e chama ao primeiro "Santuário" e ao segundo "Santo dos Santos". O texto bíblico diz: "Porque um tabernáculo estava preparado, o primeiro, em que havia o candeeiro, e a mesa, e os pães da proposição; ao que se chama o Santuário. Mas, depois do segundo véu, estava o tabernáculo que se chama o Santo dos santos" (Hb 9.2,3). Os dois compartimentos do Tabernáculo também eram identificados como "Lugar Santo" e "Lugar Santíssimo".

No primeiro compartimento os sacerdotes podiam ter acesso, mas no segundo compartimento, apenas o Sumo Sacerdote,

uma vez por ano, poderia adentrar (Hb 9.1-10).

I. Lugar Santo: um Local de Serviço e Comunhão com Deus

Que Lugar É esse?

O "Lugar Santo" era um lugar de serviço, onde somente os sacerdotes podiam entrar para ministrar (Hb 9.6). Os israelitas apenas podiam trazer suas ofertas ao Altar de holocaustos e não podiam passar dali. O povo tinha acesso ao Pátio (Átrio), mas a entrada para o Tabernáculo era proibida. Porém, quando Cristo entrou no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo com o seu próprio sangue, todos os crentes em Cristo, havendo sido redimidos e santificados, têm o privilégio de entrar na presença de Deus e exercer uma nova posição em Cristo como "sacerdotes de Deus" (ver Ef 2.18,19; Hb 10.19-22).

Um Lugar de Serviço e Adoração

O Modelo Divino do Tabernáculo

A morada terrenal levantada chamada "Tabernáculo" (do hebraico, misklan = "morada") não ficava exposta, mas tinha uma cobertura de peles que a protegia do sol causticante do deserto. Era a casa que Deus ordenou a Moisés construir para sua morada do Altíssimo (ver Êx 25.8). A parte interna tinha um caráter bem particular. Era um lugar especial, de privilégio e com exclusividade para o serviço dos sacerdotes diante de Deus.

Esse modelo foi dado a Moisés quando subiu ao Sinai. Era a revelação do lugar no qual Deus habitaria com o seu povo, ou seja, a primeira morada de Deus sobre a terra (ver Êx 25.8). Durante os quarenta dias em que Moisés esteve no alto do

monte, aquela montanha alta tornou-se um lugar santo, de exclusividade divina, pois Deus mostraria sua glória a Moisés no ponto mais alto. Imaginem um lugar ermo e de pedras esquecidas dos homens que, de repente, se torna num lugar da manifestação da glória de Deus.

Naquele monte, Moisés recebeu a planta de tudo quanto o Senhor queria no Tabernáculo. Deus foi o arquiteto e concedeu a ajuda do seu Espírito na seleção das pessoas habilitadas em várias atividades que envolviam habilidade com madeira e metais. Nesse modelo divino do Tabernáculo, está revelado tipologicamente que Jesus Cristo edificou sua Igreja, o "Tabernáculo espiritual" aqui na terra. Na verdade, todos os detalhes do Tabernáculo demonstram em seu conjunto a revelação de Jesus Cristo, em sua pessoa, em seu sacrifício e em seu sacerdócio eterno.

O Propósito do Lugar Santo

Antes de adentrar no Santuário, do lado de fora, dentro da cerca de linho fino retorcido, estava o Altar de Sacrifícios, que representa a Cruz de Cristo, na qual Ele, como verdadeira vítima expiatória, seria oferecido por nossos pecados (ver 1 Jo 2.2). Isso significa que, antes de entrar no Santuário, o pecador precisa passar pelo Altar de Sacrifícios.

Outrossim, os móveis e outros materiais utilizados no Tabernáculo possuem um significado simbólico para cada elemento. A sua distribuição nos lugares certos passa a ter um sentido espiritual simbólico. A partir do Pátio (ou Átrio) até entrar no Santuário, todos os objetos do Tabernáculo, tanto os que estão fora quanto os que estão dentro, servem de "exemplar e sombra das coisas celestiais" (Hb 8.5). O autor da carta aos Hebreus reconhece o significado simbólico e diz:

"Olha, faze tudo conforme o modelo que, no monte, se te mostrou" (Hb 8.5). O Novo Testamento reforça o projeto celestial do Tabernáculo para fortalecer o fato de que a Igreja seria a demonstração da presença de Deus na terra e que Jesus Cristo foi a manifestação do "Verbo [que] se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1.14). A palavra "habitou", de João 1.14, aparece na língua grega do NT como skenoo, que significa "tenda, habitação, tabernáculo". O apóstolo João, portanto, declara que Jesus foi o verbo que se encarnou, habitou entre nós e que fez da Igreja o seu Tabernáculo, isto é, o lugar onde Ele habita.

Lições da Tipologia do Tabernáculo em Relação a Israel e à Igreja

Em relação a Israel, aprendemos que apenas Arão e seus filhos, da tribo de Levi, eram sacerdotes escolhidos por Deus para essa função na vida religiosa de Israel (Êx 28.1; Nm 3.5-10). Para ser um sacerdote em Israel, era preciso ser nascido na família de Levi e pertencer a sua tribo.

Em relação à Igreja, nenhuma pessoa por nascimento natural tem direito a um sacerdócio espiritual (ver Rm 3.23; Ef 2.12). A Igreja, porém, é fruto de um nascimento espiritual, que, na linguagem neotestamentária de Jesus, se refere ao novo nascimento, que torna filhos de Deus todos quantos aceitam a Cristo Jesus como Senhor e Salvador (ver Jo 1.12,13; Ef 2.13; 1 Pe 2.9), tornando-se, assim, "sacerdotes para com Deus".

Em relação a Israel, a aceitação dos israelitas diante de Deus era mediante os sacrifícios do Altar de Sacrifícios e, depois, lavados pela água límpida da Pia Lavatório, bem como a unção com azeite da Santa Unção (ver Êx 30.25-30).

Em relação à Igreja, nossa aceitação para com Deus, o Pai, foi feita através do sacrifício do

Amado, assim, fomos limpos pela regeneração do Espírito Santo e da Palavra de Deus e ungidos com o Espírito Santo. Esse direito de aceitação diante de Deus foi, portanto, conquistado pelo sangue de Cristo Jesus (Hb 10.17-25).

Para entendermos a importância do "Lugar Santo" e a sua tipologia na vida cristã, precisamos entender que, na esfera celestial, os objetos do Lugar Santo são tipificados pelas coisas que estão no céu. Precisamos, portanto, descobrir a tipologia dos objetos que estavam na parte interna do Lugar Santo (ver Êx 26.35; Hb 9.1,2).

"A palavra 'habitou', de João 1.14, aparece na língua grega do NT como skenoo, que significa 'tenda, habitação, tabernáculo'. O apóstolo João, portanto, declara que Jesus foi o verbo que se encarnou, habitou entre nós e que fez da Igreja o seu Tabernáculo, isto é, o lugar onde Ele habita."

II. As Três Peças que Compunham o Interior do Lugar Santo

O autor da carta aos Hebreus fez distinção na identificação de dois títulos dados ao "Lugar Santo" e ao "Lugar Santíssimo". O autor da carta aos Hebreus identificou "o Lugar Santo" como sendo "o santuário" e chamou o "Lugar Santíssimo" de Tabernáculo. Entendo, entretanto, que ambos os lugares são parte do Santuário. Sem ferir o princípio de fidelidade ao texto (Hb 9.1-3), o autor da carta aos Hebreus fez uma distinção entre "o santuário", ao qual se refere ao Lugar Santo, e chamou o Lugar Santíssimo (ou "Santo dos Santos") como sendo o "tabernáculo". Ao primeiro, como lugar de ministração dos

sacerdotes; ao segundo, como "o lugar do Trono de Deus", o lugar da adoração.

Os Mobiliários do Lugar

No Lugar Santo, os sacerdotes, devidamente vestidos, ministravam e mantinham os móveis de ouro, que eram o Castiçal de Ouro (ou candelabro), a Mesa dos Pães da Proposição e o Altar de Incenso. Porém, no "Lugar Santíssimo", apenas o sumo sacerdote podia ministrar uma vez por ano no grande dia da expiação.

O Santuário do Lugar Santo constituía-se no espaço interior da primeira divisão dentro do Tabernáculo. Era o espaço de preparação dos sacerdotes para a entrada na segunda divisão, o Lugar Santíssimo. O sumo sacerdote não podia entrar afoitamente no Lugar Santíssimo. Ele precisava estar vestido com as roupagens próprias que representavam o povo, e, depois de ministrar no Lugar Santo, o véu podia ser então aberto para a sua entrada no Lugar Santíssimo.

Dentro do Lugar Santo, havia três peças especiais que compunham aquele ambiente de oração, intercessão, adoração e louvor, a saber: o Castiçal de Ouro (também chamado de candeeiro ou candelabro); a Mesa para os pães da proposição e, no centro e de frente para o véu, o altar de ouro para os incensos.

O Castiçal de Ouro (Êx 25.31-37)

Esse era o primeiro objeto sagrado dentro do Lugar Santo. Vários são os nomes dados à mesma peça: candelabro, candeeiro, lampadário e castiçal. Na linguagem hebraica, especialmente na Torah, o nome é menorah. Todos esses nomes referem-se à mesma peça. Mais facilmente identificado

na ARC, usaremos o nome castiçal. Esse castiçal era feito de uma só peça de ouro, formado por uma coluna central, ou seja, o tronco que sustentava todo o Castiçal de Ouro; dele saíam três braços de cada lado, com seis lâmpadas alimentadas interiormente com azeite. A sétima lâmpada saía da haste ou coluna central e vertical. O azeite para o Castiçal de Ouro provisionava a coluna central oca através de orifícios (ou canais) pelos quais se produzia a luz. Em cada orifício (ou canal), havia uma mecha de pano embebida no azeite e, uma vez acesas, todas aquelas lâmpadas produziam a luz para o ambiente.

Nas Escrituras, a luz é expressão da natureza e do caráter de Deus (ver 1 Jo 1.5). Por isso, se as Escrituras falam de Jesus Cristo como a revelação do caráter de Deus, entendemos que conhecer a Cristo verdadeiramente significa conhecer a Deus (Jo 14.9).

Simbolicamente, vemos a Cristo representado neste Castiçal como a revelação do Deus Todo-poderoso. Ora, esse castiçal é um símbolo da Palavra de Deus (ver Sl 119.105), e, neste sentido, igualmente vemos a Cristo como sendo o Verbo de Deus, ou seja, a Palavra de Deus encarnada (ver Jo 1.14).

As Sete Lâmpadas do Castiçal

As sete lâmpadas produziam uma só luz, que em sua plenitude indicavam a luz poderosa do Senhor Jesus Cristo, que é a luz do mundo. Ele é a luz que ilumina o mundo, pois Ele mesmo declarou ser "a luz do mundo" (Jo 8.12). NEle não há sombra nem variação de luz porque Ele é Luz perfeita (ver Tg 1.17). Jesus disse aos seus discípulos que eles deveriam ser luz quando disse: "Vós sois a luz do mundo" (Mt 5.14). Neste mundo cruel de trevas, a luz da Igreja deve iluminar o ambiente. Somos

luzeiros de Cristo neste mundo (ver Fp 2.15,16). A Igreja é o Castiçal de Deus neste mundo, e isso revela o seu ministério atual na ministração da Palavra de Deus.

O Azeite Combustível do Castiçal

O azeite combustível do castiçal era extraído do fruto da oliveira, um dos símbolos do Espírito Santo. Na visão que teve do Apocalipse, o Senhor mostrou ao apóstolo João as sete igrejas da Ásia como castiçais com suas lâmpadas acesas (ver Ap 4.5). Portanto, a relação do Espírito Santo com a iluminação do castiçal entende-se que, se Jesus é a Luz que brilha, o Espírito Santo é o azeite que provisiona o castiçal. Do mesmo modo, a presença do Espírito Santo na vida da Igreja é motivada pelo azeite que faz o crente brilhar neste mundo de trevas. O Espírito Santo também é simbolizado como luz na revelação e inspiração das Escrituras (ver 2 Tm 3.16). Num sentido especial, o Espírito Santo é luz interior na vida do crente, porque o Espírito glorifica a Cristo revelando sua glória por meio do evangelho que pregamos. O testemunho do Espírito Santo conduz o crente no caminho do conhecimento da plenitude de Cristo (ver Jo 16.13).

A coluna central era, de fato, o tronco oco interior feito para armazenar o azeite que alimentaria todos os braços com suas lâmpadas. Nenhum dos braços tinha luz própria, nem iluminava independente e autonomamente, porque as lâmpadas eram alimentadas pelo azeite do tronco principal do castiçal. Havia uma lâmpada no cimo desse tronco para formar uma unidade sétupla para iluminar o ambiente do Lugar Santo como uma só luz. Assim sendo, a totalidade de sete luminárias irradiavam uma luz sétupla que formava uma unidade e

revelava a perfeição e a plenitude de Cristo. Ele é chamado "a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Ef 1.23).

Outra grande lição que aprendemos acerca do Castiçal é sobre os seis braços que saíam do tronco vertical daquele lampadário. Esses braços não estavam ligados artificialmente a ele, mas procediam dele, do mesmo modo como é a união de Cristo e os membros do seu corpo glorioso, a Igreja. Todo o Castiçal com seus braços era feito de uma só peça. A palavra "braço" ("cana"; Êx 25.32) não é usada vulgarmente, mas significa, na linguagem tipológica, os braços da redenção que nos unem a Cristo como parte dEle (ver Jo 15.4,5; Gl 2.20; Rm 12.4,5). Esses braços, que somos nós, contribuem para projetar luz por Cristo Jesus (Ef 5.8; 2.9), porque Ele é o tronco, ou seja, é o centro de nossa vida. Ele representa a coluna do Castiçal que ocupa o lugar central. Se Ele é o centro de tudo na sua Igreja, entendemos que Ele tem a preeminência em tudo (ver Cl 1.18; Ap 1.20; 2.1). Ele é a Cabeça, e nós somos os membros do seu corpo (ver Ef 1.22,23; 1 Co 12.12,27).

Os adornos do Castiçal revelam, tipologicamente, a beleza do caráter de Cristo. Naquele castiçal, havia três tipos de adornos que falam do tríplice testemunho da Trindade representado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo. Nos seis braços, à direita e à esquerda do Castiçal, havia três cálices (ou copos) em forma de flor aberta de amêndoa; no cimo de cada braço, havia um copo em forma de romã (ver Êx 25.31-40). Podemos denominar a haste principal por tronco, pé ou coluna central. Neste ponto, chamaremos "haste central" a parte que sustenta as seis outras "hastes laterais" com seus cálices em forma de flor de amêndoa. A romã era uma fruta típica daquela região. Todos esses adornos tinham a forma de tubo interno por onde

passava o azeite combustível. Tudo era feito de uma só peça de ouro martelado. Na parte superior, havia a mecha de pano embebido no azeite para projetar a luz para fora. A flor de amêndoa, por causa da sua floração, lembra o poder da Palavra do Deus que "não dorme" e que está sempre pronto para cumprir o que disse em sua Palavra (ver Sl 121.3-5; Jr 1.11,12). Como a "vara de amêndoa", as flores e as romãs também tipificam o Fruto do Espírito. Na realidade, todo o Castiçal faz-nos lembrar a Cristo, que foi ferido e "martelado" por nossos pecados. Isso tudo fala da redenção (ver Sl 22.1; Is 50.6; 53.3-6; Mt 26.67; 2 Co 5.21; Hb 5.8). Visto que o Castiçal foi todo feito de ouro puro, temos a revelação da Deidade e divindade (ver Jo 1.4,5,9; Hb 1.3). Isso nos ensina que o Senhor quer que sejamos semelhantes a Ele (2 Pe 1.4; Ef 5.14; 1 Ts 5.5).

A Mesa com os Pães da Proposição (Êx 25.30)

O vocabulário utilizado para os objetos e utensílios da vida litúrgica no Antigo Testamento era típico da vida cotidiana em Israel. As várias expressões litúrgicas que envolvem os ritos e cerimônias israelitas merecem a nossa apreciação, porque nos ensinam a lidar com as coisas santas. A mesa dourada ficava à direita do Santuário, para o lado norte da Cortina, em frente ao Castiçal. A expressão "pães da proposição" também era identificada como "Pães da presença" ou "o pão colocado perante o Altíssimo" (ver Êx 35.13; 1 Sm 21.6). Essa mesa era feita com madeira de cetim e recoberta com ouro. Sobre a ela eram colocados dois pratos para 12 pães redondos, feitos com flor da farinha de trigo e cozidos. Eram colocados em duas fileiras de seis cada uma e comidos durante toda a semana. A cada sábado, eram colocados 12 novos pães. Os pães eram comidos pelo sumo sacerdote e seus filhos no Lugar Santo.

Havia duas taças com incenso puro, copos, uma jarra com água e outra com vinho. Tudo era muito limpo. Os pães eram feitos sem fermento e eram grandes, cada um pesando dois quilos (ver Lv 24.5, NTLH). Como os sacerdotes, os líderes da Igreja de Cristo hoje devem nutrir-se e alimentar-se do pão da presença antes de querer ministrar no Lugar Santíssimo. O Senhor Jesus é "o pão da vida", do qual o ministro de Deus deve nutrir-se. Num sentido especial, todo crente em Cristo foi feito sacerdote e pode nutrir-se desse pão do céu (ver Jo 6.35,58). Quem ministra a Palavra de Deus precisa, antes de tudo, ministrar à sua alma com o pão da presença de Deus em sua vida de comunhão e intimidade com Ele. Todo crente em Cristo feito sacerdote (ver 1 Pe 2.5,9) tem os privilégios e o gozo de participação da Mesa do Senhor, porque Ele é o Senhor da mesa (ver Mt 26.20; 1 Co 10.16,21). Quando Jesus ministrou a última Ceia com seus discípulos, ao tomar o pão e parti-lo, Ele estava afirmando que todo o sistema anterior estava finalizado; todas as velhas instituições também estavam anuladas. Ao estabelecer o Novo Pacto, a mudança de figuras do Tabernáculo teria uma nova simbologia e um novo cordeiro. Por isso, Cristo é o Senhor da cruz e da Mesa (ver Sl 22.1-21). Cristo torna-se o Cabeça da nova criação e o irmão Maior, porque Deus é o Pai de todos nós, que somos seu filhos espirituais (ver Is 9.6; Hb 2.10-13; Cl 1.18; Rm 8.29).

O Altar de Incenso (Êx 30.1-10)

O Altar de Incenso, também identificado como "o Altar de ouro" ou "altar do cheiro suave", estava nas extremidades do Santuário, disposto no centro do "Lugar Santo" entre o Castiçal e a Mesa dos Pães da Proposição. O cheiro, ou olor, dele vinha da essência e do perfume das plantas aromáticas. Essas plantas

eram gravetos de árvores odoríficas de perfume agradável, que, quando queimadas sobre aquele altar, exalavam o agradável perfume com a sua fumaça enchendo todo aquele lugar (ver Lv 16.12). O Altar ficava diante do véu que dava acesso ao "Lugar Santíssimo". Havia um incensário de ouro que era movido pelo sacerdote enquanto ele ministrava as orações intercessoras em favor do povo de Israel (ver Êx 30.10). Algumas escrituras da Bíblia indicam o incenso como uma figura da oração do crente (Sl 141.2; Lc 1.10; Ap 5.8 e 8.3). O incenso queimado que produzia uma nuvem de fumaça era símbolo de proteção do povo de Deus enquanto o sacerdote ministrava as intercessões no Lugar Santo. É interessante notar que havia dois altares nas peças do Tabernáculo, um de bronze (ou cobre) e outro de ouro. O Altar de Bronze ficava no Pátio, sobre o qual eram feitos os sacrifícios pelos pecados e representa a Cruz do Senhor Jesus (ver 1 Pe 1.11). O Altar de ouro ficava dentro do Lugar Santo, sobre o qual era queimado o incenso de oração e adoração ao Senhor. Jesus Cristo foi nosso Sacerdote e, no primeiro altar de bronze, Ele fez-se sacrifício por todos nós na cruz do Calvário. No Altar de Ouro, Jesus Cristo, nosso Sacerdote, intercedeu por nós e, ainda hoje, cumpre sua tarefa de intercessor ao entrar no Lugar Santíssimo com o seu próprio sangue, tornando-se, portanto, o grande e único Mediador entre Deus e o homem (1 Tm 2.5; Hb 4.14,15).

III. Os Véus que Demarcam o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo (Êx 26.31-36)

No acesso ao Tabernáculo, havia duas portas e três véus. Tudo se inicia na porta de entrada do Pátio, na qual estava o primeiro véu. A maioria dos estudiosos sobre o Tabernáculo aponta apenas dois véus, que se referem ao Tabernáculo propriamente

dito, ou seja, o que ficava na entrada do Lugar Santo, e o que ficava na entrada do Lugar Santíssimo. Entretanto, para uma maior compreensão da estrutura do Tabernáculo, entendemos começar primeiramente com o véu de entrada ao Pátio do Tabernáculo. Havia, portanto, três véus, e todos estes eram a barreira para que o homem comum e pecador não entrasse afoitamente nesse lugar. Era um modo de evitar a entrada aleatória de pecadores na presença de Deus. O caminho para Deus começava com o derramamento de sangue inocente, que é um tipo perfeito de Cristo como o "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Mediante sua obra expiatória na cruz do Calvário, Jesus abriu o caminho de acesso para o pecador arrependido. O sacrifício de Jesus na cruz é o ponto de partida para termos acesso a Deus.

O Primeiro Véu (Êx 26.36)

Ficava na Porta montada na cerca do Tabernáculo (Êx 27.16). Nessa porta, havia "um véu", e só podia adentrar-se por esse véu estando acompanhado dos sacerdotes, os quais, depois de feita a sangria do animal oferecido, ofereciam o sangue e colocavam-no numa bacia para efetuar a expiação. A vítima do sacrifício podia ser um cordeiro, um bezerro ou outro animal permitido como oferta pelos pecados. Era, de fato, o acesso ao Pátio do Tabernáculo, e todo israelita podia entrar por essa porta e transpor o seu véu para, ao ar livre, juntamente com os sacerdotes, apresentar seus sacrifícios a Deus.

O Segundo Véu (Êx 26.32,33)

Ficava na porta de acesso ao Santuário, que era o "Lugar Santo" (ver Êx 26.36; 36.37). Por esse véu, o sumo sacerdote entrava sozinho para ministrar na presença de Deus e

precisava estar devidamente vestido com as roupagens próprias e com o sangue da expiação numa bacia a fim de ministrar a expiação depois do segundo véu interno com acesso ao Lugar Santíssimo. Porém, antes de entrar no Lugar Santíssimo, o sumo sacerdote ministrava as intercessões no Altar de Incenso, tendo de um lado o Castiçal de Ouro e, do outro, a mesa com os pães da proposição. Só depois dessa ministração no Lugar Santo, o sumo sacerdote podia entrar na presença de Deus com o sangue da expiação no "Lugar Santíssimo". Uma vez tendo ministrado no "Lugar Santo", o sumo sacerdote podia adentrar o terceiro véu.

O Terceiro Véu

Significava o ápice da liturgia expiatória. Por esse véu, o sumo sacerdote tinha acesso ao Lugar Santíssimo (ou Santo dos Santos). Esse era o lugar da glória e do Trono de Deus. Nesse lugar, ninguém podia atrever-se a entrar sem o sangue da expiação, e Jesus Cristo fez-se o nosso expiador, o qual entrou na presença do Pai com o seu próprio sangue, identificando-se como "o Cordeiro de Deus". Por isso, o "Lugar Santíssimo" era o lugar da manifestação da justiça de Deus.

Outrossim, para entrar no Santuário, que é representado pelos dois compartimentos, o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo no interior do Tabernáculo, sabia-se que aqueles lugares eram o local do fruir das bênçãos divinas, reservadas especialmente para os sacerdotes que ministravam naquele lugar. Eles tinham permissão para entrar e cumprir suas funções, fazendo funcionar todas as coisas que faziam parte da liturgia do povo de Israel. Todos os objetos e utensílios eram usados com atitude de temor a Deus pelos ofícios sacerdotais. Estamos numa nova dispensação, o tempo da Graça de Deus. Nessa dispensação, os

crentes remidos por Cristo e santificados pelo Espírito Santo têm o privilégio de entrar na presença de Deus como "sacerdócio real" (1 Pe 2.9).

Todo crente em Cristo constitui-se sacerdote e pode ministrar na presença de Deus. Não apenas o ministro da Igreja exerce um sacerdócio, mas também todo crente foi chamado para exercê-lo. Esse fato, entretanto, não anula o ofício sacerdotal do pastor da Igreja, que tem um ministério da Palavra de Deus e que representa os interesses de Cristo para a Igreja.



Capítulo 8

O LUGAR SANTÍSSIMO

"Mas, depois do segundo véu, estava o tabernáculo que se chama o Santo dos Santos" (Hb 9.3)

O Lugar Santíssimo era, indubitavelmente, o principal lugar de toda a estrutura do Tabernáculo. Lá estavam a Arca da Aliança com seu propiciatório e os dois querubins com forma humana e protegendo aquele local. Era o lugar da habitação de Deus. Figuradamente, estava naquela Arca o Trono de Deus.

Depois da leitura do texto básico deste capítulo, podemos mentalmente descrever e pormenorizar todos os móveis contidos no Átrio, no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo. Na parte exterior do Tabernáculo, a partir da porta do Átrio (ou Pátio), encontramos o altar do Holocausto e a Bacia do Lavatório. Em seguida, entramos no interior da Tenda do Tabernáculo e temos a primeira parte, que é o Lugar Santo, chamado Santuário. Nessa parte, deparamo-nos com a Mesa dos Pães da Proposição, o Castiçal de Ouro e o Altar de Incenso em frente ao Véu de entrada para o Lugar Santíssimo. Depois do véu desenhado com querubins, estava o Lugar Santíssimo, no qual estava a Arca do Concerto (também chamada de Arca da Aliança ou ainda Arca do Testemunho). Esse último lugar, o Santo dos Santos (ou Lugar Santíssimo) era o símbolo da santidade de Deus, que tornava inacessível a entrada de pecadores, senão através do sumo sacerdote.

I. O Véu do Lugar Santíssimo

O Véu Era uma Barreira ao Acesso à Presença de Deus

O segundo compartimento ocidental do Tabernáculo onde estava a Arca da Aliança tinha um véu azul como uma cortina que separava as duas partes do Santuário; era um símbolo da santidade de Deus inacessível aos pecadores. Ninguém podia ousar entrar no "Lugar Santíssimo", até que Jesus enfrenta o Calvário e faz-se o cordeiro expiador.

Quando Cristo expirou "lá fora" na cruz, o seu espírito entrou no Lugar Santíssimo com o seu próprio sangue expiador, porque Ele fez-se o Cordeiro divino e, com o seu próprio sangue, adentra ante o Propiciatório e asperge-o sobre a Arca da Aliança, expiando a culpa do mundo todo (ver Hb 7.25-27). Então, o véu rasga-se de alto a baixo e escancara o acesso à presença do Altíssimo. Antes, uma vez por ano, o sacerdote entrava com o sangue da expiação; agora, em uma só vez por todas, Cristo fez-se o Sumo Sacerdote e ministra com o seu próprio sangue (ver Hb 9.6,7).

"Ninguém podia ousar entrar no 'Lugar Santíssimo', até que Jesus enfrenta o Calvário e faz-se o cordeiro expiador."

O véu era uma cortina feita de linho fino branco tecido com fios que tinham as cores azul, púrpura e carmesim. Esse véu tinha o propósito de separar o Lugar Santo do Lugar Santíssimo, no qual estava a Arca da Aliança (Êx 26.33). Esse véu impedia a entrada de qualquer israelita, exceto a do sumo sacerdote, que podia entrar uma vez por ano, no dia da Grande Expiação. Esse véu, portanto, era uma barreira para o homem comum. Na língua hebraica, o vocábulo "véu" é paroketh, que advêm de uma raiz que significa "separar".

O Significado do Véu Interior e seu Paralelismo com a Obra Expiatória de Jesus

No NT, esse mesmo vocábulo grego é katapetasma, que representa o véu interior, ou seja, a cortina entre o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo. Quando Jesus estava na cruz — e depois de expirar —, Ele ministrou intercessoramente no Lugar Santo no Altar de Incenso (Hb 7.25) e, depois, com seu próprio sangue, entrou no Lugar Santíssimo para ministrar por todo o mundo (ver Hb 9.6,7).

Um teólogo do passado chamado Truman fez um paralelo entre o Evangelho de João e o Tabernáculo, escrevendo assim:

> Os capítulos 1 a 12 de João contêm o ministério público de Jesus, correspondendo ao Pátio, para o qual os israelitas traziam suas ofertas pelos seus pecados. Os versículos do capítulo 12.44-50 indicam as últimas palavras do seu ministério público.
>
> "Antes, uma vez por ano, o sacerdote entrava com o sangue da expiação; agora, em uma só vez por todas, Cristo fez-se o Sumo Sacerdote e ministra com o seu próprio sangue."
>
> O capítulo 13 tem relação com a necessidade de limpeza, e Cristo explicou-lhes essa necessidade dos seus discípulos passarem pela fonte de bronze (o lavabo de bronze) como preparação para o ministério do Espírito Santo na terra depois que Jesus cumprir sua missão expiatória.
>
> Os capítulos 14 a 16 sugerem que Cristo entra no Lugar Santo e ensina aos seus discípulos a necessidade de orar e o papel do Espírito Santo nesse lugar na vida da igreja futura.

O capítulo 17 apresenta Cristo a sós no Lugar Santíssimo, intercedendo em favor dos seus discípulos diante do Pai. Esse capítulo se revela como a oração sumo sacerdotal.

O Véu Tinha um Bordado Especial com a Figura de Querubins (Êx 26.31)

Alguns teólogos opinam que os querubins não representam seres humanos, nem anjos. Eles opinam que esses querubins representam as obras e as manifestações gloriosas do Espírito Santo na vida de Cristo, envolvendo seu nascimento, vida, ministério terrestre, morte e ressurreição do Senhor Jesus. Entretanto, discordamos dessa opinião e entendemos que os querubins são uma classe de anjos que servem aos interesses de Deus, protegendo seu Trono e manifestando a sua glória.

O que a Escritura do livro de Êxodo deixa claro é que os querubins são seres angelicais e independentes de qualquer forma física, mas que podem tomar a forma que quiserem para as manifestações do poder de Deus.

Deus ordenou a Moisés que fosse bordada à mão a figura de querubins, que tinham uma mistura de figura de homens e seres alados. Pergunta-se, qual a razão desses querubins naquele véu? A história celestial conta que um querubim havia recebido do Criador poderes especiais delegados por Deus de liderança angelical. No entanto, esse querubim chamado Lúcifer encheu-se de presunção e orgulho, querendo ser igual a Deus. Ele, então, foi expulso da presença do Senhor, tornando-se arqui-inimigo da Divindade (ver Ez 28.14). Sua queda desonrou toda a classe angelical. Os querubins são uma classe de seres espirituais diretamente ligados ao Trono de Deus. A figura dos querubins pintados naquele véu interior lembra ao homem que o Trono de Deus está protegido de qualquer

contaminação do pecado. Por isso, eles foram esculpidos sobre o Propiciatório com as asas voltadas para a Arca da Aliança a fim de protegê-la (ver Êx 25.18-22).

As quatro Cores do Véu Compreendidas na Escritura de Filipenses 2.5-11

Essencialmente, o objetivo primário do Tabernáculo e seus móveis sagrados é tipificar a Cristo. Cada um dos tecidos que compunham o Véu entre o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo apontava para uma faceta do caráter pleno de Jesus Cristo. As quatro cores falam, de fato, das glórias de Cristo segundo a compreensão que podemos ter do texto de Paulo aos Filipenses 2.5-11.

A cor azul indicava a fala de Jesus, "que, sendo em forma de Deus" (Fp 2.6), fez-se o Verbo divino que se fez carne, e isso revelava a Jesus como o Filho de Deus, a sua divindade.

"Os querubins são uma classe de anjos que servem aos interesses de Deus, protegendo seu Trono e manifestando a sua glória."

A cor carmesim é identificada com o Cristo que "tomou a forma de servo". Ela fala de Cristo como aquEle que se identificou como "o Filho do homem" e "o Servo sofredor", que "aniquilou-se a si mesmo, [...] sendo obediente até à morte" (Fp 2.7,8).

A cor branca do linho branco revelava a imagem daquEle que se fez "semelhante aos homens" (Fp 2.7), sendo o servo perfeito de Deus no mundo dos homens.

A cor púrpura indicava a sua realeza, identificando-se com a Escritura que diz "que Deus o exaltou soberanamente" (Fp 2.9).

Outrossim, o Véu representava a carne de Cristo e expressava a sua humanidade (ver Êx 36.35). O trançado dos fios que formava o véu fala da união da natureza divina com a natureza humana na pessoa de Jesus, indicando a sua perfeição absoluta como Deus e como Homem. O texto de Hebreus 10.19,20 consuma essa tipologia quando diz: "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne".

II. O Propósito e a Temporariedade do Véu Interior

O Véu Era um Símbolo da Presença de Deus Ocultada dentro do Lugar Santíssimo

Reservava-se a Deus o direito de ocultar sua glória aos homens. A glória de Deus é mais que mera exibição de poder e majestade. Ela era a essência do seu caráter santo e singular, a qual o homem não tinha condições de suportá-la em pé. Quando Deus manifestou-se nas chamas da sarça no Monte Horebe, Moisés teve dificuldades em aproximar-se dela. Quando o Senhor ordenou a Moisés que fosse ao Egito para libertar o seu povo da escravidão egípcia, Moisés perguntou-lhe: "Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de

> "Na chama de fogo na sarça, Deus ocultou a glória de sua presença, mas Moisés sabia que era o Deus de Israel."

Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é meu nome eternamente, e este é meu memorial de geração em geração" (Êx 3.13-15). Na chama de fogo na sarça, Deus ocultou a glória de sua presença, mas Moisés sabia que era o Deus de Israel.

Ora, ninguém podia ver a Deus e viver (ver Êx 33.20; Jo 1.18;), mas os homens podiam ver o Véu que indicava a presença divina no outro lado. Por isso, o Véu tipifica a carne de Cristo Jesus, seu corpo, que "encobria" a presença divina (ver Jo 14.9; 1 Tm 6.16; Cl 1.15,16).

O Véu, com suas Cores Brilhantes, Impedia o Acesso à Presença de Deus (Lv 16.2; Hb 9.8)

Esse véu interior separava os dois lugares sagrados, o Lugar Santo do Lugar Santíssimo. No primeiro espaço (o Lugar Santo), era permitido aos sacerdotes comuns entrar. Era uma barreira para conhecer ao Deus eterno no Lugar Santíssimo, e Jesus explica esse fato quando diz: "Mas tudo isso vos farão por causa do meu nome, porque não conhecem aquele que me enviou. Se eu não viera, nem lhes houvera falado, não teriam pecado, mas, agora, não têm desculpa do seu pecado" (Jo 15.21,22). Jesus foi, indubitavelmente, a manifestação divina em carne (ver Jo 1.1-4,14).

O Véu Indicava o Caminho à Presença de Deus

Sabemos que o sumo sacerdote podia entrar, não por méritos pessoais nem pela formosura do Véu, senão mediante o sangue da expiação (ver Lv 16.15). Por isso, o sangue de Cristo é o único meio que nos permite entrar na presença de Deus (Ef 2.8,9; Hb 10.19,20).

III. Como Era o Lugar Santíssimo

O Lugar Santíssimo Era Quadrangular

O Lugar Santíssimo era também chamado "Santo dos Santos". Era um lugar que tinha a forma de um cubo, medindo 10x10x10 côvados, ou seja, dez côvados de altura, dez de largura e dez de comprimento. As medidas do Lugar Santíssimo no sistema decimal possuem números diferençados, uma vez que pesos, medidas e valores hebraicos são obscuros, e o resultado sempre produz algumas pequenas diferenças numéricas. Nas várias informações em Bíblias de Estudo, a medida de um côvado equivale a 44,4 cm, ou seja, a medida de dois palmos. Portanto, em números arredondados, a medida de um côvado equivale a 45 cm.

O Lugar Continha apenas um Mobiliário: A Arca da Aliança

O espaço do Lugar Santíssimo era menor que o Lugar Santo. O tamanho do lugar, independentemente das medidas decimais, era quadrado. O Lugar Santíssimo tinha uma medida certa, tipificando, assim, o Trono de Deus em Israel. Deus habitava com o seu povo, representado por esse lugar quadrangular. Essas medidas revelavam quatro dimensões da plenitude da glória de Deus naquele lugar. Essas dimensões foram reveladas a Paulo quando ele escreveu aos efésios: "Que Cristo habite, pela fé, no vosso coração; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade" (Ef 3.17,18).

O Lugar Santíssimo Representava o Lugar do Trono de Deus na Terra

Numa linguagem figurada, porém real, o Lugar Santo era, de fato, a antessala de acesso à Presença de Deus. Já a Arca da

Aliança no Lugar Santíssimo tipificava essa presença, sendo a figura do Trono de Deus tipificada na terra — ainda que nada e ninguém possam conter nem confinar a Deus, muito menos num baú retangular laminado com ouro puro. A tipologia favorece a ideia de que o Trono da Divindade significa a sua soberania e autoridade, que não pode ficar confinada. Aquela Arca era a materialização do Trono de Deus, mas ninguém podia tocá-lo, nem vê-lo por qualquer imagem. Deus habita "entre os querubins" (Is 37.16). O acesso era precedido pela ministração do sumo sacerdote no "Lugar Santo", onde ministrava as intercessões no "Altar de Incenso" em favor do povo e por si mesmo e onde comia dos "pães da proposição". Então, com temor e tremor, o sacerdote podia adentrar e ultrapassar o Véu para estar diante de Deus junto à Arca da Aliança no Lugar Santíssimo.

O que Podemos Entender por Trono de Deus naquele Lugar?

A Bíblia utiliza a linguagem figurada para ilustrar as coisas do céu. A ideia do Trono de Deus na terra refere-se, essencialmente, à presença imanente de Deus no meio dos homens. Por causa do pecado e da própria santidade de Deus, sua presença ficava reservada ao sentimento de que Ele estava com o seu povo e permitia uma relação especial mediante um sacerdócio santo e separado. Nenhum homem comum podia adentrar esse lugar. A entrada no Lugar Santíssimo reservava-se ao sumo sacerdote, o qual, uma vez por ano, no grande dia da Expiação, entrava com vestimentas especiais em nome de todo o povo de Israel. Agora, na dispensação da plenitude dos tempos, o véu foi rasgado, e todos temos acesso ao Trono da Graça pelo sangue de Cristo Jesus.



Capítulo 9

A ARCA DA ALIANÇA

"Pendurarás O Véu Debaixo Dos Colchetes E
Meterás A Arca Do Testemunho Ali Dentro
Do Véu; E Este Véu Vos Fará Separação
Entre O Santuário E O Lugar Santíssimo"
(Êx 26.33)

A Arca da Aliança era um móvel nobre que tinha a madeira de cetim na sua estrutura interior e era coberta com uma lâmina de ouro maciço, tanto por fora quanto por dentro. O ouro simboliza a Deidade, e a madeira de cetim, a humanidade de Jesus.

Do ponto de vista da doutrina da expiação, entende-se que a Arca e seu Propiciatório representam a obra expiatória que Cristo realizou no Calvário. Quando o pecador entra no Pátio (ou Átrio) do Tabernáculo, iniciam-se os seus passos no "caminho para o Santuário" (Hb 9.8). Ele começa sua caminhada entrando pela porta de acesso ao Pátio, que fica na parte exterior do Tabernáculo, e, através do sacerdote, seu representante, o pecador depara-se com o Altar de Sacrifícios. Logo depois, ele passa pela Pia Lavatório (a fonte de bronze). Esses elementos materiais falam-nos da cruz de Cristo, o qual foi a verdadeira vítima, que se ofereceu pelos nossos pecados.

Ao entrar na parte interior do Santuário, depois do Altar de Sacrifícios e da Pia Lavatório, o pecador entra no Lugar Santo através do sacerdote e depara-se com três móveis especiais: (1) a mesa dos Pães da Proposição, (2) o Castiçal de ouro com sete lâmpadas e (3) o Altar de Incenso, onde o sacerdote ministra o culto de comunhão e gratidão a Deus, que está no Lugar Santíssimo (ver 1 Jo 1.3,7).

Depois do Lugar Santo, está o Lugar Santíssimo, isolado por um véu. Só é possível ultrapassá-lo mediante o sangue da

expiação nas mãos do sumo sacerdote. Na tipologia bíblica, nesse contexto, Jesus tornou-se nosso Cordeiro expiatório e com o seu próprio sangue tornou-se Sumo Sacerdote para ministrar diante do Pai junto ao Propiciatório (ver Hb 6.18-20).

I. Descrição da Arca da Aliança (Êx 25.10)

A Arca é o único móvel dentro do recinto do Lugar Santíssimo. Ao longo da vida religiosa do povo de Israel, a Arca recebeu vários nomes, que não sofrem qualquer mudança no significado geral; apenas descrevem e abrem o leque da compreensão para entendermos mais sobre ela.

Nomes Dados à Arca

A designação dada à Arca tem a ver com o vocábulo hebraico arown beriyth, que significa "cofre", "casa de madeira", "baú", "arca". Era o objeto mais valioso de todos os demais do Tabernáculo, porque ocupava o primeiro lugar na vida religiosa de Israel. Os diferentes nomes não anulam os vários significados, porque todos objetivam mostrar a glória de Deus dentro do Lugar Santíssimo.

Esses nomes são identificados como:

- A Arca da Deus
- A Arca do Senhor
- A Arca de Jeová
- A Arca do Pacto
- A Arca do Testemunho
- A Arca da Aliança

A Arca, portanto, aparece como o mais importante de todos os móveis do Tabernáculo e como o tesouro mais apreciado e reverenciado em Israel. Nela se culminam todos os rituais,

desde o Altar de Sacrifícios, da Pia Lavatório e dos objetos do Lugar Santo.

A Construção da Arca (Êx 25.10,11)

De todos os objetos feitos por Bezalel e Aoliabe, o mais valioso e sagrado em toda a estrutura do Tabernáculo era a Arca da Aliança. Sua feitura exigia um trabalho perfeito com todos os materiais empregados. A Arca foi feita com madeira de cetim (ou de acácia) na sua estrutura interna e revestida de ouro puro por dentro e por fora (Êx 25.10,11). A medida da Arca era retangular e tinha 2,5 côvados de comprimento, 1,5 côvado de largura e 1,5 côvado de altura. Essas medidas equivalem a 1,25 m de comprimento, 75 cm de altura e 75 cm de largura. São números arredondados que não comprometem a sua importância. A madeira de cetim não ficava exposta, e tudo o que podia ser visto era o ouro. Por isso, é a mais perfeita tipologia de Jesus Cristo, revelando, assim, suas duas naturezas, a humana e a divina. A madeira revelava a humanidade assumida de Jesus, que foi plenamente homem, e o ouro por cima da madeira representava a sua divindade.

"A madeira revelava a humanidade assumida de Jesus, que foi plenamente homem, e o ouro por cima da madeira representava a sua divindade."

A Revelação Figurada da Dupla Natureza de Cristo

O ouro, que cobria totalmente a madeira interna, revelava sua divindade, pois Ele era plenamente divino (Hb 1). A madeira simbolizava sua natureza humana (Hb 2). Essas duas naturezas permanecem distintas, embora estejam unidas em uma só Pessoa — Deus e homem, juntos em uma só pessoa. Ele é

o primogênito de toda a nova criação. Seu nome é Emanuel, isto é, Deus conosco. Ele é a Palavra que se fez carne, o Deus-Homem, o Senhor Jesus Cristo (ver Mt 1.21,23; Is 7.14; 9.6 e Jo 1.14). Portanto, em seu ministério terrestre, Jesus foi revelado como homem, e foi como homem que Ele submeteu-se à obra expiatória no Calvário para resgatar o homem do pecado (Jo 1.14; Rm 5.8). Ele nunca deixou de ser Deus, mas, ao assumir a humanidade, assim o fez plenamente. Paulo escreveu a Timóteo e referiu-se a Jesus como "aquele que se manifestou em carne" (1 Tm 3.16). Ele não se dividiu em 50% Deus e 50% homem. Não! Ele foi 100% homem, e foi como tal que operou seus milagres sob o poder do Espírito Santo, tendo morrido e ressuscitado como ser humano para garantir uma obra perfeita. A madeira interior da Arca representa sua humanidade, e o ouro, por dentro e por fora, sua divindade.

II. O Propiciatório da Arca (Êx 25.17-21)

A Arca era um baú de madeira de cetim (ou acácia) coberta de ouro puro por dentro e por fora com uma bordadura de ouro ao redor, com quatro argolas de ouro nos cantos para ser carregada por varais de madeira recobertos de ouro (Êx 25.11-13). Havia, porém, um tampa de madeira de cetim chamada "Propiciatório" (kaporeth, hb). Essa tampa era adornada com a figura de dois querubins de ouro que ficavam de frente um para outro com grandes asas abertas e voltadas para o centro da Arca. Era uma figura de proteção dos ingredientes que estavam no interior da Arca.

O Significado Figurado da Tampa da Arca (Êx 25.17,21,22)

Essa tampa era chamada Propiciatório e tinha o sentido metafórico de "cobrir" algo valioso. No hebraico do AT, a

palavra propiciatório é kaporeth e significa "cobertura", e o seu significado tipológico é cobrir o pecado à vista de Deus. Esse ato de cobrir era feito por meio do sacrifício expiatório (ver Sl 32.1; Hb 9.5). Ainda no hebraico, o verbo kopher é "cobertura" e é usado em relação à oferta pelo pecado (Lv 5.16-18). No grego do NT, o termo é hilasterion, que significa "propiciatório". Em Romanos 3.25, o texto refere-se a Cristo, "ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Em Hebreus 2.17, o termo é "expiar, fazer propiciação por através do sacrifício propiciatório de Cristo, a todo aquele que nele crê". É um ato de Deus que livra o pecador da ira merecida mediante a graça. Essa tampa cobria as Tábuas da Lei de Deus feitas em pedra e eram guardadas no interior da Arca. As Tábuas da Lei mosaica simbolizavam a vida e a morte para Israel. O apóstolo Paulo dá-nos o sentido exato dessa tampa de ouro quando escreveu aos Romanos 3.24,25: "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue, para demonstrar a sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus". É interessante notar que a palavra grega para "propiciação" em Hebreus 9.5 é traduzida como "trono de misericórdia". Por isso, quando o sumo sacerdote entrava no Lugar Santíssimo e ficava diante da Arca, ele entrava diante do "trono de misericórdia" de Deus e tinha que levar consigo o sangue da expiação que cobria a Lei (ver Lv 17.11; 23.27). Era ali, diante da Tampa do Propiciatório, que Moisés e Arão, o sacerdote, falavam com Deus (ver Êx 25.22). A Arca não podia servir de adoração, nem ser utilizada de forma idolátrica.

A Figura dos Querubins Alados sobre o Propiciatório (Êx 25.18; Hb 9.5)

Os querubins da Arca eram figuras aladas com rostos humanos feitos de ouro puro. Eram espíritos que ministravam na presença de Deus, protegendo o trono e revelando a santidade do Todo-Poderoso. A palavra "querubim" é singular de kerub, e kerubin é a forma plural. Em relação a Deus, os querubins eram representações simbólicas da majestade divina e da sua eterna Deidade com o Todo-Poderoso. A função básica dos querubins era proteger o Trono de Deus. Por isso, na Tampa do Propiciatório, os querubins tinham um caráter protetor sobre o conteúdo interno da Arca. Num sentido especial, os dois querubins expressam o conceito de "plenitude do conhecimento", porque protegem a Lei de Deus e são agentes judiciais e executores da autoridade divina. Nesse sentido, esses querubins indicavam a misericórdia, a graça e a fidelidade do Senhor cobrindo o seu povo (ver Êx 25.20). São figuras que aparecem nas visões do profeta Ezequiel no capítulo 4 e nas visões de João, na Ilha de Patmos (Ap 1).

III. O Conteúdo da Arca

Uma vez que a Arca era um baú de madeira e ouro, sua finalidade era guardar coisas e objetos especiais que evocassem lembrança. A Arca também continha lembranças das proezas de Deus para com Israel (Êx 25.22).

Eram três os principais objetos que estavam no interior da Arca, sendo estes o testemunho do cuidado de Deus para com Israel. Estavam lá: (1) um pote, ou um vaso de ouro contendo o maná que fora dado ao povo no deserto, (2) a vara de Arão que floresceu e (3) as tábuas de pedra da Lei de Deus, que foram dadas a Moisés. Esses objetos continham os memoriais dos

grandes atos de Deus. O extraordinário de tudo isso é que o maná não estragou, e a vara de Arão floresceu dentro da Arca.

As Tábuas da Lei (Êx 25.16,21; Dt 10.1-5)

Na primeira vez que Deus manifestou-se a Moisés no Monte Sinai, o próprio Senhor esculpiu as pedras sobre as quais escreveu os Dez Mandamentos. Pelo seu poder, Deus esculpiu as suas leis para Israel com o seu dedo de fogo numa rocha de granito do Monte Sinai. Depois de esculpidas, o Senhor tirou-as da rocha e fez duas tábuas com a escrita de suas leis (Êx 32.16). Comprovadamente, eram pedras de granito. Agora imaginem Moisés com a força e o vigor que Deus dera a ele naquele monte, levando consigo as duas tábuas que deveriam pesar cada uma, aproximadamente, 50 quilos. Entretanto, o triste episódio da idolatria de Israel diante do bezerro de ouro fez com que Moisés perdesse a paciência e lançasse as tábuas da Lei que trouxera do Sinai sobre o ídolo de ouro, e elas foram quebradas. Portanto, o que foi guardado dentro da Arca foi uma cópia que Moisés teve de esculpir (Êx 34.1-5).

Um Vaso de Ouro com o Maná do Deserto (Êx 16.33-35)

Esse vaso de ouro continha o maná que foi comido durante 40 anos no deserto e era um memorial da fidelidade de Deus ao prover alimento ao seu povo durante suas peregrinações. No texto bíblico, Deus ordena a Moisés tomar um pouco do maná para que fosse guardada na Arca da Aliança. É fantástico e milagroso o fato de que o maná estragava de um dia para o outro. Porém, milagrosamente, o maná colocado na Arca da Aliança não sofreu deterioração alguma, mas era preservado pelo poder de Deus para testemunho em Israel (ver Êx 16.19,20). Sem dúvida, assim como o maná havia sustentado os

israelitas no deserto, esse maná também é símbolo do pão do céu enviado por Deus, que é o Senhor Jesus Cristo. Ele identificou-se como o pão do céu que o Pai enviou (Jo 6.31,32).

A Vara de Arão (Nm 17.1-10)

Na língua hebraica, a palavra "vara" é hoter e significa "ramo fino, rebento, broto". Na linguagem figurada, essa palavra pode simbolizar disciplina, autoridade. Às vezes, pode também ter significado negativo como, por exemplo: "Na boca do tolo está a vara da soberba [...]" (Pv 14.3). Outro vocábulo hebraico é maqqel, que também significa "vara, bastão", tal como "a vara de amendoeira" de Jeremias 1.11. Em Gênesis 30.37, é citada a vara de álamo, uma porção mais longa que servia para ajudar os peregrinos em suas caminhadas, ou seja, um cajado (ver Jr 48.17). Outro vocábulo hebraico para vara é matteh, que significa "bordão", que era geralmente utilizado para uso do pastor de ovelhas ou cabras (Êx 4.2). Na mão de Moisés, a vara que o ajudava em suas caminhadas tornou-se o símbolo da autoridade espiritual e da manifestação do poder de Deus para operar proezas, como, por exemplo, as que aconteceram diante de Faraó (Êx 7.9,12; 8.16).

Um homem de outra família chamado Coré rebelou-se contra Moisés pela escolha de Arão e sua família para o ministério sacerdotal em Israel. Na verdade, essa escolha foi feita por Deus, e ninguém poderia contestá-la. Das doze varas cortadas de suas árvores de origem, a vara de Arão passou a ter um sentido de autoridade espiritual em Israel. Coré maquinou uma rebelião contra Moisés e Arão, porque ele queria a função de sacerdote em Israel. Essa rebelião contra Arão provocou a ira de Deus, que puniu Coré e toda sua família (Nm 16).

Foi assim que ficou respaldada a autoridade araônica em Israel: Deus ordenou a Moisés que tomasse as doze varas representativas das doze tribos de Israel e escrevesse o nome de cada tribo sobre as varas. Naturalmente, Arão tinha seu nome sobre uma das varas, e Moisés colocou-as perante o Senhor diante da Arca. Pela manhã, a vara de Arão havia brotado, produzindo botões, flores e amêndoas. Diante desse fato, os chefes das tribos tiveram que reconhecer que Arão era o escolhido de Deus, o ungido e sumo sacerdote designado por Deus em Israel. Esse milagre da vara que floresceu veio demonstrar que é Deus quem designa os seus servos para representarem-no diante dos homens. Todos os significados da "vara de Arão" apontam para Cristo como símbolo da autoridade e da soberania divinas quando Ele voltar como o Messias profetizado a este mundo e passar a regê-lo e governá-lo "com vara de ferro" no período do Milênio (Ap 20.4-6) depois de ter destruído o poder de Satanás, do Anticristo e do Falso Profeta (ver Hb 1.8; Ap 2.27; 12.5; 19.15). A "vara de ferro" será a disciplina para o mundo de então, mas a Igreja remida pelo sangue de Jesus estará com Ele na nova Jerusalém celestial e reinarão com Ele por mil anos (Ap 20.6).

"Sem dúvida, assim como o maná havia sustentado os israelitas no deserto, esse maná também é símbolo do pão do céu enviado por Deus, que é o Senhor Jesus Cristo. Ele identificou-se como o pão do céu que o Pai enviou (Jo 6.31,32)."

Assim sendo, a Arca continha os memoriais dos grandes atos de Deus na vida do seu povo. Para a Igreja, o sacrifício que Cristo fez foi propiciatório, porque a sua base foi o

cumprimento da justiça perfeita de Deus, que justificou o pecador condenado pela pena substitutiva que Cristo realizou (ver Rm 3.25). Uma vez que a Lei no interior da Arca foi cumprida, o apóstolo Paulo declarou que o ato justificador foi feito "para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus" (Rm 3.26).



Capítulo 10

O SISTEMA DE SACRIFÍCIOS

"Jesus Cristo fez o sacrifício perfeito, e entrou na presença do pai com o seu próprio sangue, obtendo, uma vez por todas eterna redenção".

A necessidade e a importância dos sacrifícios pelos pecados tornaram-se indispensáveis à vida do homem, começando com Adão e Eva. Depois que eles pecaram, Deus estabeleceu em sua infinita sabedoria que o seu trono de justiça requeria a punição pelo pecado (ver Rm 5.12). Por sua perfeita justiça, Deus criou o sistema de sacrifícios para punição e perdão dos pecadores e, por esse modo, satisfazer a justiça de Deus e promover a paz entre Ele e o homem (Rm 5.1).

O sistema de sacrifícios adotado por Israel, antes de ser uma ideia de Moisés, foi ordenado por Deus e colocado na mente e no coração da nação israelita. Os livros de Êxodo e Levítico são os livros que apresentam com precisão as práticas dos sacrifícios a Deus pelos pecados do povo. Os sacrifícios e ofertas eram tomados tanto do reino vegetal quanto do reino animal. Do reino vegetal, empregavam-se alguns alimentos como, por exemplo, farinha, cevada, trigo, bolos e incenso, e as libações eram feitas com vinhos nas ofertas de bebidas. Do reino animal, traziam-se bois, cabras, carneiros e pombos. Não se ofereciam peixes e nem sacrifícios humanos (ver Lv 18.21; Lv 20.2). Os sete primeiros capítulos levíticos falam-nos de cinco tipos de ofertas (sacrifícios) para chegar-se ao sacrifício supremo, que foi o sacrifício de Cristo (Rm 5.8-10). Em termos de tipologia, as cinco ofertas — sem falar na oferta do Grande Dia da Expiação — apontam para Jesus, o Filho de Deus, que se fez carne para identificar-se com os homens e que fez o sacrifício maior na

cruz do Calvário. Cada uma das ofertas constitui-se como figura do sacrifício maior e único do Senhor Jesus Cristo.

I. A Oferta Voluntária – Holocausto (Lv 1.1,2)

Todas as ofertas levíticas eram essenciais para representar a obra de Cristo. Cada tipo de oferta era relativo às prescrições divinas em termos de qualidade e natureza da oferta. A primeira de todas as ofertas tinha um caráter vicário, e, a partir de então, todas as demais ofertas dependem dessa primeira. Não se podia oferecer uma oferta pelo pecado a menos que houvesse sido feita uma oferta de expiação. Não se oferecia uma oferta de paz a menos que se tivesse sido feita uma oferta expiatória.

Num capítulo anterior, foi dito que o Altar de Sacrifícios é o mesmo utilizado para as outras ofertas feitas com fogo. Esse Altar tinha na sua estrutura interna madeira de cetim (acácia) e era recoberto com bronze (ou cobre). Havia uma grelha ou tela de bronze colocada no fundo do Altar para assar as carnes ou queimá-las. Para essa oferta, Deus estabeleceu leis que orientariam os ofertantes e, especialmente, os sacerdotes quanto a sua efetivação. Os rituais seriam executados pelos sacerdotes, Arão e seus filhos; por isso, o fogo no altar deveria ser mantido o tempo todo aceso (Lv 6.9). As ofertas de holocausto eram chamadas "ofertas queimadas" porque o animal oferecido era queimado por inteiro até virar cinza (Lv 6.12,13).

A palavra "holocausto" vem de Olah, no hebraico, que significa "levantar, fazer subir, que ascende". Era uma peça impressionante, quadrada, em forma de baú e cheia de terra até a metade. Nos seus quatro cantos, havia quatro chifres cobertos com bronze (ou cobre), que significavam segurança e

autoridade. Quando o sacerdote colocava a vítima do sacrifício sobre o altar, "o cheiro suave" do sacrifício subia até chegar às "narinas de Deus". Esse é um modo antropomórfico de referir-se a Deus, atribuindo a Ele coisas típicas humanas.

Os holocaustos eram oferecidos a cada manhã e ao cair da tarde. Nos dias comuns, era oferecido apenas um cordeiro com um ano de idade, sem defeito algum. Aos sábados, eram oferecidos dois cordeiros, um pela manhã e outro pela tarde (ver Nm 28.9,10). Os animais oferecidos podiam ser bois, ovelhas, cabras, pombinhos ou rolas. Cada um desses animais tipifica o sacrifício de Jesus, que foi chamado servo de Jeová (ver Is 52.13-15; Hb 12.2,3).

A oferta era voluntária, ou seja, da própria vontade, ou condição, do ofertante (Lv 1.3) e tinha por objetivo aproximá-lo de Deus para conquistar sua aceitação. Antes de o sacerdote imolar o animal perante os olhos do ofertante, este colocava as mãos sobre a cabeça do animal, dando a entender que aquele animal para o sacrifício era o seu substituto (Lv 1.4). A aceitação do ofertante dependia da aceitação da oferta perante o Senhor. O animal era imolado fora da tenda e, em seguida, conduzido ao Altar de Sacrifícios. O animal inteiro, com exceção do seu sangue, era queimado, e a fumaça do holocausto subia como cheiro suave ao Senhor. O próprio ofertante, com a ajuda dos levitas, tinha que degolar a sua vítima (Lv 1.4-11).

O sacrifício de Cristo no NT, assim como o holocausto no AT, foi uma oferta agradável ao Pai. Dois textos exprimem essa verdade. Um está em Efésios 5.2: "[...] Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave". O outro está em Hebreus 9.14: "[...] pelo Espírito Eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus". O mérito

infinito de seu sacrifício é atribuído por Deus ao pecador que recebe a Cristo como Senhor e Salvador de sua vida.

II. A Oferta de Manjares (Lv 2.1-16)

A oferta de manjares também era voluntária. Essa oferta tinha um caráter especial porque representava a gratidão do hebreu em poder tirar da fecundidade da terra os cereais comestíveis e oferecê-los ao Senhor como "um sacrifício de manjares". Era a consagração a Deus do fruto do trabalho do crente.

Enquanto que vemos a Cristo entregando-se inteiramente para satisfação do plano de salvação projetado pelo Pai na oferta de holocausto, também vemos a tipificação de Cristo na formosura de seu caráter na oferta de manjares. Essa oferta podia ser crua ou cozida; ela só não podia conter mel, nem fermento (Lv 2.11). A oferta da flor de farinha, especialmente o trigo, fazia parte da dieta alimentar do povo judeu. Por ser um produto da terra que representava o trabalho e o suor do homem, o trigo era um tipo perfeito de Cristo (Jo 12.24).

> "[...] Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave."

Na cultura judaica, mel e fermento sugeriam a ideia de algo que corrompe. Por exemplo, o pão sem fermento lembrava o "pão de aflição" (Dt 16.3). Os pagãos usavam o mel nas suas celebrações religiosas; por isso, os hebreus evitavam usar o mel em ofertas ao Senhor. A ausência de fermento (levedura) mostra a santidade e a inocência de Cristo, sem mancha nem corrupção (ver Hb 7.26). O fermento era proibido porque modificava as características naturais da oferta; por isso, devia ser evitado. A ausência de fermento simboliza a ausência de pecado, e isso fala da impecabilidade de

Cristo (2 Co 5.21; 1 Pe 2.22; 1 Jo 3.5).

Portanto, esta oferta aponta tipologicamente para a vida perfeita de Cristo Jesus, que veio do céu para alimentar a alma do pecador arrependido com o alimento espiritual da verdade (Jo 6.33-35). Assim como Israel recebeu ordens de Deus para a realização desses sacrifícios, assim também Cristo fez tudo o que lhe havia ordenado o Pai. Ele não fazia nada de si mesmo (ver Jo 5.30; 8.28; 2 Co 5.19).

O mel, a despeito da sua doçura e de ser agradável ao paladar, estava proibido. Por ser um produto da extração de árvores e ervas, produzia acidez, criando e causando fermentação. Tipologicamente, o mel é comparado à glória do homem (ver Is 40.6; 1 Pe 1.24).

Toda oferta de manjares continha azeite, que tipifica o Espírito Santo (Êx 30.31; Zc 4.2-6). A mistura de farinha fina com azeite simboliza a obediência de Cristo até a morte (At 10.38,39). O sacerdócio do crente no NT alimenta-se de Cristo (ver 1 Pe 2.9; Hb 13.15,16; Cl 3.1-4). O azeite tipifica o Espírito Santo e suas múltiplas operações na vida de Cristo, enquanto homem (ver Mt 1.20,21; Lc 1.35; Jo 1.32; At 10.38). O azeite é, pois, um símbolo da unção do Espírito Santo (ver Is 61.1,2; Zc 4; 1 Jo 2.20-27). Quando o ofertante trazia sua oferta, além de essa oferta de vegetais ser santificada, o sacerdote tinha direito a tomar parte dela, queimando todo o incenso sobre o Altar como cheiro

> "Enquanto que vemos a Cristo entregando-se inteiramente para satisfação do plano de salvação projetado pelo Pai na oferta de holocausto, também vemos a tipificação de Cristo na formosura de seu caráter na oferta de manjares."

suave ao Senhor. Para comer dessa oferta, era necessário ter uma vida santa (Lv 6.17,18).

Essa oferta também era oferecida na "Festa das Primícias" (Lv 23.9-14). Era uma oferta que se compunha de grãos novos macios. Dizia respeito à primeira colheita que se fazia e envolvia toda a adoração de quem ofertava.

Que lições aprendemos e como elas podem ser aplicadas à vida cristã hoje? Somos chamados "sacerdócio real" (1 Pe 2.9) e aprendemos que Deus dá a nós, seus servos, toda a provisão espiritual que precisamos para o fortalecimento da vida cristã cotidiana. A fragrância dessa oferta é a mesma do Filho de Deus, que subiu ao Pai e que nos convida para participarmos do banquete espiritual. Cristo é a nossa porção; por isso, precisamos buscar a santidade para tornarmo-nos aptos a participar do alimento espiritual que é dado por Ele (ver Mt 24.45,46; 1 Co 4.1,2).

III. A Oferta ou Sacrifício Pacífico (Lv 3.1-17)

Essencialmente, a oferta de paz é uma oferta de gratidão e, também, um modo especial de estabelecer comunhão com Deus. Nesse sacrifício, tanto o sacerdote quanto o ofertante podiam comer da carne do animal imolado. A oferta significava, literalmente, "um presente oferecido a Deus", denotando, assim, que o ofertante está em comunhão com Deus e está feliz. O ofertante imolava o animal, tirava as porções especiais e separava-as do sangue e da gordura. Toda a obra de Cristo no Calvário em relação à paz com Deus é expressa na oferta de paz (ver Cl 1.20).

O sacerdote colocava o sangue do animal morto e aspergia-o ao redor do altar, indicando que o pecador precisava de uma propiciação de sangue para aproximar-se de Deus. As

entranhas do animal — sebo, rins, fígado — eram queimadas no fogo do altar. As partes nobres do animal, ou seja, a carne do seu peitoral, podiam ser comidas pelo ofertante e sua família, bem como pelo sacerdote que ministrava o ritual do sacrifício (Lv 2.8,13,16).

Cristo fez a paz entre o homem e seu Criador, como afirma o texto de Paulo aos Colossenses 1.20,21 e aos Efésios 2.17. De forma explícita, Paulo diz aos Efésios 2.14,15b: "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio, na sua carne, desfez a inimizade". Hoje, oferecemos sacrifícios de manjares a Deus. Esses sacrifícios são nossas "ações de graça".

Cristo foi a nossa oferta pacífica para Deus, pois Ele fez-se propiciação, expiação e reconciliação (ver Rm 3.25; 5.10,11; 2 Co 5.19; Ef 2.16). Por sua morte, Cristo revelou a graça de Deus, que é Justo, Justificador, aceitou a oferta de seu Filho Jesus e suspendeu a sentença de condenação contra o pecador (ver 1 Jo 1.9; Cl 1.21,22). Ele tornou-se a nossa paz porque é o "Príncipe da Paz" (Is 9.6).

IV. A Oferta pela Culpa de Transgressão (Lv 5.1-7 E 7.1-7)

O homem fez-se pecador, e o seu pecado entranhou em sua natureza humana; por isso, ele é pecador, uma condição herdada de Adão (Rm 3.23). O ser humano herdou de Adão a natureza pecaminosa e não tem como escapar da pena do pecado, a não ser por uma intervenção divina. Foi o que Deus fez quando enviou seu Filho Unigênito para fazer-se homem e, por esse modo, identificar-se conosco, pagando a pena do pecado por todos os homens, mediante sua obra expiatória e

substitutiva. Diferentemente da oferta voluntária, essa oferta é obrigatória e requer um representante legal.

Na ordem do texto de Levítico, primeiramente aparece a "oferta pelo pecado". Entretanto, entendi que deveria inverter a ordem para facilitar a compreensão dos estudantes dessa matéria.

Era um tipo de oferta indicada para a condição geral do pecador diante de Deus, que havia praticado pecados não intencionais, ou de maneira involuntária. Tais pecados cometidos requerem confissão e arrependimento, mesmo que tenham sido praticados por ignorância, ou seja, sem a intenção de cometê-los.

Deus trata esses pecados como pecados por ignorância, ou seja, transgressões que não afetam diretamente a soberania divina. Para tais práticas, existia a punição e a disciplina com sacrifícios de animais limpos e sem mancha, dos quais se tirava o sangue e aspergia-o nas pontas do Altar de Sacrifícios — diferentemente do sacrifício do grande Dia da Expiação, que acontecia uma vez por ano. Nenhum desses sacrifícios possuía valor intrínseco suficiente para livrar a consciência do pecador da culpa do pecado praticado. Para obter o perdão divino, o pecador precisava cumprir esse rito, que é uma figura da oferta perfeita do pecador para receber o seu perdão pela fé em Cristo (ver Hb 9.13,14).

V. A Oferta como Sacrifício pelo Pecado (Lv 4.1–5.13)

Diferentemente das ofertas voluntárias do Holocausto, dos manjares e da oferta pacífica, as ofertas pelo pecado e pela culpa eram obrigatórias. A oferta pelo pecado identifica o homem como tendo uma natureza pecaminosa, tendo,

portanto, necessidade de pagar por seu erro. Há, porém, diferença entre o pecado entranhado na natureza humana e o pecado cometido.

Jesus fez-se pecado por nós como nosso substituto (Is 53.4-7; Sl 22 e 1 Pe 2.24). A Bíblia diz que "Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21). O sacrifício pelo pecado tinha de ser realizado fora do arraial, e Cristo foi morto fora do arraial (Jerusalém) (1 Pe 2.24).

VI. O Grande Dia da Expiação (Lv 25.9)

O mais importante evento das Festas de Israel no calendário judaico era, indubitavelmente, o grande Dia da Expiação, que era o 10º dia do 7º mês (Tshri), cuja data no nosso calendário acontece entre o fim de setembro e início de outubro. Nesse dia, todos os israelitas dedicavam seu tempo para jejuar e santificar-se, e nenhum trabalho físico podia ser feito (Lv 16.29,30). Nesse dia, o sumo sacerdote e os demais sacerdotes dedicavam-se inteiramente aos serviços que envolviam a expiação dos pecados do povo de Israel. Tudo era santificado naquele dia, tanto o Tabernáculo quanto seus móveis (Lv 16.33,34).

Apesar de todos os sacrifícios feitos durante todo o ano pelos mais variados tipos de pecados e transgressões, tinha-se a impressão que nem tudo era 100% resolvido e exigiam expiação para que pudessem gozar da comunhão com Deus.

No hebraico bíblico, a palavra "expiação" é kaphar, que significa "cobrir" e transmite a ideia de cobrir o pecado da presença de Deus, mediante uma reparação de substituição no lugar do pecador. A expiação requeria "o sangue" da vítima substitutiva, que era o animal inocente e imolado no lugar do

pecador. Era uma forma de aplacar a ira de Deus, que significava, de fato, uma reação natural e automática da santidade de Deus contra o pecado (ver Rm 1.18; Cl 3.6).

O Dia da Expiação era um dia solene em que todo o povo de Israel postava-se ao redor do Tabernáculo e oferecia seus sacrifícios através do sumo sacerdote. Era um dia de expectativas em que todos se humilhavam diante do Senhor (Lv 16.30,31) e também um dia de contrição de todas as famílias que esperavam o perdão de Deus (Lv 23.27; Nm 29.7).

No Dia da Expiação, todas as impurezas carnais, iniquidades, transgressões contra a Lei de Deus e outros pecados deveriam ser removidos. O sumo sacerdote, depois de devidamente santificado e vestido com as roupagens próprias de cerimonial, entrava na presença de Deus diante do Propiciatório e levava consigo uma vasilha com o sangue do animal inocente que foi imolado pelo povo; ele, então, aspergia o sangue sobre o propiciatório para cobrir a Lei de Deus dentro da Arca.

VII. Os dois Bodes do *Yom Kippur* – o Expiatório e o Emissário (Lv 16.8,18,20-22,26)

Sob a orientação de Deus, Arão, o sumo sacerdote, lançava sortes sobre dois bodes; um deles era para sacrificar ao Senhor Deus, e o outro seria o "bode emissário", que seria conduzido para longe no deserto. Arão, o sumo sacerdote, deveria impor as mãos sobre a cabeça do bode vivo e deveria confessar sobre ele todas as iniquidades, transgressões e pecados de Israel; depois, o animal seria conduzido para bem

> "A Bíblia diz que 'Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus' (2 Co 5.21)."

longe no deserto, levando sobre si as iniquidades de Israel. O bode vivo recebia o nome Azazel, nome este que pode ter várias interpretações. Trata-se de uma palavra que tem as raízes hebraicas "ez" (bode) e "azai" ("voltar-se, virar-se"). A maioria dos rabinos judeus entendia que "Azazel" era o local aonde o bode era enviado no deserto. A crença de que "Azazel" refere-se a um demônio vem da tradição da Kabala judaica, que diz que Israel era salvo das astúcias do Diabo quando tal bode era enviado. Existem alguns teólogos que interpretam esse bode emissário como sendo o Diabo, o que se constitui um contrassenso, pois seria o mesmo que afirmar que o Diabo levaria os pecados do povo sobre si. Alguns se referem a esse bode como "um demônio do deserto". Na doutrina cristã, essa interpretação é inaceitável, pois Jesus quando se fez "o bode expiatório", cumpriu todas as exigências da justiça do Pai.

O Dia do *Yom Kippur*

O Yom Kippur é identificado nas festas judaicas como "o Dia do Perdão" de Deus mediante o sacrifício de expiação que se fazia neste dia. O sumo sacerdote, após ministrar por si mesmo imolando um novilho, separando as suas carnes e queimando-as no fogo do Altar, tomava o sangue do novilho e tingia as quatro pontas do altar de sacrifícios. O animal era o substituto de Arão e de seus filhos (Lv 16.2,3,6).

Depois desse ato, o sacerdote lavava os pés e as mãos na Pia de Cobre, que ficava antes da entrada para o Lugar Santo. Até então, o sumo sacerdote ficava à vista de todo o povo no Pátio do Tabernáculo. Depois de lavar-se, vestia-se com as roupas especialmente feitas para ele e, então, ministrava com o incensário com brasas do Altar de Incenso e intercedia por si

mesmo e pelo povo, pedindo o perdão de Deus para os seus pecados (Lv 16.4).

Depois de sacrificar o bode expiatório, o sumo sacerdote tomava o seu sangue e adentrava o Lugar Santíssimo para fazer expiação pelos pecados do povo. Chegando diante da Arca e o Propiciatório, o sumo sacerdote aspergia o sangue da expiação nas quatro pontas da Arca. Não havendo nenhuma rejeição da parte de Deus, ou seja, se a oferta pelo pecado fosse aceita, o povo podia glorificar ao Senhor depois que viam o sumo sacerdote sair do interior do Tabernáculo.

As ofertas de expiação pessoais podiam acontecer todos os dias — pelo menos, duas vezes ao dia. Porém, a expiação por todo o povo acontecia uma só vez, quando se sacrificava apenas um animal e o seu sangue era levado para ser aspergido sobre o propiciatório. Nessa oferta pelo pecado, a expiação foi feita por Jesus Cristo, que se tornou o nosso substituto, e o seu sacrifício foi feito no Calvário. Ele foi a oferta pelo pecado de todo o mundo (ver 2 Co 5.21; 1 Pe 2.24; 3.18).



Capítulo 11

ESTRUTURA E MATERIAIS DO TABERNÁCULO

Neste capítulo, queremos dar destaque às diversas partes do lugar sagrado (o Tabernáculo) e suas relações mútuas, bem como suas medidas, devidamente registradas nas Escrituras. Também daremos destaque aos materiais requeridos pelo Senhor para a confecção de cortinas e portas e também dos materiais como madeira, peles de animais e metais utilizados na construção do Tabernáculo. Na ordem requerida por Deus a Moisés, tudo começa com o objeto central da santidade do Tabernáculo, que era a Arca da Aliança. Seguiremos, porém, numa ordem inversa da narração escriturística sobre o Tabernáculo e iniciaremos com os elementos externos, ou seja, o Átrio, o Altar de Sacrifícios, a Pia lavatório e, depois, a Casa do Senhor, o Tabernáculo (Êx 25.3-7; 35.5-9,22-24).

I. A Organização Estrutural do Tabernáculo

R. N. Champlin, em seu Comentário do Antigo Testamento, versículo por versículo, na página 413, apresenta "Cinco Declarações acerca do Tabernáculo, com sua estrutura e seus móveis e utensílios. (1) Yahweh baixou instruções acerca da ereção do Tabernáculo e do culto ali efetuado (Êx 25-31). (2) Em seguida, há descrições de como o trabalho de construção foi feito sob a supervisão de Bezalel e Aoliabe (Êx 36.1 – 39.32). Praticamente, foi repetida a totalidade dos capítulos 25 a 31. (3) Então, há outra repetição da massa de informações, depois de

Moisés ter recebido todo o trabalho feito e ter aprovado o mesmo (Êx 39.33-43). (4) Então, Yahweh deu instruções acerca da montagem do Tabernáculo. (5) Finalmente, a montagem foi realizada, descrita com muitas repetições (Êx 40.16-33). E o Tabernáculo, já montado, foi abençoado pela presença de Yahweh (Êx 40.34-38)." A organização estrutural externa era constituída pelo Átrio com o Altar de Sacrifícios e a Pia lavatório. Logo à frente, estava a Tenda da Congregação. Na Tenda (Tabernáculo), havia o Lugar Santo e, neste espaço, havia o Altar de incenso, o Castiçal de ouro e a Mesa dos pães. No Lugar Santíssimo, havia apenas a Arca da Aliança.

O Átrio (ou Pátio) (Êx 27.9-15)

Geograficamente, o Átrio (ou Pátio) ficava disposto entre o acampamento das tribos de Israel ao redor do Pátio, que era para uso exclusivo dos sacerdotes e dos levitas em suas ministrações diárias. Israel montou seu acampamento de forma organizada, tribo por tribo, numa planície extensa de frente aos montes do Sinai (Horebe). Como um espetáculo da natureza criada por Deus, estava uma cordilheira de montanhas ao redor dessa planície junto ao Sinai. Segundo os estudiosos, o Monte Sinai ficava quase mil metros acima do nível do mar. O pico central, em frente ao acampamento, era claramente visível, e todo o Israel podia vê-lo à distância. Entretanto, em meio aos relâmpagos e trovões que reluziam o céu sobre aqueles montes, havia por trás das nuvens que ficavam por cima do monte um lugar especial, denominado posteriormente como Jebel Músa, ou Monte de Moisés, onde Moisés encontrava-se com Deus.

O local do Átrio ficava num espaço físico de 100 côvados por 50 côvados, aproximadamente 50 metros por 25 metros. Ora, um côvado é o equivalente a 45 ou 50 centímetros, que podia

ser a medida da "distância entre o cotovelo e a ponta do dedo médio de um homem". Esse lugar era facilmente visto pelo povo de Israel, porque era cercado por longas cortinas de linho. Era, de fato, uma cerca de linho presa por colunas especiais, de tal maneira que ninguém podia entrar naquele local. Não havia portas laterais, nem qualquer brecha na cerca que permitisse a entrada de pessoas ou mesmo de animais. Havia uma só porta de entrada. A função do Átrio era impedir qualquer aproximação ilegal ao Tabernáculo de Deus.

Também aprendemos que o átrio externo é o lugar onde o homem pode aproximar-se de Deus. No plano da redenção, tudo começa pelo Altar de Bronze, o lugar do sacrifício expiatório, que trata do pecado. A partir desse altar de sacrifícios até chegar ao Lugar Santíssimo, onde Deus habita, há um caminho a ser percorrido, porque o lugar de Deus é Santo, e nada impuro chega à sua presença, senão pelo sangue inocente de Jesus Cristo.

O Altar de Bronze (Cobre)

No espaço físico do Átrio (ou Pátio), havia o Altar de Bronze, feito com madeira de acácia e coberto ou revestido com uma grossa camada de bronze (ou cobre) o qual media aproximadamente 2,25 m por 1,35 m de altura. Trataremos desse mobiliário mais a frente. Porém, neste capítulo, queremos apenas apresentar o plano físico (ou material) desse altar. Nele, eram feitas as ofertas queimadas e, principalmente, o sacrifício pelos pecados do povo no grande dia da Expiação (Êx 27.1-8; 38.1-6).

A Pia de Cobre (ou Bronze)

Essa pia era um recipiente especial para que os sacerdotes lavassem as mãos e os pés antes de entrarem no interior do Tabernáculo para ministrar no Lugar Santo e no Lugar Santíssimo (Êx 30.18-21; 38.8).

A Tenda da Congregação

A Tenda da Congregação também era identificada como a "tenda do testemunho", ou "Tabernáculo". Nesse lugar, o sumo sacerdote encontrava-se com Deus. Era um lugar exclusivo para os serviços sacerdotais. Portanto, era a parte interna de toda a estrutura do Tabernáculo e ficava dentro do Átrio. O Tabernáculo era composto por duas partes: o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo.

No Lugar Santo, havia três utensílios: o Castiçal (também chamado de Candeeiro ou Candelabro) feito de ouro puro com suas sete lâmpadas; a Mesa feita de madeira de acácia e coberta de ouro, identificada por "Mesa dos Pães da Proposição", e, por fim, de frente para a cortina bordada com as imagens dos querubins e que dava acesso ao Lugar Santíssimo, estava o Altar de Incenso. Diante desse Altar, o sacerdote ministrava acendendo gravetos de cheiro suave e aromáticos, onde, pela manhã e à tardinha, se faziam intercessões em favor do povo de Deus (Êx 30.1-6; 37.25-28).

No Lugar Santíssimo, que ficava atrás do véu, havia um único móvel, que era "a Arca da Aliança" (Nm 10.33), o mesmo que "Arca do Testemunho" (Êx 25.22) ou "Arca da Aliança" (Êx 25.22), e era nesta Arca que eram guardadas as "Tábuas da Lei" (ver Êx 31.18).

II. Os Materiais Utilizados no Tabernáculo

Os materiais designados para a construção do Tabernáculo eram de três categorias da natureza criada por Deus: mineral, vegetal e animal.

Os materiais de origem mineral são identificados na Bíblia como sendo ouro, prata e bronze (cobre) (Êx 25.3). O ferro era rejeitado por ser um metal utilizado na confecção de armas de guerra, e o Tabernáculo não teria nada de ferro porque a Tenda seria uma "tenda de paz"; por isso, Cristo é a nossa paz (ver Ef 2.14; Cl 1.20).

Os Materiais de Natureza Mineral

Ouro

O ouro é um mineral de cor amarelo brilhante; trata-se do precioso metal sempre relacionado à Divindade. Na Bíblia, ele tem relação com a natureza divina e a sua glória. No hebraico, a palavra ouro é zahab, bezer, harus, ketem. Todos esses vocábulos hebraicos referem-se ao ouro nas suas várias modalidades de extração, e a Bíblia fala desses vocábulos (Jó 22.24,25; 28.19; 31.24; Pv 3.14; 25.12; Lm 4.1; Dn 10.5; Zc 9.3). Geralmente, o ouro é obtido em partículas de pó e pesado em balança. Normalmente, ele vem incrustado em outros metais e retirado deles, passando pelo fogo para sua purificação. Na verdade, as jazidas são frutos de milhões de anos atrás e são criadas pela ação de processos geológicos. Por isso, a sua extração é difícil. Portanto, o ouro foi um dos metais preciosos utilizados na construção do Tabernáculo.

Prata

Na ordem ascendente de dignidade entre os metais, a prata era abundante entre os materiais do Tabernáculo. A prata é um elemento químico e nada mais é do que um grupo de átomos

que apresentam em seu núcleo o mesmo número de prótons. O uso da prata era para as trombetas dos sacerdotes (ver Ez 33.3) e para as convocações de guerra (1 Co 14.8). A prata serve como símbolo da mensagem do Evangelho (ver Ap 8.6; 14.6). A prata tinha uma cor cinza esbranquiçada e tinha que ser polida para brilhar e reluzir. Diferentemente do ouro, a prata não podia ser batida em folhas muito finas como o ouro, porque é um material mais frágil. Entretanto, depois de todo o processo de purificação, a prata era utilizada para a feitura de moedas, ídolos (Jz 17.4; Sl 115.4), joias (Gn 24.53) e muitos objetos para o Tabernáculo (Êx 27.10,11; Nm 10.2), bacias de prata (Nm 7.13). A tipologia bíblica da prata é impressionantemente acurada. Ela aparece em segundo lugar, porque o ouro tem maior valor. A prata fala da redenção que vem de Deus mediante Cristo (ver Mt 20.28; cf. 1 Pe 1.18,19). A prata foi usada para fabricar os colchetes das colunas sobre as quais foram colocadas as cortinas da cerca do Pátio do Tabernáculo (Êx 27.9-17; 38.10-18). A prata foi usada nas bases das tábuas de madeira do Tabernáculo (Êx 26.19,21,25; 36.24,26,30). A prata foi usada nas bases da Porta de entrada do Pátio (Êx 38.18-20). A moeda das expiações paga por Cristo teve o preço da redenção (ver Rm 3.24; 1 Co 1.30; Ef 1.7). O texto de Hebreus 9.12-14 revela o preço da redenção quando diz: "Nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção. Porque, se o sangue dos touros e bodes e a cinza de uma novilha, esparzida sobre os imundos, os santificam, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito Eterno, se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará a vossa consciência das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?". Cristo é o

Redentor e a expiação perfeita com o preço da prata. A base de prata das colunas revela-nos que a redenção efetuada por Cristo é o alicerce da nossa esperança. Com essa segurança, temos acesso ao Trono da Graça, pois a justiça nunca poderia ser imputada a nós se Cristo não nos tivesse redimido pelo seu sangue (Rm 3.24-26; 2 Co 5.21).

Cobre (ou Bronze) – (Êx 27.11; 38.29-31)

Os tradutores do Pentateuco tiveram alguma dificuldade para traduzir os vocábulos nehoshel, no hebraico, e chalkos ou chalkolibano, no grego, que se referem ao cobre ou ao bronze em seu estado puro. Os textos de Apocalipse 1.15 e 2.18 são traduzidos por "latão reluzente" ou "bronze polido". Na verdade, algumas análises químicas de objetos de bronze indicam de 2% a 16% de estanho. As versões bíblicas traduzem o termo hebraico nehoshet como bronze ou cobre, já que os dois são vistos como sendo o mesmo material, ainda que sejam, de fato, uma mistura composta de estanho e cobre. Por isso, seu simbolismo é juízo. Um exemplo forte é o que aconteceu com Israel quando, peregrinando no deserto, começou a murmurar contra Deus e contra Moisés (Nm 21.8,9). O povo esqueceu-se de tudo quanto Deus havia feito em seu favor, e o juízo foi com serpentes venenosas que picaram as pessoas, e muitas morreram. O juízo de Deus foi demonstrado com a fabricação de uma serpente enorme de metal colocada sobre uma haste. Toda pessoa que era picada por serpentes

"Uma vez que Cristo tomou o nosso pecado mediante o seu sacrifício no calvário, todo aquele que for lavado no sangue do Cordeiro têm acesso livre à presença de Deus Pai."

venenosas e olhava para a serpente de metal ficava viva. Essa serpente de cobre ou bronze representou o juízo de Deus contra o pecado da murmuração do povo. Jesus, em seus dias na terra, lembrou a experiência de Israel com o juízo das serpentes e comparou a sua morte com o juízo divino. Cristo, em sua carne, recebeu o juízo de Deus na cruz do calvário pelos pecados da humanidade (ver 2 Co 5.21). Por isso, todo aquele que olhar para Ele pela fé não será condenado (Jo 3.14-19). Um ponto importante a considerar é que só tinha móveis de bronze (ou cobre) no Pátio. Os utensílios usados em serviço pelos sacerdotes eram de cobre (Êx 27.19); o Altar de Sacrifícios foi revestido com cobre (Êx 27.1-8); as cortinas ao redor do Tabernáculo tinham colunas com bases de cobre (Êx 27.9-18); a Pia lavatório (ou bacia) e a porta de entrada do Tabernáculo eram de cobre (Êx 30.17-21); entre a porta do Pátio e a entrada para o Lugar Santo, havia cobre, indicando que o que havia sido realizado no altar de sacrifícios garantia que o juízo foi feito. Uma vez que Cristo tomou o nosso pecado mediante o seu sacrifício no calvário, todo aquele que for lavado no sangue do Cordeiro têm acesso livre à presença de Deus Pai (Hb 4.15,16; 10.19-25).

Os Materiais de Natureza Vegetal

O Linho

Do reino vegetal, o linho é uma planta herbácea que pertence à família das linháceas. É uma planta que é composta de uma substância fibrosa, da qual se extraem as fibras longas para a fabricação de tecidos. Desde os tempos bíblicos, o linho era cultivado pelos povos antigos. Na vida do povo hebreu, além das vestimentas comuns do povo, Moisés usou o linho para a

fabricação das cortinas e véus do Tabernáculo (Êx 26.1), bem como para as roupagens dos sacerdotes (Êx 28.5). O hebraico shesh provavelmente advém do Egito sens, que significa o número seis (6). Deduzem os rabinos que se refere a um tipo de linho que se tecia no Egito e era feito de seis dobras, das quais se formavam apenas um fio especial. Esse fio era chamado "linho fino branco". Sua simbologia bíblica é a vida santa de Cristo Jesus na terra, a qual foi imaculada e pura (Is 53.9; Jo 8.46; 2 Co 5.21; Hb 4.15; 1 Pe 2.22). O linho fino é um tipo de justiça pessoal (Ap 19.8). Nas cortinas do Átrio, o linho fino representa um tipo de justiça dos que querem chegar-se a Deus (ver Lc 10.25-28). A justiça prática que Deus demanda na Lei impede a entrada do homem à sua presença, visto que o homem não tem condições por si mesmo para cumprir as exigências da Lei. Deus, no entanto, providenciou um meio para conceder essa graça ao pecador mediante Jesus Cristo (Jo 10.9; Hb 10.19). O linho fino foi utilizado não só para as vestimentas sacerdotais, como também para a confecção das cortinas externas e internas do Tabernáculo. O linho representa a humanidade de Jesus e a sua perfeição como Homem (Hb 7.26).

Materiais do Mundo Animal

Peles de Texugos (Êx 35.23)

Os tradutores da Bíblia, especialmente os da Septuaginta grega, traduziram o vocábulo hebraico tá-hash sem levar em conta a sua etimologia e, por isso, entenderam que a palavra não denotava um animal, mas, sim, uma cor azul. Os estudiosos judeus entendem que tá-shah refere-se a um animal. Discutem os lexicógrafos do hebraico que acham a tradução da

Septuaginta como uma simples conjectura. Algumas versões da Bíblia verteram a tradução do vocábulo hebraico referindo-se a "peles de texugos", de golfinhos ou focas. A versão que usamos (ARC) aderiu à tradução de "peles de texugos". Entretanto, peritos na língua hebraica rejeitam essa tradução, porque entendem que golfinhos, focas e texugos são animais que vivem em locais muito distantes e frios em relação aos desertos nos quais Israel peregrinou. A versão da ARA traduz o texto de Êxodo 25.5: "Peles de carneiro tintas de vermelho [...]". Aceita-se como sendo "peles de animais". O texugo é um animal terrestre que constrói sua casa na terra. Golfinhos ou focas são animais marinhos. Essas peles tinham cores acinzentadas da cor do deserto e serviam para camuflar o Tabernáculo. Os antigos egípcios faziam o comércio de focas ou golfinhos, que, naqueles tempos, também viviam em algumas ilhotas do Mar Vermelho.

Tipologicamente, Jesus é o Tabernáculo, e a sua cobertura externa sem beleza alguma nos faz lembrar que, embora, Jesus fosse plenamente Deus, Ele manifestou-se como Verbo divino que se fez carne (Jo 1.14); por isso, Ele também foi plenamente homem. Como tal, Ele veio ao mundo sem nenhuma ostentação e atrativo algum. O profeta Isaías profetizou acerca dEle e disse: "Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos" (Is 53.2). O apóstolo Paulo escreveu aos filipenses que Ele humilhou-se a si mesmo na forma de homem (ver Fp 2.8).

Pelos de Cabras (Êx 36.14-18)

Bem típico daquelas regiões desérticas e montanhosas, havia grande quantidade de cabras, que eram animais bem típicos e adaptáveis àquelas terras. Os beduínos, em especial, teciam fios e telas fortes com os fios dos pelos de cabras, que eram utilizados para fazer tendas e para cobri-las com o objetivo de protegerem-se do sol forte e, também, por serem impermeáveis a chuvas e ventos fortes. Um tipo perfeito da expiação que Cristo efetuou por nós (ver Mt 26.28; Rm 3.21-23; 1 Co 1.30). Com os fios de pelo branco de cabras, foram tecidas as cobertas tanto para o Lugar Santo quanto para o Lugar Santíssimo.

Peles de Carneiro Tingidas de Vermelho (Êx 26.14)

Abaixo da cobertura externa, havia uma segunda cobertura de peles tingidas de vermelho. Como ninguém do lado de fora podia ver essas peles avermelhadas pelo tingimento, elas serviam tão somente para lembrar aos sacerdotes que ninguém podia entrar ali sem que houvesse derramamento de sangue, símbolo da expiação (ver Is 53.3-6; Rm 3.24-26; Hb 9.12,14,22). O perdão de Deus só é possível mediante o sacrifício de Cristo, que derramou seu precioso sangue no calvário para expiar a nossa culpa.

Materiais de Natureza Vegetal

Madeira de cetim (ou de acácia) (Êx 25.10,23; 26.15)

É um tipo de pequeno arbusto, que possui um caule rígido e retorcido. Trata-se de um arbusto típico daquelas regiões desérticas, pertencente à família das mimosáceas e que cresce na Península do Sinai. Havia muito desse arbusto no Egito e na Palestina. Era uma madeira muito apreciada por ser rígida, durável e que servia para as construções. Ela foi utilizada para fabricar os móveis do santuário do Tabernáculo e representa a

humanidade perfeita de Cristo, que seria cortado conforme a profecia de Isaías (ver Is 53.8; Dn 9.26), mas que seria mantido indestrutível (Is 53.10; At 2.30,31; Rm 6.9). A madeira de acácia aponta para o caráter perfeito e frutífero de Cristo.

III. O Tabernáculo era um Projeto da Mente de Deus

Todos esses elementos da estrutura, da organização e da fabricação dos móveis do Tabernáculo foram projetados na mente de Deus. Mesmo que Moisés tenha sido formado "academicamente" nas ciências do Egito, conhecendo Engenharia, Medicina e Artes e tendo sido educado como "filho da filha de Faraó", nenhum item do projeto do Tabernáculo foi fruto da mente do líder de Israel. Ele ouviu de Deus todo o esboço da obra e persuadiu ao povo hebreu de que o Tabernáculo era um projeto celestial. Era o desejo de Deus habitar entre os homens, e Ele efetivou esse desejo na construção do Tabernáculo, tendo iniciado esse projeto com a semente de Abraão, que foi escolhido para efetivar esse desejo. O ponto de partida foi Israel, mas o objetivo final visava toda a humanidade. Deus fundiu o céu com a terra, e essa fusão alcançaria o seu objetivo maior na encarnação de Jesus Cristo, seu Filho Amado, especialmente na "plenitude dos tempos" (Gl 4.4; cf. Ef 1.5-10).



Capítulo 12

O TABERNÁCULO: UM PROJETO DE DEUS

Desde que os israelitas (filhos de Jacó) saíram do Egito e caminharam até as cercanias do Monte Sinai, onde Deus falou com Moisés e deu suas leis, o seu desejo era habitar no meio do seu povo. Para isso, Ele deu a Moisés a planta e os detalhes de construção de uma "tenda" que seria construída para juntar e reunir o seu povo diante dEle e receber sua Palavra. Essa "Tenda" seria chamada "Tabernáculo" e teria um caráter provisório, porque podia ser armada e desarmada durante a caminhada de Israel pelo deserto. Esse tabernáculo seria como a sombra de um bem futuro (Cl 2.17) e seria mais do que um protótipo ou modelo do futuro Templo de Salomão. Seria, de fato, um protótipo da pessoa de Cristo, o seu antítipo mais fiel.

Nos capítulos 12–19 de Êxodo, depois que Israel rompe definitivamente com o Egito após a instituição da Páscoa, quando os primogênitos do povo israelita foram poupados da espada do anjo da morte, o caminho do deserto tornou-se-lhes uma saída vitoriosa da escravidão egípcia. No capítulo 13, os primogênitos de Israel foram consagrados para que a experiência da última praga sobre o Egito, que poupou os primogênitos de Israel, fosse lembrada em todas as gerações.

I. Deus Mostra a sua Providência de Modo Espetacular

No capítulo 14 de Êxodo, versículos 15 a 26, a primeira grande proeza divina acontece quando Deus, ao ver o seu povo encurralado contra o Mar Vermelho pelo exército de Faraó, envia um vento forte vindo do oriente, o qual soprou sobre aquele mar e abriu um caminho para que todo o povo passasse a seco para o outro lado. O exército de Faraó, que vinha para impedir a continuação da viagem do povo de Israel, foi surpreendido por aquele vento e teve seus carros quebrados, e seus cavaleiros armados foram impedidos de chegar a tempo para fazer o povo voltar (Êx 14.21-25). Quando se aproximaram do mar, viram o caminho que Deus abrira e, então, entraram afoitamente no caminho seco. Depois de todo o povo de Israel passar com suas bagagens e seus animais, Deus fez com que o vento soprasse sobre o mar, fazendo com que se soltassem as águas muradas sobre aquele caminho, e o mar fechou-se sobre eles (Êx 14.26-28). Sob a liderança de Moisés e Arão, o povo confiou na palavra de Moisés e foi milagrosamente salvo.

No capítulo 15, Moisés, inspirado pela proeza divina, canta um cântico de louvor ao Senhor. Ainda nos capítulos 15–19, depois de experimentar as provisões de Deus com água e maná, Israel chega ao Monte Sinai, que fazia parte de uma cadeia de montanhas, e o chamado "deserto do Sinai", que era uma planície desértica perto do monte onde Israel montou acampamento.

II. Deus Resolve Organizar a Vida de Israel

Nos capítulos 19 e 20, a história da peregrinação de Israel toma um rumo diferente porque Deus resolveu organizar a vida social, econômica, política e religiosa dos hebreus. Em sua caminhada, o povo chegou a uma área plana e desértica próxima ao Monte Sinai, e Deus chama a Moisés para

comunicar-se com Ele no alto do monte (Êx 19.3). Depois que Moisés subiu ao monte, o Senhor fez promessas de abençoar o povo. Então, o grande líder Moisés convocou os anciãos do povo (que eram os chefes de famílias) para ouvirem tudo quanto o Senhor havia-lhes falado. A visão era espetacular porque todo o povo olhava para o alto do monte e para uma nuvem espessa sobre o cume do monte, e todos sabiam que o Senhor era quem estava naquele lugar alto falando com Moisés (Êx 19.5-11). Moisés estava envolto pela glória de Deus no meio daquela nuvem singular. Ainda no capítulo 19, Deus fala com Moisés e dá as suas leis, entre as quais o Decálogo, que está no capítulo 20. A partir dos capítulos 21 até o 24, todas as leis sobre família, propriedade, sobre imoralidade entre o povo, sobre idolatria e outros elementos de comportamento do povo foram transmitidos a Moisés. No capítulo 23, o Senhor estabeleceu em Israel as festas principais, entre as quais: a Festa dos Pães Asmos (23.15), a Festa da Sega, ou seja, a Festa da Colheita (23.16) e a Festa das Primícias (23.19).

III. Deus Revela o seu Desejo de Habitar com o seu Povo

O texto revela que o Senhor, de forma transcendente e imanente, manifestou-se com sua shekinah (glória visível) no cume do monte, porque desejava habitar com o seu povo. A partir de então, Deus revelou o seu intento de habitar no meio do povo e, para que isso se efetivasse, Ele deu a Moisés o desenho de uma morada que ficaria no meio do povo. Moisés entrou no meio da nuvem no alto do Monte Sinai (24.16-18), e a glória do Senhor era visível aos olhos de todo o Israel porque essa glória manifestava-se como “fogo consumidor”, e Moisés

esteve com o Senhor naquele monte durante "quarenta dias e quarenta noites" (Êx 24.18).

IV. Deus Foi o Arquiteto do Tabernáculo (Êx 25.8,9)

Tão logo o povo de Israel saiu do Egito tendo tomado o caminho do deserto, nas cercanias do Monte Sinai, o povo parou sua caminhada enquanto Moisés subia o monte para ouvir de Deus as orientações sobre o seu papel de líder desse povo. O povo, porém, era insubordinado e faltava-lhe uma experiência marcante que o fizesse temer ao Senhor. Moisés, ao voltar do monte, tomou a sua tenda e "a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação" (Êx 33.7), pois era nela que o líder de Israel recebia as instruções divinas e as comunicava ao povo (Êx 33.7). Deus, entretanto, teve paciência com seu povo e não desistiu do seu projeto de um lugar onde Ele pudesse conviver com o seu povo. Ainda vivendo perto do Sinai, o Senhor revelou-se a Moisés e aos 70 anciãos do povo, além de Arão, Nadabe e Abiú, e todos viram a glória de Deus demonstrada numa nuvem. Quando Deus falou com Moisés e chamou-o para subir ao monte, "o aspecto da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte [...]" (Êx 24.15-17). Por 40 dias e 40 noites, Moisés entrou no meio da nuvem e subiu até o cume do monte para ouvir a Deus (Êx 24.18). Naquele monte, o Senhor deu a Moisés o desenho da planta da construção do Tabernáculo onde o Senhor habitaria. O autor da Carta aos Hebreus escreveu que o Tabernáculo foi construído a partir de um padrão celestial o qual foi mostrado a Moisés no monte Sinai (Hb 8.5). Quando Estevão anunciou a Jesus em sua ousada pregação em Jerusalém, ele lembrou a história do seu povo e

disse: "Estava entre nossos pais no deserto o tabernáculo do Testemunho (como ordenara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha visto)" (At 7.44). Tanto o Tabernáculo quanto o Templo são modelos que posteriormente revelam Jesus Cristo como o Salvador do mundo.

V. deus Desenhou o projeto do tabernáculo

"Na mente de Deus, habitar com o seu povo no Tabernáculo significava unir o céu a terra, e essa união alcançaria o seu objetivo máximo na encarnação de Jesus Cristo, seu Filho Amado, na plenitude dos tempos."

O projeto era divino, mas Deus usou a formação acadêmica de Moisés nas ciências do Egito para administrar a construção do Tabernáculo, embora nenhum item do projeto do Tabernáculo tenha sido fruto da sua mente engenhosa. Ele ouviu de Deus e persuadiu o povo de Israel de que o Tabernáculo era um projeto celestial. Era o desejo de Deus habitar entre os homens e quebrar a parede de separação pelo pecado no Éden. Na mente de Deus, habitar com o seu povo no Tabernáculo significava unir o céu a terra, e essa união alcançaria o seu objetivo máximo na encarnação de Jesus Cristo, seu Filho Amado, na plenitude dos tempos (Jo 1.14; Gl 4.4; Ef 1.5-10). Na realidade, o Tabernáculo terrestre foi uma cópia do Tabernáculo celestial (Êx 26.30; Ap 1.5; 21.3).



Capítulo 13

O TABERNÁCULO DO ANTIGO TESTAMENTO: UM TIPO PERFEITO DE CRISTO

É interessante notar que cada detalhe do Tabernáculo tinha uma relação especial de ensino. Seus materiais, suas medidas, suas peças de mobiliário, seus utensílios, suas cores, suas cortinas e tantas coisas mais foram projetados por Deus para nossa instrução. Podemos ver através da tipologia a beleza da Pessoa e da Obra de Cristo, o Messias. O apóstolo Paulo entendeu a dimensão dessa tipologia quando disse que "Cristo é tudo em todos" (Cl 3.11). No plano de Deus, também podemos ver as disposições do futuro Tabernáculo, ou seja, o edifício espiritual chamado Igreja, do qual Cristo é a pedra angular, e nós, as pedras vivas edificadas neste edifício (ver 1 Pe 2.4-6).

O Tabernáculo, a Imagem e a Sombra do Santuário Celestial

Quando estudamos sobre o Tabernáculo, podemos entender melhor sobre a obra de Cristo descrita nos livros do Novo Testamento. Por isso, a tipologia existente foi escrita para nossa instrução (ver 1 Co 10.11), e, portanto, nenhum tipo está sem seu correspondente antítipo, e nenhuma sombra sem sua pertinente realidade espiritual.

Chama-nos a atenção que "a tenda da congregação" era um templo portátil, que podia ser mudado para vários lugares, mas era o lugar onde o povo hebreu encontrava-se com Deus. Entendemos, então, que Cristo, nosso Santuário, é o ponto

convergente de todos os cristãos onde Ele estiver. Outrossim, o modelo desse Santuário foi dado a Moisés no Monte Sinai e, depois de pronto, foi um ponto de encontro com Deus, e onde estivesse o Tabernáculo, ali estaria presente o Senhor de Israel. Durante toda a sua peregrinação no deserto, o Senhor esteve com o povo de Israel até este ser instalado na Terra Prometida.

Em todo o tempo da vida nômade de Israel no deserto, o Senhor esteve com o seu povo. O Santuário era terreno, porém cheio da presença de Deus. Todo o povo podia ouvir a voz de Deus, oferecer seus sacrifícios e buscar o perdão pelos pecados cometidos. Naquele local, o Senhor estava presente para responder às petições do povo (ver Êx 25.8,22). Do mesmo modo, identificamos Cristo e sua Igreja (ver Mt 1.23; 2 Co 6.16). Por isso, o Tabernáculo era a imagem e a sombra do Santuário celestial (ver Hb 8.2,4,5; 9.8,11,23,24). Na Carta aos Hebreus, o autor declarou que o santuário de Moisés feito por meio do homem era a cópia do verdadeiro no céu (ver Hb 8.1,2; 9.24).

O Tabernáculo Era o Verbo que se Fez Carne (Jo 1.14)

A primeira coisa que temos de entender nesta escritura é a revelação da Deidade do Verbo: "No princípio era o Verbo, [...] e o Verbo era Deus", ou seja, o unigênito Filho, isto é, "o Unigênito de Deus" (Jo 1.1,14,18).

Na língua grega do NT, a palavra "verbo" é Logos, e isso indica que só o "Deus-Homem" (Jesus, que se fez carne) pôde revelar plenamente a Deus na forma de homem para poder ser compreendido. O texto diz literalmente: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14).

A palavra "carne" significa tão somente a natureza humana assumida por Jesus. A expressão "o Verbo se fez carne" traduz-

se como eskenosen, no grego bíblico, e significa "habitou num tabernáculo", ou seja, "o verbo se fez homem". Paulo emprega a expressão "tenda" para referir-se ao corpo como "morada terrena". Do mesmo modo, Cristo foi a manifestação visível de Deus em carne para habitar entre o seu povo. Ele foi a plena manifestação da presença divina no meio do seu povo. Paulo escreveu a Timóteo, dizendo: "E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória" (1 Tm 3.16). O Filho de Deus fez-se homem sem deixar de ser Deus. Assim como a Palavra de Deus vive e permanece para sempre (ver 1 Pe 1.23), assim também o Verbo de Deus, uma vez feito homem, permanecerá para sempre "Deus-Homem".

Entendemos, portanto, sem sombra de dúvida, que a igualdade de natureza divina entre Deus Pai e Deus Filho foi possível porque Jesus foi gerado pelo Espírito Santo. A palavra "unigênito", em relação ao Filho de Deus, aparece na língua grega do NT como monogenes, que vem de mono, ou seja, único, singular, e genes, que advém de ginomai, que significa "ser, existente". Subentende-se que monogenes significa: único de sua classe, único em seu gênero, único em sua espécie e diferente a toda coisa criada. Portanto, o Verbo, sendo Deus, tem a mesma natureza de Deus e a "expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3).

O Tabernáculo de Deus na Terra É a Igreja de Cristo

Se nem o Tabernáculo de Moisés, nem o Templo de Salomão e nem os outros templos reconstruídos em Israel não existem mais, onde Deus habita agora? Os mais lindos santuários foram construídos ao longo da historia. Desde os tempos do AT até os

nossos tempos, podemos entender por que a Escritura em Atos 17.24 declara que Deus "não habita em templos feitos por mãos de homens". Portanto, não são os templos materiais que tem a Deus como morador permanente. Tem-se a presença imanente de Deus nos nossos templos, mas sua habitação não é em lugares físicos, como foi em Israel.

No Tabernáculo do deserto, a presença de Deus era sentida na simbologia dos mobiliários existentes, especialmente a "Arca da Aliança". Deus vê a igreja local como casa espiritual, isto é, Ele está presente na vida da igreja através do Espírito Santo. Esta casa espiritual (a Igreja) é construída com pedras espirituais que são os remidos pelo sangue de Cristo. Esta é a morada de Deus na terra (ver 1 Pe 2.4-9). Ele, Jesus, é o Tabernáculo de Deus com os homens, porque Ele morará com eles, e eles serão seu povo (ver Ap 21.3).

O Tabernáculo de Deus É, particularmente, o Crente

Aprendemos que o Tabernáculo é uma antecipação do Cristo de Deus e do deleite que Ele tem em seu povo redimido. Visto que todo crente é identificado na Bíblia como "pedra viva" edificada como casa espiritual e sacerdócio santo, o Tabernáculo é símbolo de todo crente. A presença de Cristo é sentida com a vinda do Espírito Santo, que o Filho enviou para viver e morar no crente. Jesus disse aos seus discípulos: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós" (Jo

"Não há, portanto, o que duvidar: nosso corpo é, particularmente, o Tabernáculo do Espírito Santo."

14.16,17). Outra verdade acerca da morada do Espírito Santo no crente é o selo da promessa que se refere à garantia dessa morada do Espírito Santo no crente e da obra expiatória efetuada por Cristo. O texto de Paulo diz: "[...] fostes selados com o Espírito Santo da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus, para louvor da sua glória" (Ef 1.13,14). Não há, portanto, o que duvidar: nosso corpo é, particularmente, o Tabernáculo do Espírito Santo (ver 1 Co 6.19).